

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

Lynne Graham

Segredos de Amante



CONTO HARLEQUIN DE PRESENTE!
***Solteiro em risco*, de Rebecca Winters**



Escondendo-se do grego!

O divórcio de Giorgios Letsos mal acabara de ser finalizado e ele já tinha um novo objetivo: encontrar Billie Smith, sua amante antes do casamento. Contudo, a mulher doce que um dia conhecera não existe mais... e batera a porta na sua cara! Billie lutou muito para se reerguer após Gio decidir ser marido de outra. E quando ele volta para sua vida, Billie não se apaixonará novamente. Ainda mais agora que tem um segredo a proteger: o filho deles! Mas Billie não imagina o quanto Gio quer tê-la de volta em sua cama...



– Gio, você me disse que eu precisava tomar juízo quando informou que ia se casar e fez exatamente o que mandou... como sempre – sussurrou com amargura. – Tomei juízo e isso significa não ouvir nem mais uma palavra que tenha a dizer.

– Não reconheço você.

– E por que deveria? Já se passaram dois anos desde que nos separamos e não sou mais a mesma pessoa – declarou orgulhosa.

– Talvez ajudasse se olhasse nos meus olhos e repetisse isso – provocou, observando a postura ereta e tensa dela.

Ruborizada, Billie por fim se voltou e colidiu perigosamente com os estonteantes olhos escuros e fundos, emoldurados por cílios espessos. A primeira vez que os tinha visto, ele estava doente, com febre alta, mas os olhos nem por isso perdiam o poder hipnotizante. Engoliu em seco.

– Eu mudei...

– Não estou convencido, *moli mou*. – Gio a encarou, satisfeito com a onda de energia sexual que pairava na atmosfera. O fato de Billie estar tão tensa quanto ele era a prova que buscava. Nada havia mudado. Com certeza não a mais básica química de todas. – Quero você de volta.

Querida leitora,

Após ter o coração partido pelo único homem que já amou, Billie precisou se recompor rapidamente, pois teria de cuidar não só de si mesma, mas também da criança que esperava. Dois anos depois, é surpreendida quando Giorgios Letsos bate à sua porta. Ele acabara de se divorciar, e tudo o que queria era reconquistar Billie. Porém, agora há muito mais em jogo do que apenas desejo...

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Lynne Graham

SEGREDOS DE AMANTE

Tradução
Marie Olivier



2015

CAPÍTULO 1

O BILIONÁRIO grego da área de petróleo, Giorgios Letsos, oferecia a festa do ano em sua casa em Londres. Entretanto, em vez de socializar, respondia e-mails, fugindo das mulheres predatórias que lhe seguiam os passos desde que a mídia anunciara seu divórcio.

– *Ouvi dizer* que ele a dispensou porque ela estava envolvida com drogas – murmurou uma voz feminina da porta escancarada da biblioteca, esquecida aberta pela empregada que viera trazer um drinque para o patrão.

– *Pois eu ouvi* – disse outra mulher – que ele a largou na porta da casa do pai no meio da madrugada com todos seus pertences.

– *Eu ouvi* – interpôs-se outra voz – que o acordo pré-nupcial firmado entre eles a deixou *sem* um centavo.

Gio achou engraçado que a especulação ocupasse seus convidados negligenciados. O celular vibrou e ele atendeu.

– Sr. Letsos? Meu nome é Joe Henley das Henley Investigations...

– Pois não? – inquiriu distraído, imaginando que se tratava de mais uma das ligações quinzenais para reportar um resultado negativo. Com a atenção ainda no laptop, concluiu a compra de outra empresa com a concentração e o prazer que jamais encontraria em nenhuma festa.

– Nós a encontramos... quer dizer, desta vez estou noventa por cento certo – comunicou o homem com cuidado, pois nenhum dos dois jamais esquecia o erro cometido quando Gio seguiu à toda em sua limusine e acabou deparando com uma estranha. – Tirei uma foto e já enviei por e-mail. Talvez seja conveniente checar antes de prosseguirmos.

Nós a encontramos... De repente, Gio entrou em ação, pulando da cadeira, do alto de seus imponentes 1,90m, ajeitando os ombros largos enquanto abria os e-mails. Uma intensidade feroz cintilava em seus olhos escuros enquanto identificava o e-mail e clicava no anexo.

Não era uma boa foto, mas imediatamente reconheceu a figura miúda e curvilínea numa capa de chuva floral. Excitação e satisfação invadiram de modo intoxicante seu corpo.

– Você vai receber um generoso pagamento por esse serviço – sussurrou com rara afetuosidade enquanto admirava a foto, como se ela pudesse desaparecer a qualquer momento. *Como tinha de fato desaparecido.* Ela se empenhara em sumir de modo tão absoluto que ele

começara a acreditar que, nem mesmo com todos os recursos à sua disposição, a localizaria. – Onde ela está? – pressionou.

– Tenho o endereço, sr. Letsos, mas não obtive suficiente informação para preparar um relatório – explicou Joe Henley. – Se me conceder mais uns dois dias, procederei da maneira habitual...

– Tudo de que preciso, tudo que *quero* – pontuou Gio com crescente impaciência diante da ideia de esperar uma hora sequer –, é o endereço dela.

De repente, Gio sorria pela primeira vez em muito tempo. Por fim a encontrara. Claro que isso não significava que pretendia perdoá-la. Esticou-se, ajeitando os ombros musculosos. A boca larga e sensual contraiu-se de um jeito que deixaria os diretores executivos apavorados, pois era um homem durão, inflexível e teimoso, bastante temido no mundo dos negócios. Afinal, Billie tinha ido embora. Ora, na verdade tinha sido a única mulher a deixar Gio Letsos. Mas ali estava na tela, *sua* Billie, ainda usando roupas floridas como uma explosão da natureza, o cabelo cacheado num tom caramelo emoldurando o rosto em formato de coração e os olhos enormes estranhamente sérios.

– Você não é um anfitrião muito atencioso – afirmou a voz vinda da porta. O homem era tão baixo quanto Gio era alto e tão louro quanto Gio era moreno, mas Gio e Leandros Conistis eram amigos desde a escola, ambos nascidos em famílias ricas, privilegiadas e com pedigree, mas desestruturadas. Haviam se conhecido em um colégio interno exclusivo e caro em Londres.

Gio fechou o laptop e contemplou o amigo.

– Esperava uma atitude diferente?

– Mesmo partindo de você, a resposta parece arrogante – comentou Leandros.

– Nós dois sabemos que mesmo que eu desse uma festa em uma gruta onde fosse proibido o consumo de bebida alcoólica, a festa lotaria – pronunciou Gio, seco, cômico do poder de sua imensa fortuna.

– Não sabia que ia dar uma festa para comemorar o divórcio.

– Isso seria de péssimo gosto. *Não* se trata de uma festa para comemorar meu divórcio.

– Você não me engana – avisou Leandros.

O rosto fino e forte permanecia impassível, e sua famosa reserva imperava.

– Calisto e eu nos divorciamos de modo muito civilizado.

– E agora você está de novo no mercado e as aproveitadoras estão fechando o cerco – mencionou Leandros.

– Nunca mais vou me casar – assegurou Gio, irritado.

– Nunca é muito tempo.

– Estou falando sério – enfatizou em tom aborrecido.

O amigo nada declarou e tentou desconstrair a atmosfera com uma antiga piadinha.

– Pelo menos Calisto sabia que Canaletto não é o nome de um cavalo de corrida.

Ele ficou imóvel, os traços sombrios, finos e devastadores retesados, ao ouvir a piada que há tempos não ouvia. Infelizmente, aquele não era o momento mais adequado para gracinha.

– Quero dizer – Leandro ainda ria –, não o culpo por dispensar aquela cabeça de vento!

Gio ficou calado. Não tinha o hábito de fazer confidências ou abrir o coração nem para o melhor amigo. Na verdade, Gio não tinha dispensado Billie; simplesmente não voltara a aparecer com ela em público.

NA GARAGEM, Billie revirava as roupas e as bijuterias compradas durante a semana para colocar à venda em sua loja de mercadoria vintage. Separava os itens em pilhas para lavar, consertar ou mandar para a tinturaria, até deixá-las como novas. Enquanto trabalhava, não parava de conversar com o filho.

– Você é a criança mais linda e adorável do mundo – disse a Theo com afeto, enquanto ele balançava as perninhas na cadeira, sorria angelicalmente e mastigava seu lanche.

Com um suspiro, ela endireitou as costas, refletindo que todo aquele abaixa-levanta tinha alguma vantagem: livrá-la dos poucos quilos ganhos enquanto carregava o bebê na barriga. O médico tinha avisado que engordar era normal, mas Billie sempre tivera de ficar de olho no peso e sabia que ganhar era fácil, mas não perder. E o problema de ter apenas 1,57m, busto grande e quadris largos era que uns quilinhos extras e a cintura mais grossa a deixavam parecida com um barril.

O jeito era levar todas as crianças para a pracinha e dar voltas e mais voltas com o carrinho de bebê, decidiu zombeteira.

– Quer café? – perguntou Dee.

– Adoraria – respondeu à prima, com quem dividia o apartamento.

Felizmente a solidão chegara ao fim desde que retomara a amizade com Dee, embora por pouco tivessem se perdido. Billie estava grávida de quatro meses quando compareceu ao funeral da tia em Yorkshire e começou a conversar com Dee, com quem frequentara a escola primária, embora Dee fosse vários anos mais velha. A prima também era mãe solteira. No funeral da mãe, Dee aparecera com o olho roxo e mais manchas que um lutador. Na época, Dee morava com os gêmeos num abrigo para mulheres que sofriam maus-tratos. Jade e Davis agora tinham 5 anos e haviam começado a frequentar a escola. Para todos, a vida na pequenina cidade onde Billie comprara uma casa representava um novo começo.

E a vida era *boa*, afirmou Billie a si mesma com firmeza, enquanto tomava café e ouvia Dee reclamar da quantidade de dever de casa de Jade, o que no fundo representava sua total incapacidade de entender matemática, bem como de compreender o motivo de a professora sobrecarregar sua filha com tantos exercícios. *Esta* vida era comum e segura, refletiu pensativa, aliviada com o barulho da máquina de lavar e o silêncio das crianças, que assistiam à televisão na sala de estar ao lado. É verdade que não havia momentos excitantes, mas tampouco havia grandes aborrecimentos.

Billie jamais se esqueceria da agonia enfrentada em sua pior crise, um desespero que durara incontáveis semanas. Aquela fase de sua vida quase a destruía e mal conseguia conter um estremecimento quando se lembrava da depressão que a consumira. Ela ficara muito magoada e parecia não haver jeito de interromper ou evitar a dor. Na verdade, empregara um extraordinário esforço para ver que havia luz no fim do túnel. Admirou Theo com imensa satisfação.

– Não é saudável amar tanto um bebê – avisou Dee franzindo a cara. – Bebês crescem e um dia deixam a gente. Theo é um bebê adorável, mas é uma criança, Billie, e você não pode focar sua vida nele. Você *precisa* de um homem.

– Preciso de um homem assim como um peixe precisa de uma bicicleta – interrompeu sem hesitação, reconhecendo que o desastre ocorrido em seu único relacionamento tinha sido suficiente para querer manter distância dos homens pelo resto da vida. – E quem é você para falar?

– Já tive namorados, já passei por isso – concordou e sorriu Dee, que era alta, magra e de olhos cinzentos

– Exato – concordou Billie.

– Mas eu não tenho as opções que você tem – argumentou. – Se eu fosse você, sairia toda noite e encontraria um monte de caras.

Theo agarrou os tornozelos de Billie e se levantou devagar, sorrindo triunfante com a feição. Considerando que o filho passara meses com as duas pernas imobilizadas, ele recuperava rápido a mobilidade. Por um milésimo de segundo, ele a fez pensar no pai do menino, tão forte, e não gostou nada disso. *Jamais* pensava nele, pois não se permitia reviver o passado. Relembrar os erros cometidos era contraproducente. Aprendera duras lições a partir dessas experiências e se forçava a seguir em frente sem olhar para trás.

Dee examinou a prima com franca frustração. Billie Smith era o equivalente a um ímã para atrair homens. Parecendo uma miniatura da Vênus, cachos de cabelo cor de chocolate e um rosto impressionantemente bonito, Billie exalava aquele atrativo natural e sex appeal que atraía o sexo oposto aos montes. Os homens tentavam puxar conversa com Billie no supermercado, em estacionamentos e na rua; buzinaavam quando passavam por ela, assobiavam pela janela e paravam para oferecer carona. Se a prima não fosse de uma gentileza sem par, sem contar o fato de não ser nada convencida quanto a seus atributos físicos, Dee estava convencida de que morreria de inveja. Claro que seria a última a invejar o longo e infeliz namoro de Billie com o cruel, o porco egocêntrico que partira seu amável coração, pensou culpada. Como Dee, Billie pagara um preço alto ao apaixonar-se pelo homem errado.

Bateram com força na porta da frente.

– Eu atendo – avisou Billie. Dee estava passando a roupa, tarefa que Billie odiava com todas as forças.

Davis saiu correndo da sala, quase tropeçando em Theo, que engatinhava seguindo os passos da mãe.

– Tem um carro grande... um carro muito grande na rua! – exclamou o menino.

Provavelmente um caminhão de entrega, imaginou Billie. Qualquer veículo com rodas fascinava o filho de Dee. Destrancou a porta e, em seguida, recuou abruptamente. A surpresa e o pânico penetravam em sua pele como uma súbita descarga de adrenalina.

– Você é uma mulher difícil de se encontrar – murmurou Gio com extrema segurança.

Os músculos faciais de Billie retesaram-se com o choque. Não poderia demonstrar nenhuma sensação, mesmo que isso lhe custasse a vida, mas os grandes olhos verdes arregalaram de ansiedade.

– O que veio fazer aqui? Pelo amor de Deus, a troco de que queria me achar?

Gio a fitou com um olhar sombrio. Vinte e quatro sardas adornavam o nariz dela e as maçãs do rosto. Tendo contado uma a uma, sabia o número exato. Os olhos claros, os traços delicados e a boca carnuda não tinham mudado, observou aliviado, a atenção movendo-se inexorável para o corpo numa admiração disfarçada, pois lutava para se conter. Uma camiseta jeans desbotada colava-se nos seios firmes e redondos e, contra sua vontade, a atenção se concentrou nos seios, o desejo deixando sua libido acesa pela primeira vez em tempos.

Alívio, e não irritação, consumiu Gio. Fazia tempo desde que experimentara tal reação diante de uma mulher. Tanto que temera que seu casamento tivesse aniquilado sua masculinidade. Mas ele era o primeiro a reconhecer que nunca tinha desejado uma mulher tanto quanto Billie.

Certa vez, a levava a Nova York para passar apenas uma noite, porque literalmente não podia passar outra semana sem dividir a cama com ela.

Billie estava tão agitada, tão amedrontada que Gio Letsos a tivesse procurado e encontrado, que seus pés pareciam colados no tapete do corredor. Fitou Gio, sem acreditar que ele estivesse ali, diante dela, em carne e osso. O homem que um dia amara; o homem que acreditava que nunca mais voltaria a ver. O coração disparou a toda velocidade e ela respirou fundo, vacilando quando Theo a trouxe de volta à realidade ao segurar a calça jeans com as mãozinhas gordas para se levantar.

– Billie...? – chamou Dee da porta da cozinha. – Quem é? Algum problema?

– Nada; ninguém. – Billie recuperou a voz e agachou-se, num movimento desajeitado, para pegar Theo no colo, o olhar surpreso percorrendo os filhos da prima, que observavam Gio como se ele tivesse acabado de chegar de Marte. – Dee, pode ficar com as crianças?

A voz emergiu rouca e entrecortada e precisou obrigar-se a dirigir a atenção para Gio enquanto Dee pegava Theo nos braços e chamava as crianças para irem com ela à cozinha. Fechou a porta, onde ficaram trancados num súbito e claustrofóbico silêncio.

– Eu perguntei o que está fazendo aqui e porque estava à minha procura – lembrou Billie ao indesejado visitante.

– Você está realmente planejando encenar esse encontro que já deveria ter ocorrido há tempos na porta de casa? – indagou Gio devagar, em seu tom de voz aveludado e sofisticado. Assumia o controle como sempre, o que a irritou.

– Por que não? – questionou Billie, indefesa, tentando desviar os olhos dos traços bonitos, lembrando-se de todas as vezes que acariciara o cabelo preto e farto, adorando o homem, adorando tudo nele, mesmo seus defeitos. – De onde tirou que lhe devo satisfações?

Gio ficou desconcertado com a reação da mulher que, no passado, concordava com cada uma de suas palavras e fazia o possível e o impossível para agradá-lo. O rosto fino e forte ficou duro e tenso.

– Você está sendo indelicada – comentou em tom gélido.

A mão de Billie apertou com força a maçaneta, sem saber se só assim conseguia ficar de pé. Ele estava tão tranquilo, tão seguro de si e tão bonito... Natural; a vida mimara Gio Letsos, embora ele nunca tivesse pensado a respeito. As pessoas puxavam seu saco, faziam de tudo para obter sua aprovação. Um dia ela também agira assim, reconheceu. Nunca o enfrentara, nunca lhe contara como se sentia, sempre morrera de medo de estragar o relacionamento e perdê-lo. Só uma mulher muito ingênua não teria previsto que Gio preferia dispensar a ser dispensado.

Relanceou os olhos e observou que a vizinha os observava da cerca e talvez chegasse a ouvir fragmentos da conversa. O constrangimento a fez afastar-se da porta.

– Melhor entrar.

Gio entrou na minúscula sala de estar, evitando pisar nos brinquedos espalhados. Ele ocupou todo o espaço disponível, pensou Billie enquanto desligava às pressas a televisão, que exibia um desenho animado infantil barulhento. Ele era tão alto, tão largo. Ela se esquecera de como ele dominava qualquer aposento onde entrasse.

– Você falou que fui grosseira – pronunciou sem preâmbulos, enquanto fechava com cuidado a porta da sala de estar para garantir a privacidade.

Manteve-se voltada de costas para ele o máximo possível, protegendo-se dos explosivos efeitos do potente carisma de Gio da melhor forma possível. Não era justo que só de ficar no mesmo

aposento visualizasse faíscas cintilantes ao redor e fosse tomada por aquela perigosa sensação de excitação e expectativa que, no passado, a levava a se comportar como uma verdadeira idiota. Ele era tão lindo que doía só de olhar para ele e o efeito de vê-lo na porta de sua casa estimulava suas lembranças. Em sua mente, via as sobrancelhas pretas e retas, os olhos deslumbrantes de um dourado escuro, o aristocrático nariz, as maçãs altas do rosto, a pele bronzeada do Mediterrâneo, a boca larga, linda e sensual, que tornava a sedução um prazer indescritível.

– Você *foi* grosseira – declarou sem hesitar.

– Eu tinha todo o direito de ser. Há dois anos, você se casou com outra – lembrou Bille por cima do ombro, furiosa por tal declaração *ainda* a incomodar. Infelizmente, não havia escapatória para a dolorosa verdade de que ela só servia para transar, mas não para ocupar um papel importante ou permanente na vida de Gio. – Eu e você não temos mais nada a ver!

– Estou divorciado – informou em tom rouco e tenso, pois nada acontecia como planejava. Billie nunca o agredira antes, nunca ousara questionar seu comportamento. Essa nova versão de Billie o pegara desprevenido.

– E o que eu tenho a ver com isso? – bradou Billie, rápida como um raio, enquanto se recusava a pensar na surpreendente declaração do divórcio ou em sua reação. – Ainda não me esqueci de você dizer que seu casamento *não era* da minha conta.

– E você usou isso como desculpa para me largar.

– Eu não *precisava* de desculpas! – Uma familiar sensação de espanto brotou ao ouvir, mais uma vez, Gio verbalizar seu supremo egoísmo e arrogância. – A partir do momento que decidiu se casar, colocou um ponto final em nossa história. Nunca fingi que seria diferente.

– Você era minha amante!

O rubor tingiu as maçãs do rosto de Billie como se ele a tivesse esbofeteado.

– Na sua cabeça, não na minha. Eu só estava com você porque me apaixonei, não por causa de roupas e joias ou do apartamento chique – assegurou com voz entrecortada, retorcendo as mãos em um gesto nervoso e defensivo.

– Mas não havia motivo para ir embora. Minha noiva não fazia objeção quanto a eu manter uma amante – informou com crescente impaciência.

Minha noiva. Até o rótulo ainda doía. Os olhos ficaram marejados de lágrimas e ela se odiou, embora o odiasse ainda mais. Gio era tão insensível, tão egocêntrico. Como fora capaz de amá-lo? E por que diabos ele a seguira? Por que razão?

– Às vezes acho que você parece um ser de outro planeta – mencionou, contendo a duras penas a raiva e a dor. – No mundo em que vivo, homens não se casam com uma mulher e continuam a dormir com outra. Não aceito isso, e a ideia de que a mulher com quem se casaria não se importava com quem você transasse simplesmente me deprime.

– Mas agora estou livre – lembrou, fechando a cara enquanto pensava que diabos tinha acontecido com Billie para que mudasse tanto a ponto de começar a discutir com ele no instante em que reaparecera.

– Não quero ser indelicada, mas gostaria que fosse embora – admitiu desconcertada.

– Ainda não ouviu o que tenho a dizer. Qual o seu problema? – interrogou abalado, incrédulo diante da atitude agressiva.

– Não *quero* ouvir o que tem a dizer. Por que deveria? Terminamos faz muito tempo.

– Nós não terminamos. Você se mandou, *desapareceu* – afirmou, enfatizando a censura.

– Gio, você me disse que eu precisava tomar juízo quando informou que ia se casar e eu fiz exatamente o que mandou... como sempre – sussurrou com amargura. – *Tomei juízo* e isso significa não ouvir nem mais uma palavra que tenha a dizer.

– Não reconheço você.

– E por que deveria? Já se passaram dois anos desde que nos separamos e não sou mais a mesma pessoa – declarou orgulhosa.

– Talvez ajudasse se me olhasse olho no olho e repetisse isso – provocou, observando-lhe a postura ereta e tensa.

Ruborizada, Billie por fim se voltou e colidiu perigosamente com os estonteantes olhos escuros e fundos, emoldurados por cílios espessos. A primeira vez que tinha visto aqueles olhos ele estava doente, com febre alta, mas os olhos nem por isso perdiam o poder hipnotizante. Engoliu em seco. – Eu mudei...

– Não estou convencido, *moli mou*. – Gio cravou os olhos nela, satisfeito com a onda de energia sexual que pairava na atmosfera. O fato de ela estar tão tensa quanto ele era a prova que buscava. Nada havia mudado. Com certeza não a mais básica química de todas. – Quero você de volta.

Chocada, Billie parou de respirar, mas em segundos a confissão deixou bem claro quem Gio era. O casamento tinha durado pouquíssimo tempo. Sabia que Gio odiava mudanças em sua vida privada. Em sua esquematizada maneira de pensar, reconciliar-se com a ex-amante podia parecer no momento a opção mais atraente e conveniente.

– De jeito nenhum – falou ela sem fôlego.

– Eu ainda desejo você e sei que ainda me deseja.

– Construí uma vida nova aqui. Não posso abandonar tudo – murmurou Billie, perguntando-se por que diabos insistia em dar essas desculpas esfarrapadas. – Eu e você... não funcionou...

– Funcionou às mil maravilhas – ele a contradisse.

– E seu casamento *não*? – Billie não conseguiu calar a pergunta.

Os músculos faciais de Gio contraíram-se numa expressão da qual se lembrava. Era um sinal de que, apesar de ele impor distância, ela ultrapassara os limites estipulados.

– Se estou divorciado, é evidente que não – afirmou, escorregadio como um copo ensaboado.

– Mas eu e você – insistiu Gio, pegando suas mãos antes que ela adivinhasse sua intenção – funcionávamos às mil maravilhas.

– Depende de sua definição para “às mil maravilhas” – argumentou, com as mãos trêmulas nas suas, a transpiração umedecendo cada centímetro do seu corpo. – Eu não estava feliz...

– Você estava sempre feliz – comentou sem hesitação, pois o temperamento solar da jovem era do que mais se lembrava.

Billie tentou, mas fracassou em soltar as mãos sem armar escândalo.

– Eu *não estava* feliz – repetiu, arrepiando-se quando o quase esquecido perfume penetrou em suas narinas. Um perfume másculo e fresco de notas cítricas, a cara de Gio; tão familiar que, mesmo depois de tanto tempo, por um tenso e perigoso instante, ela teve vontade de se inclinar e cheirá-lo como uma viciada. – Pode parar com esse papo furado, Gio. Perdeu seu tempo vindo até aqui.

A boca quente e ávida apossou-se da sua e se banquetear nos lábios entreabertos com entusiasmo, deliciando-se com uma paixão que ela jamais esquecera. Uma excitação eletrizante atingiu Billie como um raio e estimulou cada célula de seu corpo. A investida erótica da língua

dentro de sua boca a encheu de forte desejo sexual e uma louca urgência de aproximar-se ainda mais daquele corpo esbelto e viril. Um fogo selvagem varreu sua pelve e deixou seus mamilos intumescidos, duros. Ela queria, *queria*... Então a sanidade retornou como um balde de água fria na pele superaquecida quando Theo choramingou da cozinha, acionando seu instinto maternal.

Afastando os lábios, Billie fitou os olhos ardentes que um dia haviam partido seu coração e disse o que precisava ser dito, o que sentia ser seu dever mencionar.

– Por favor, vá embora, Gio...

Parada perto da janela, observou Gio entrar na limusine preta que o aguardava na rua, cravando as unhas nas palmas das mãos como se fossem facas afiadas. Sem o menor esforço, ele estraçalhara seu coração, ensinando que não estava tão recuperada quanto imaginara. Deixar Gio ir embora quase acabara com ela. Ainda havia uma pequenina parte, frágil e doente, que gostaria de ir atrás dele. Mas sabia ser inútil, pois Gio ficaria furioso se um dia descobrisse que Theo era seu filho.

Desde o início, Billie sabia o que esperar. Quando se descobriu grávida, decidiu ter o filho do homem que só a queria como amante. Não poderia contar com a ajuda financeira ou moral de Gio, em se tratando de uma criança ilegítima, que ele preferia nunca ter nascido. Estavam juntos havia poucas semanas quando ele avisou que, se um dia ela engravidasse, ele consideraria a gravidez um desastre e isso arruinaria o relacionamento. Não podia dizer que não tinha sido avisada. Por fim, decidiu que “o que os olhos não veem, o coração não sente”. Tinha tanto amor para dar ao filho que se convenceu de que Theo não sofreria por não contar com a presença do pai.

Assim pensava... Até o nascimento de Theo, quando começou a se preocupar e dúvidas abalaram sua antiga convicção de haver tomado a decisão certa. Então, questionou-se, invadida pela culpa, se não agia como a mais egoísta das mulheres por ter escolhido ter um filho escondido, uma criança que jamais conviveria com o pai. Desde então, a preocupação só aumentava. Como Theo reagiria quando fosse mais velho? Cobraria esclarecimentos?

O filho a desprezaria pelo papel que desempenhara na cama de Gio? Theo se ressentiria do fato de ter sido criado na pobreza, se comparado com o que o pai poderia oferecer? Culparia a mãe por tê-lo trazido ao mundo em tais condições?

CAPÍTULO 2

BILLIE AFUNDOU o rosto no travesseiro e chorou, pôs para fora todo o sofrimento, pela primeira vez em dois longos anos. Mais uma vez, Gio era o responsável. Depois de ter despejado toda a dor e as outras emoções identificáveis, avistou Dee sentada na beira da cama. A prima lhe acariciou o cabelo tentando reconfortá-la.

– Onde está Theo? – sussurrando quis saber no mesmo instante.

– Coloquei Theo para tirar uma soneca.

– Desculpe – murmurou Billie, levantando-se para ir ao banheiro e jogar água gelada no rosto, pois os olhos e o nariz estavam vermelhos de tanto chorar.

Ao reaparecer, Dee a fitou constrangida.

– Aquele era *ele*, não era? O pai de Theo?

Billie não se julgou em condições de falar e apenas assentiu.

– Ele é um espetáculo – pronunciou Dee, culpada. – Não me surpreende ter se apaixonado. E aquela limusine? Você tinha dito que ele tinha uma situação confortável, não que nadava em...

– Ele nada em dinheiro – confirmou com voz rouca. – Nosso reencontro me deixou muito abalada.

– O que ele queria?

– Algo que não vai conseguir.

REJEIÇÃO ERA a última coisa que Gio esperava. Depois de encarregar dois membros de sua equipe de segurança de vigiar Billie 24 horas por dia, para certificar-se de que ela não voltaria a desaparecer, ocorreu-lhe que talvez existisse outro homem em sua vida. A simples ideia causou-lhe um mal-estar tão violento que passou vários minutos sem conseguir raciocinar com clareza. Pela primeira vez na vida, tentou imaginar como Billie se sentira quando ele contou sobre Calisto. Berrou de raiva. Não gostava de relacionamentos complicados, mas Billie com certeza tornava tudo muito difícil.

O que ele esperava encontrar aparecendo do nada? Billie tinha pedido que ele fosse embora. Ainda não conseguia *acreditar* em sua atitude. Ela estava com raiva dele. A verdade o afetara. Ele tinha se casado com outra e ela usava isso contra ele, mas como podia? Frustrado, Gio passou

os dedos compridos pelo cabelo preto curto. Ela não podia imaginar que ele um dia se casaria *com ela*. Ou podia?

Ele era o herdeiro da família desde que o avô contraía uma doença que o mantinha de cama havia anos e sempre fora seu papel e responsabilidade erguer o clã aristocrático, conservador e extremamente rico dos Letsos. Ainda criança, jurara nunca repetir os erros do pai. O bisavô teve uma amante, o avô também, mas o pai tinha sido bem menos convencional. Dmitri Letsos divorciara-se da mãe de Gio para casar-se com a amante, demonstrando falta de lealdade aos do seu próprio sangue. A família jamais se recuperara do golpe e nunca mais demonstrara respeito por Dmitri. A mãe de Gio morreu, e a infância dele e das irmãs tinha sido difícil. Dmitri quase levava a empresa da família à falência na tentativa de satisfazer os gostos caros da segunda mulher.

Bem, se houvesse outro homem na cama de Billie, logo descobriria, refletiu trincando os dentes, as mandíbulas rijas de tensão. Em 24 horas receberia um relatório da Henley Investigations. Infelizmente, não era paciente e havia presumido que ela se atiraria em seus braços no instante em que ele contasse sobre o divórcio. Por que ela não agira assim?

Sua reação quando ele a beijou tinha sido... *apaixonada*. Na verdade, Gio ficou excitado só de lembrar. Tanto a libido quanto o cérebro lhe indicavam o que e de quem ele precisava de volta em sua vida. Ficou pensando se deveria mandar flores. Ela era *louca* por flores, vivia comprando-as, providenciando arranjos, cheirando, plantando. Tinha sido egoísta ao não comprar para ela uma casa com jardim, refletiu irritado, pensando o que teria feito para que a mulher que, no passado, venerava o chão que ele pisava, agora tivesse a coragem de lhe mostrar o caminho da rua. Nenhuma mulher *já* tinha agido assim com Gio Letsos. Ele sabia que podia ter a mulher que bem entendesse, mas isso não servia de consolo, quando só desejava Billie de volta ao lugar onde pertencia: na sua cama.

DEPOIS DE uma noite de sono agitado, Billie levantou ao amanhecer, deu comida para as crianças e arrumou a casa. Só nos finais de semana ela e Dee tinham tempo para conversar. Durante os dias de semana, ela levava as crianças para a escola para permitir que Dee, bartender num pub local, passasse mais tempo na cama. Theo ia trabalhar com Billie de manhã e Dee o pegava na hora do almoço e tomava conta das três crianças à tarde. Depois de fechada a loja, faziam uma refeição, antes de Dee ir para o trabalho. O acordo funcionava bem para as duas e Billie gostava da companhia de Dee. Os dois anos no apartamento da cidade, quando ainda estava com Gio, tinham sido muito solitários.

Na época, aprendera a aproveitar o tempo livre, é verdade. Durante os dois anos que passaram juntos, ela tirara notas boas nos cursos de culinária, arranjos florais e negócios. Gio talvez nunca tivesse notado ou demonstrado o menor interesse pelo que ela fazia nas horas livres, mas prosseguir os estudos, que fora obrigada a largar na adolescência para tomar conta da avó, aumentara a autoestima de Billie. Afinal, quando conhecera Gio trabalhava como faxineira, pois não tinha qualificação para obter um emprego melhor.

Enquanto colocava as bijuterias recém-compradas na vitrine do armário antigo, a mente estava a quilômetros de distância. Ao contrário de Gio, Billie não tinha uma família estruturada. A mãe, Sally, era filha única e se tornara incontrolável ao atingir a adolescência. Como sua única fonte de informação era a avó malvada, inclinava-se a achar que a avó apimentara a história.

Billie não se lembrava da mãe e não fazia ideia de quem fosse seu pai, embora suspeitasse que seu nome fosse Billy.

A mãe e a avó de Billie viviam afastadas há anos quando um dia Sally apareceu sem avisar com uma filha, Billie. O avô tinha persuadido a mulher a deixar Sally dormir aquela noite na casa, decisão da qual a avó se lamentara durante toda a vida, pois quando acordou na manhã seguinte descobriu que Sally tinha partido e deixado a filha.

Infelizmente, a avó de Billie não a amava. Embora recebesse ajuda do governo para criar a neta, ressentia-se da responsabilidade. O avô, embora mais atencioso, era alcoólatra e só vez por outra estava em condições de demonstrar qualquer interesse pela neta. Billie sempre atribuiu à sua criação o fato de ter aceitado Gio. Seu desejo por ela, sua aparente necessidade de cuidar dela, tinha sido a mais próxima demonstração de amor que conhecera. Então, apesar de nunca admitir, ela fora muito feliz com Gio, pois ele a fizera *sentir-se* amada. Até aquele dia terrível em que lhe comunicara que precisava se casar e ter um filho para atender aos desejos da família esnobe e importante e seu precioso império.

Assombrada, humilhada por Gio nunca a ter considerado uma possível candidata para usar uma aliança, Billie começou a retirar as roupas que trouxera de casa e etiquetá-las com os preços. Theo dormia placidamente no quartinho dos fundos da loja. Compradores entravam, saíam e ela cuidava de tudo. Um mês antes tinha contratado a primeira funcionária, uma polonesa chamada Iwona, para trabalhar meio-expediente. Na verdade, os negócios iam bem e atendiam às expectativas de Billie. Sempre adorara roupas vintage e só vendia peças de boa qualidade. Aos poucos, conseguira formar uma clientela fiel.

Gio saltou da limusine enquanto o motorista discutia com o guarda de trânsito e os seguranças saíam do carro de escolta. Contemplou a frente da loja, “Billie Vintage”, e franziu a testa assombrado pois nunca imaginara que Billie pudesse abrir um negócio. Porém, ali estava a prova. *Theos!* Balançou a cabeça, pensando que as mulheres eram criaturas estranhas e imprevisíveis. Talvez não soubesse nada sobre Billie. Nada do que fazia e dizia constava de sua lista de prioridades. Franziu ainda mais o cenho, o que aumentou a expressão fechada e sombria do rosto. Tinha importantes projetos para administrar, reuniões de negócios e, contudo, ali estava ele, preso já fazia 24 horas no meio do nada em Yorkshire, correndo atrás de Billie! Nada disso fazia o menor sentido!

Dee e Iwona chegaram à loja quase juntas. Dee colocou Theo no carrinho e perguntou a Billie o que ela queria comer, enquanto Iwona embrulhava uma compra. Nesse exato momento, Gio entrou, embaralhando o cérebro de Billie, que interrompeu a conversa com Dee, esquecendo-se do que ia dizer.

Usando um terno risca de giz que lhe caía como uma luva, Gio a deixou atônita. A camisa branca realçava a pele bronzeada e a barba por fazer. Um calor brotou entre as coxas e Billie as apertou. O rosto ficou ruborizado, os seios, pesados, e os mamilos, duros. Incrível como Gio ainda exercia esse efeito sobre ela; na verdade, mais intenso do que quando ele a beijara e ela inventara a desculpa de ter correspondido por ter sido pega de surpresa. Qual seria sua justificativa desta vez?

– Billie – chamou ele a vários passos de distância, agindo como se sua aparição na loja fosse a coisa mais natural do mundo.

– G-Gio – gaguejou ele aproximando-se. – O que está fazendo aqui?

– Não banque a tola – avisou olhando ao redor. – Então você me largou para abrir uma loja.

– Você me deixou – retorquiu com uma amargura incontrolável. Ele a deixara para colocar uma aliança na mão de outra.

– Não podemos conversar aqui. Vamos almoçar no meu hotel – decretou segurando-lhe o braço.

– Se não me largar, vou esbofetear você! – sibilou, determinada a não ceder à sua personalidade dominadora.

Os olhos escuros faiscaram como se a possibilidade de um bom tapa fosse um desafio divertido.

– Almoçamos, *pouli mou*?

– Não tenho mais nada a declarar – disse. Ele continuava segurando seu braço e a obrigava a ficar ao lado dele.

A boca sensual ensaiou um sorriso enquanto observava os lábios carnudos e rosados da mulher.

– Então pode ouvir...

A cabeça flutuou entre as nuvens ao olhá-lo.

– Não quero falar nem ouvir.

– Que pena! – Então fez o que ela jamais tinha imaginado que ele faria em público. Segurou-a no colo e se dirigiu para a porta.

– Coloque-me no chão, Gio! – Agarrou a saia de babados que subira expondo suas coxas. – Enlouqueceu?

Gio olhou as duas mulheres paradas atrás do balcão.

– Vou levar Billie para almoçar. Daqui a umas duas horas ela está de volta – explicou indiferente.

– *Gio!* – Billie avistou o rosto sorridente de Dee antes de Gio abrir a porta com o ombro.

O motorista abriu a porta como se eles pertencessem à realeza e Gio a acomodou no banco de trás com cerimônia.

– Devia saber que eu não ia discutir em público. De qualquer modo, estou sem paciência e com fome.

Numa série de movimentos irritados, Billie ajeitou o vestido e cobriu os joelhos.

– Por que não voltou para Londres ontem?

– Devia saber que não aceito não como resposta.

Billie revirou os olhos verdes e falou zangada:

– Como poderia saber se nunca disse não para você?

Para sua surpresa, Gio deu uma risada e o rosto ficou iluminado.

– Senti saudades, Billie.

A irritação sumiu e ela virou a cabeça num movimento brusco, abalada e magoada pela declaração.

– Você se casou. Como pode ter sentido saudades minhas?

– Não sei, mas senti. – Parecia sincero. – Você fazia parte da minha vida.

– Não, eu era uma minúscula gaveta numa cômoda enorme cheia de gavetas. Nunca fiz parte da sua vida.

Gio ficou atônito com a declaração. Ele telefonava duas vezes por dia de onde quer que estivesse, mesmo ocupado. A conversa alegre e descontraída lhe proporcionava alento para cumprir os inúmeros compromissos. Na verdade, nunca tivera um relacionamento tão íntimo –

nem antes nem depois. Confiava nela, era sincero, o que era raro no mundo de Gio. *No entanto*, nada disso parecia ter importância, pois acabou se casando com Calisto. Billie, que nunca demonstrara ciúme ou desconfiança antes, experimentara esses sentimentos. Não gostou da ideia e apagou o pensamento, como se ele nunca tivesse existido.

Gio construíra uma concha protetora quando ainda criança para garantir imunidade às reações emocionais. A emoção complicava e exacerbava situações já difíceis. Calma, bom-senso e controle sempre funcionaram com mais eficiência em todos os setores de sua vida, *menos* com Billie, reconheceu. Mas passado era passado e não podia ser mudado. A vida lhe ensinara que com dinheiro, energia e determinação poderia moldar o futuro.

Billie, todavia, não primava pela praticidade; era pura emoção e talvez essa diferença essencial o tivesse atraído e agora a afastava. Os olhos escuros pousaram no rosto zangado e, de repente, ele sentiu vontade de deitá-la no banco do carro e ensinar-lhe que existiam respostas mais satisfatórias. Baixando os cílios, ele analisou dos olhos brilhantes à boca sensual até os seios divinos com que tanto gostava de brincar e as pernas bem-torneadas onde ele adorava se enfiar. O sexo com Billie era *incrível*. Só de pensar teve uma ereção. Estar com ela sem tocá-la não era apenas estranho, mas uma verdadeira tortura.

- Quero você de volta – declarou com teimosia. – Ando à sua procura desde que desapareceu.
- Sua esposa não deve ter gostado.
- Deixe Calisto fora disso...

O simples som daquele nome nos lábios de Gio doeu como uma chicotada. Era sensível demais. Ele tinha se casado com outra havia dois anos e ela precisou tocar a vida. Mesmo se *ele* não tivesse tocado a sua? Isso tudo era muito complexo. Já refletira muito a respeito do assunto quando ainda estavam juntos e no que resultaram as esperanças e o otimismo? Num coração destrozado e, no momento, os pedaços do tolo coração repicavam como sinos. Este era o cara que amara como nunca imaginara ser capaz e ele agira de um modo que não merecia perdão. Tinha ido embora com o coração partido, mas não se sujeitaria a transar com o marido de alguém.

- Não acredito que esteja perdendo seu tempo com isso – admitiu Billie de súbito, a boca carnuda numa linha tensa. – Quero dizer, o que está fazendo aqui? Por que ainda quer me ver? Não faz sentido para nenhum de nós dois!

Gio admirou o rosto perguntando-se o que o tornava tão lindo para ele. Num canto do cérebro, sabia que de um ponto de vista purista ela nunca correspondera nem corresponderia aos padrões de beleza estabelecidos, pois seu nariz era arrebitado, os olhos e a boca grandes demais para o rosto e o cabelo virava uma bagunça quando pegava chuva. Mas, seco, o cabelo era uma cascata de cachos sedosos cor de chocolate até a cintura e já tinham coberto o corpo dele muitas vezes, em situações tão íntimas que doía lembrar e ser privado do direito de repeti-las.

- Pare de me olhar desse jeito – pronunciou, com o rubor espalhado no rosto, um calor tomando conta de seu corpo, lembrando quanto tempo se passara desde a última vez que tinha sido acariciada. Engravidara, tivera o filho, montara um negócio, comprara uma casa e se mantivera tão, mas tão ocupada, meses a fio, que caía exausta na cama todas as noites. Foi preciso Gio reaparecer para lembrar que a vida podia oferecer mais passatempos.

- De que jeito?
- Como se eu ainda... você sabe – completou, semicerrando os olhos.

– Como se eu ainda quisesse estar dentro de você? Mas eu quero. Estou morrendo de desejo por você...

Uma sensação num lugar no qual se recusava a pensar a forçou a se mexer inquieta.

– Eu não precisava saber disso. Que comentário mais inapropriado!

Gio deslizou o dedo pelas costas da mão repousada no banco de couro.

– Ao menos é sincero e você não está sendo sincera.

– Não vou voltar! – interrompeu em voz alta. – Tenho outra vida...

– Outro homem?

Billie agarrou a desculpa conveniente como alguém se afogando agarra uma boia.

– Sim. Tenho alguém.

Cada músculo do corpo de Gio se retesou.

– Então me fale sobre ele.

– Ele é muito importante para mim e nunca faria nada que pudesse magoá-lo – contou Billie se referindo ao filho.

– Faço qualquer coisa para ter você de volta – avisou quando a limusine estacionou na porta do hotel e o motorista abriu a porta. Ele também entendeu que não era tão rigoroso quanto presumia, pois estava disposto a quebrar regras para ter Billie de volta.

Billie ficou consternada ao se deparar com a expressão ameaçadora que não conhecia.

– Existe algum motivo para você não me deixar ser feliz sem você? Acho que já paguei minhas dívidas, Gio.

As narinas de Gio inflaram ao ouvir a declaração. A exasperação beirava uma raiva que não tinha o direito de expressar. Se Billie tinha outro homem era natural livrar-se dele, porque se recusava a creditar a outro homem a capacidade de deixá-la em brasas como ele. Mas nada podia aliviar a reação furiosa ao ser forçado a imaginar Billie na cama com outro. Billie sempre fora sua, só *sua*.

Quando cruzavam o vestíbulo do luxuoso hotel, uma voz familiar chamou seu nome. Abriu um sorriso ao ver o homem alto e loiro trajando roupa esportiva e chique aproximar-se para cumprimentá-la.

– Simon, como vai? – indagou afetuosa.

– Tenho um endereço para você. – Simon tirou da carteira um pedaço de papel. – Tem caneta?

Billie notou ter deixado a bolsa na loja e olhou para Gio.

– Caneta?

Totalmente desacostumado a ser excluído enquanto outras pessoas conversavam por perto, Gio tirou uma caneta de ouro do bolso com evidente relutância e um sorriso sardônico na linda e obstinada boca.

Simon pegou a caneta e escreveu o endereço na parte de trás de um cartão de visitas.

– Tem um monte de coisas de que você vai gostar e com preço bom. O vendedor quer se desfazer de tudo.

Indiferente ao fato de que Gio estava plantado ao seu lado como uma torre, Billie despediu-se do homem.

– Obrigada, Simon. Muita gentileza sua.

Simon a contemplou com o mesmo olhar de admiração que Gio observava com frequência nos rostos masculinos quando Billie aparecia e trincou os dentes brancos e perfeitos.

– Entro em contato. Quem sabe você aceita almoçar comigo aqui um dia desses?

Gio passou o braço pela cintura de Billie num gesto possessivo.

– Infelizmente, ela já tem dono.

Ignorando a interferência, Billie ficou ruborizada, mas manteve o sorriso.

– Eu adoraria, Simon. Fico aguardando seu telefonema – comentou, ciente de que o incentivava e sentindo-se culpada porque Gio a fazia se comportar mal.

– Que história é essa? – questionou Gio, irritado, conduzindo-a pelo braço até o elevador.

– Simon trabalha com antiguidades. Ele costuma me dar dicas sobre casas que vão ser desocupadas. Eu conheço vários fornecedores. Foi assim que montei meu negócio – adiantou orgulhosa.

– Pode abrir uma loja em Londres. Eu pago – afirmou em tom cortante.

– Bem, de forma indireta você pagou pela minha casa e pela loja aqui, então não acho justo pagar mais nada. – Sem se alterar, Billie o fitou indiferente.

– Do que está falando?

– Eu vendi uma joia que me deu de presente.

Gio franziu o cenho.

– Você deixou tudo que eu dei.

– Não, eu peguei uma joia. Foi o primeiro presente que me deu. Não fazia ideia de quanto valia. Posso garantir que levei um susto ao vender.

– É mesmo? – Gio não conseguia se lembrar do primeiro presente que lhe dera e teria sido capaz de jurar, ao verificar as joias deixadas para trás, que ela não tinha levado nada ao partir.

– É. Você é tão perdulário que é de assombrar que não esteja falido. Você mal me conhecia e gastou uma verdadeira fortuna naquele pendente de diamante – mencionou de modo crítico. – Consegui comprar a casa e arrumar a loja com a venda. Não podia acreditar que fosse tão valioso!

Gio escancarou a porta da suíte. E, então, num piscar de olhos, veio-lhe à mente o presente. Ele tinha comprado o pendente depois da primeira noite juntos. Ficou furioso por ela ter vendido a joia, como se não tivesse qualquer valor afetivo.

– Não acredito que exista outro homem em sua vida.

– Não vou aceitar você de volta – assegurou em tom de desculpas. – Por que eu ia querer uma loja em Londres? Que motivos tenho para me mudar? Sou feliz aqui. E, acredite ou não, existem homens dispostos a aparecer em público comigo, me levar a restaurantes em vez de me esconder dentro da suíte!

Billie desferira um golpe certo. Apesar do bronzeado mediterrâneo, Gio empalideceu visivelmente.

– Estamos na minha suíte só porque preciso de um ambiente mais tranquilo para conversar.

– Talvez desta vez seja verdade, mas esta foi sempre sua atitude durante os quase dois anos que passamos juntos. Eu sou boba, mas nem tanto. Você agia como um homem casado desde que o conheci. Eu era um segredo sujo, do qual se envergonhava. – Billie abriu um sorriso zombeteiro.

– Isso não é verdade.

– De nada adianta discutir o passado agora – disse determinada. – Não vale a pena.

– Claro que vale. Quero você de volta. – Um espasmo de clara exasperação cruzou o rosto fino e moreno de Gio quando bateram à porta, anunciando a chegada de dois garçons empurrando

um carrinho com a refeição.

Billie cruzou os braços, pensando em Canaletto, o cavalo de corridas predileto do avô, e no fato de que quatro anos antes nunca tinha ouvido falar de um artista chamado Canaletto. Lembrar-se daquela gafe ainda deixava Billie morta de vergonha, pois no momento em que tinha tomado coragem para participar da conversa e fizera o comentário dera-se conta de que seu erro era grave demais para poder disfarçá-lo. Azar o seu. Da única vez que Gio a levava para um encontro com os amigos, ela fizera papel de tola... E o envergonhara.

Apesar de ele não ter reagido com raiva ou crítica, desconsiderara suas tentativas de falar sobre o incidente e explicar que fora criada em casas de apostas e não em museus. Tinha consciência de que o deixara extremamente constrangido em público, de um jeito imperdoável e, pior ainda, de um jeito que assinalara o imenso abismo existente entre os mundos em que viviam, a cultura e a educação a anos-luz de distância.

Por isso, nunca reclamou de ser excluída de sua vida social. Ficava feliz em jantarem juntos em locais mais discretos, onde era pouco provável encontrarem algum conhecido dele. Presumia que ele tivesse receio de ela voltar a embarçá-lo outra vez e, sem que ele tivesse conhecimento, decidiu matricular-se em um curso de aperfeiçoamento na esperança de que ele notasse seus progressos e lhe desse outra chance. A tristeza invadiu Billie ao recordar-se de sua ingenuidade nos primeiros meses do relacionamento, antes de defrontar-se com o desolador momento da descoberta. Encontrara dificuldade em aceitar que *não* era namorada de Gio, mas amante. Que seu papel era basicamente satisfazê-lo sexualmente. E que nunca seria levada a sério.

– Você está tão calada. Não estou acostumado a ver você quieta perto de mim – confessou com crescente frustração, segurando-a pelos ombros estreitos e massageando-lhe os músculos tensos tão logo os garçons saíram e a porta se fechou. – Converse comigo, Billie. Diga o que quer.

Sentindo o calor brotar na espinha ao contato das mãos macias, os seios intumescerem e os mamilos endurecerem, enquanto resistia à vontade irresistível de buscar o calor protetor de Gio, Billie se afastou e logo sentou em uma das cadeiras diante da mesa decorada com extrema sofisticação. *Converse comigo*. Proposta insana, impensável vinda de um homem como Gio, que não gostava de conversas sérias e discretamente evitava ou ignorava toda e qualquer demonstração de emoção quer em gestos ou em frases.

– Não temos nada para conversar – declarou, servindo-se da entrada com súbito apetite, pois enquanto comia não precisava falar e tinha uma desculpa para olhar para ele. Gio, sem sombra de dúvida, o homem mais bonito de todo o universo. Ela o olhou por baixo dos cílios, examinando encantada os traços esculpidos, as espetaculares maçãs do rosto salientes e o maxilar másculo e quadrado. Ele era muita areia para seu caminhão. Era rico, bem-sucedido, bonito, sofisticado, bem-educado, tinha pedigree, tudo que ela não era ou tinha. Gio *sempre* fora areia demais para seu caminhão. Ah, se ela tivesse aceitado o fato óbvio, nunca teria se envolvido e não teria sido magoada.

– Existe mesmo outro homem? – interrogou Gio em voz baixa, o sotaque acentuando a voz aveludada e enchendo-a de prazer, por mais que tentasse não entregar os pontos. Mas aquela era a mesma voz que aguardava com ansiedade ouvir ao telefone quando ele estava viajando ou longe dela, e ela não conseguia cancelar a admiração instintiva.

Billie digeriu a pergunta e corou ao se deparar com aqueles olhos dourados de tigre emoldurados por cílios cor de ébano. Respirou fundo, decidida a mentir, suspirou, e soube que, por algum motivo inexplicável, não queria mentir. Talvez porque, se mentisse, ele a cobriria de

perguntas na tentativa de obter maiores informações sobre o suposto homem em sua vida e, considerando sua inteligência, acabaria encurralando Billie e a obrigando confessar que mentia, o que a faria parecer uma idiota.

– Não, não existe – assentiu emburrada. – Entretanto, isso não muda nada entre nós.

– Então somos ambos livres e descompromissados – sussurrou indiferente, servindo-lhe mais uma taça de vinho.

– Não tenho a menor intenção de me envolver com você novamente – falou, tomando um gole do vinho tinto adocicado, e imaginando se ele cairia na gargalhada se ela contasse a ele o que o gosto lhe lembrava. Afinal, uma vez ela tinha feito um curso sobre vinhos, bem como um curso de arte e nunca tivera a oportunidade de exibir seus conhecimentos.

– Mas nós dois nos damos bem.

Billie balançou a cabeça, rejeitando com veemência a declaração e voltando a se concentrar na comida.

Bebericando o vinho, Gio a observou. Suspeitava que ela estivesse usando roupas vintage e o vestido de linho verde-água e um blazer leve bordado de flores eram fora de moda, mas as cores e o estilo básico eram discretos e elegantes. No instante em que ela se sentou, porém, o tecido do vestido repuxou nos seios fartos. Gio ficou tenso, o anseio sexual percorrendo todo seu corpo enquanto imaginava como conseguiria tentar uma mulher tão desprovida de ambição. Ela não queria seu dinheiro, nunca quis seu dinheiro, e deixara isso bem claro, com todas as letras. Certo dia, comentara que ele não precisava de um iate porque nunca teria tempo livre para viajar de barco. Seu iate, ancorado sem uso, e cuja manutenção lhe custava uma fortuna, no momento estava atracado em Southampton.

Os garçons voltaram para servir o prato principal. Ela percebeu a troca de olhares entre eles e reconheceu que estavam curiosos a respeito dela. A essa altura, os funcionários do hotel já deviam ter descoberto quem era Gio. Giorgios Letsos, o grego, magnata do petróleo, era uma lenda mundo afora. A mídia o adorava porque ele levava vida de bilionário e saía lindo nas fotos. Calisto também saía deslumbrante nas fotos, com seu cabelo liso louro, os traços perfeitos e o corpo assustadoramente magro, manequim zero. Perto dela, Billie pareceria gorducha, baixinha e desengonçada e, ao ver uma foto dela pela primeira vez, Billie aceitou a dura verdade de que não poderia haver comparação entre elas. Afinal, ela e Calisto eram como a água e o vinho.

Gio diminuiu a tensão reinante narrando suas recentes viagens pelo mundo. Ela fez perguntas impessoais, banais e seguras sobre dois membros de sua equipe que ela encontrara e alguns com quem só conversara ao telefone.

Enquanto comia a sobremesa, uma deliciosa mistura de frutas vermelhas frescas e suspiro, perguntou se ele ainda mantinha o apartamento.

– Não. Assim como você, faz tempo que não está mais comigo – assumiu.

A partir da resposta, Billie concluiu que ele não instalara outra mulher, mais flexível, em seu lugar, e quando uma sensação de alívio a invadiu, ela tomou mais vinho e tentou desviar os pensamentos para outros tópicos menos desestabilizadores. Não era da sua conta com quem ele tinha dormido. Uma vez casado com Calisto, a questão se tornava meramente acadêmica. Billie havia sido substituída em todas as esferas. Calisto havia sido escolhida para sentar-se do outro lado da mesa de jantar na casa na Grécia, na certa maravilhosa, que Billie naturalmente nunca

tinha visitado. Gio devia sair *com* Calisto e seu grupo de amigos porque eram um casal de verdade e, na certa, ele havia planejado que Calisto fosse a mãe de seus filhos...

CAPÍTULO 3

QUANDO A dor desta realidade sempre-presente-e-torturante atingiu Billie, ela de repente atingiu o limite de sua tolerância. Sua tentativa de ser civilizada para manter as aparências foi posta para escanteio e, forçada a sair da zona de conforto, colocou as mãos na beirada da mesa e se levantou de repente.

– Não consigo! – declarou com assustadora precipitação. – Quero ir para casa agora mesmo!

Surpreso, Gio sobressaltou-se, uma ruga unindo as sobrancelhas cor de ébano, os olhos escuros cintilantes fixos com extrema curiosidade no rosto triste e vermelho.

– O que houve?

– Só você para fazer uma pergunta dessas num quarto de hotel! – gritou Billie. – Eu não queria nunca mais vê-lo. Não quero ser lembrada do passado!

– Billie... – murmurou Gio segurando-lhe os ombros trêmulos com mãos firmes enquanto o olhar perspicaz colidia com os olhos verdes e translúcidos da jovem. – Acalme-se.

– Não posso. Não sou igual a você. Nunca fui. Não sou boa em fingir não enxergar o óbvio! – Engasgou, as lágrimas machucando sua garganta e aterrorizando-a, pois no passado sempre obtivera êxito em esconder suas explosões emocionais de Gio e sentia orgulho da calma que demonstrava, apesar da provocação e da dor a que fora submetida. – Você definitivamente não devia estar aqui. Devia me deixar viver a minha nova vida em paz.

Gio passou o indicador ao longo da linha do seu suculento lábio superior.

– Eu deixaria se pudesse, mas precisava ver você mais uma vez.

– Por quê? – indagou com franqueza.

– Porque nosso relacionamento ainda não havia terminado quando você foi embora.

Um grito de agonizante dor e frustração subia e ameaçava sufocar Billie.

– *Claro* que o relacionamento tinha terminado. Você ia se casar!

– Eu precisava ver você de novo para saber se ainda a desejava. – Os dedos morenos e compridos subiram até suas maçãs do rosto. – E descobri que sim, ainda *desejo* você.

Num repentino ataque de irritação diante da audácia da admissão, Billie afastou a cabeça num rompante para ficar fora do alcance de seus dedos.

– Isso não significa nada.

– Significa muito mais para mim do que você parece compreender! – esbravejou, com a paciência por um triz, consciente de que enfrentava um confronto emocional com o qual não

estava acostumado e, portanto, não tinha a menor experiência em lidar com a situação.

– Não o suficiente para fazer diferença! – retrucou, com uma espécie de loucura tomando corpo e incensando fortes emoções enquanto lutava contra a saída humilhante que se oferecia: sair correndo porta afora e fugir como uma criança assustada.

Gio a aprisionou entre os braços num movimento repentino que a sobressaltou. Os olhos escuros e cintilantes faíscas e deixando-a em chamas.

– Mais do que o suficiente para *nós dois* – sussurrou devagarzinho, estranhando ela ainda fazer jogo duro quando para ele o normal era tentar descartar mulheres que flertavam e o assediavam com elogios.

– Solte-me! – avisou com a voz embargada.

– Não. – Gio a examinou com profunda determinação. – Se eu soltá-la, você vai fugir outra vez. Eu pressinto sua atitude e não vou permitir que aja de maneira tão estúpida novamente.

– Você não pode me obrigar a fazer o que eu não...

– Mas e quanto ao que você *quer*? – Gio saboreou a réplica mordaz inclinando a cabeça de cabelo escuro e passando a língua ao longo dos lábios cerrados.

Pega de surpresa, Billie sobressaltou-se, o sangue pulsando devagar em suas veias como se o tempo tivesse diminuído seu ritmo para lhe dar a oportunidade de alcançá-lo. O hálito dele soprou em sua face e os lábios colaram-se aos seus numa colisão de parar o coração e que lhe roubou a capacidade de respirar. Os lábios eram macios, estranhamente suaves e gentis. Por algum motivo, ela não conseguiu evitar o erguer do queixo.

Gio sorriu contra a boca sensual, o desejo latejando como um martelo. Ele a desejava mais do que jamais desejara algo ou alguém na vida, e estava determinado a lutar com todas as armas pelo que desejava, pois sabia que ela restauraria o oásis de paz tão necessário em sua vida privada. Os dedos compridos lhe acariciaram as costas enquanto com a outra mão segurava sua cintura. Ele mordiscou o macio lábio inferior e então encostou a boca sensual na dela num movimento em que engoliu seu gritinho de surpresa. A mão subiu, agarrou-lhe o cabelo e a pressão da boca aumentou até a cabeça dela girar e inclinar-se, facilitando-lhe o acesso.

Os seios foram esmagados pela sólida parede formada pelo peito largo. Billie tentava respirar à medida que era bombardeada com sensações que se forçara a esquecer nos últimos dois anos. Ela se esquecera de como ele podia ser gentil e inventivo e as batidas de seu coração aceleravam como um trem expresso. Havia muito tempo não era tocada, fazia muito tempo desde que se permitira botar para fora todas as emoções que constituíam sua natureza apaixonada.

A língua penetrou entre os dentes em busca do lugar molhado, provando-a devagar e profundamente, com uma sensualidade brutal que acendeu um punhado de fogos de artifício na pelve de Billie. Ela contorceu-se conforme o calor da boca na sua aumentou e a ânsia carnal que tentara em vão negar irrompeu numa explosiva reação. As investidas rítmicas da língua foram acompanhadas pelos sutis movimentos dos quadris contra os seus e seu corpo disparou para a órbita tomado pelas lembranças que suprimira por dois longos anos. A barreira formada pelas roupas não pôde ocultar o fato de que Gio estava excitado e pronto para ela.

Billie foi levantada no colo, mas estava tão embriagada pelo gosto e pela textura dos beijos apaixonados que ignorou o fato. Ele era mais embriagante que o vinho e sua cabeça girou enquanto poderosas pulsações libertavam-se do nó apertado que se formava no âmago de seu corpo. Suas costas encostaram em uma superfície macia e ele ergueu a cabeça orgulhosa,

enquanto suas mãos procuravam o cabelo curto, os olhos afogueados prendendo os seus numa troca tão familiar que a deixou chocada.

– Essa gravata está me sufocando – confidenciou Gio em voz rouca, arrancando a peça e abrindo a gola da camisa num gesto tão impaciente que o botão voou longe.

Aquele comentário era típico de Gio: qualquer momento de intimidade emocional era instintivamente evitado. Quando ela o fitou, contudo, tudo mais se dissolveu. Era um desejo tão visceral, tão abrangente que consumiu Billie como uma pulsação sensual hipnotizante. Ele tirou o paletó e, com os pés, lhe descalçou os sapatos.

– Não posso deixar que vá embora mais uma vez, *pouli mou*.

– Você precisa... não podemos... – murmurou Billie, ofegante, recuperando parte da consciência ao ver a cama enorme e a mobília elegante do que era obviamente o quarto da suíte. Atônita, ainda não tinha plena consciência de como chegara ali.

– Abra sua boca para mim – pediu Gio com teimosia e insistência. – *Theos*, adoro a sua boca.

Só mais um beijo, barganhou consigo mesma num momento de histeria, o corpo despertando da maneira mais sedutora e fatal, pois o despertar para a vida veio acompanhado dos anseios que durante tanto tempo conseguira reprimir. O gosto dele assemelhava-se a um banquete no paraíso para os famintos, um delicioso drinque para os que padeciam de sede. As mãos agarraram os bíceps desenvolvidos e afastando-lhe a gola, colocou a boca nas veias saltadas do pescoço, lambendo-lhe o sal da pele. O corpo grande e musculoso avançou e se colocou ao seu, selando cada linha do seu, e o peso familiar e o perfume da pele conduziram-na de volta ao passado.

Gio rolou de lado para tirar-lhe o blazer e localizar o zíper do vestido. Abriu e desceu o vestido, sentindo os globos paradisíacos dos seios fartos com um arrebatamento que não mais podia controlar, assim como não poderia parar de respirar.

Billie emergiu do enfeitiçamento sensual quando ele tirou seu sutiã e segurou-lhe os seios, acariciando os mamilos duros e rosados com os polegares até eles se transformarem em botões inchados e então, usando a boca, os dentes e a ponta da língua, estimulou os mamilos sensíveis até deixá-la descontrolada. Ela não conseguia ficar imóvel. Em algum lugar de sua memória, sabia que se arrependeria, mas não podia dar ouvido aos avisos, não conseguia distanciar-se tempo suficiente do ardor alucinante e voraz da paixão de Gio ou da força consumidora de seu próprio e crescente anseio de ser possuída.

Com mão experiente, ele contornou o triângulo de renda entre suas coxas e um som inarticulado de encorajamento brotou indefeso de seus lábios. Ele tomou sua boca com um beijo selvagem, ávido, e ela ergueu os quadris, cerrando os punhos de frustração quando não conseguiu puxar a camisa dele de dentro da calça. A carne macia ficou molhada, latejou. Ele a provocou, acariciou-a num tormento sensual que quase a levou ao êxtase.

– Pare de brincadeira, Gio! – soluçou em tom de reprovação. O corpo, em tal estado de excitação, chegava a doer.

O divertimento acendeu luzes de neon na mente de Gio e ele riu com a boca encostada à sua, lembrando-se de que ela era a única mulher que o tinha feito rir na cama. Provavelmente, era também a única mulher que o deixava reduzido a um estado juvenil de fazer sexo ainda usando parte das roupas. Ele abafou o pensamento, o barômetro de seu humor de súbito o irritou, mas sem motivo, porque naquele momento ele não estava no controle, nem sequer queria estar. Apenas morria de vontade de mergulhar no esquecimento penetrando nela o máximo possível.

Billie arqueou o corpo e de súbito ele estava ali, esfregando-se contra a entrada indescritivelmente sensível antes de introduzir seu membro grande e duro no canal apertado. Ela deu um grito, jogou a cabeça para trás e arqueou as costas enquanto entrava em convulsão, seus gritos de indescritível prazer enchendo o ar enquanto ele se afastava, ajeitava e voltava a investir com força dominadora. A excitação ardente despertada por cada investida viril a consumiu, espalhando ondas de crescente prazer a partir do seu ventre. O ritmo se manteve rápido e frenético e a fricção a estimulou a um nível insuportável e ela arremeteu antes que ele a fizesse atingir outro êxtase incontável, e o clímax tomou conta de cada centímetro do seu corpo.

Segundos após ter atingido o orgasmo, Gio saiu da cama, recolheu todas suas peças de roupa e dirigiu-se ao banheiro. Estava irritado, furioso com a intensidade do próprio desejo. Sem dúvida, Billie era especial, maravilhosa na cama, mas devia ser reduzida a isso. Gio Letsos, melhor do que ninguém, sabia que qualquer forma de envolvimento prejudicava o controle e a força masculina. Ele podia manter as mãos longe dela, caso assim o desejasse; *era óbvio que* podia viver muito bem sem ela. Billie era uma indulgência, não uma necessidade.

Tirou o resto das roupas e encostou a testa suada na parede ladrilhada e fria por alguns momentos tensos, os punhos cerrados como se tentasse conter a raiva. Por um instante, imagens do pior dia da sua vida surgiram. Começou a transpirar frio, o cérebro ágil e inteligente reagindo; querer ou precisar demais de uma mulher era demonstração de fraqueza e tolice; gostar de fazer sexo era normal: ele havia apenas experimentado muito prazer graças a um sexo, muito, *muito* gostoso.

CAPÍTULO 4

COMO UMA vítima de acidente, Billie sentou-se em meio às roupas amassadas e amontoadas. Vacilou e então, ao dar-se conta do que acabara de acontecer, sentiu um ódio virulento por si mesma, por seu comportamento. Literalmente doía. Em choque, tentou lidar com o colossal autodesprezo. Gio jamais acreditaria que ela desejasse de fato que a deixasse em paz, certo? Não quando depois de tomar umas taças de vinho durante o almoço, como se fossem grandes amigos, de longa data, irritava-se e mesmo assim *ainda* ia para a cama com ele!

Como pude? O rostinho confiante de Theo, emoldurado pelos cachos escuros, surgiu em sua mente. Onde fora parar seu autorrespeito? Ela desejara Gio com uma sofreguidão tão desesperada que ficou abalada só de lembrar. Teria sentido tanta falta assim de sexo? Vestiu a calcinha com as mãos trêmulas e desajeitadas. A porta do banheiro foi aberta e ela congelou antes de tentar controlar-se, recolher as roupas espalhadas e fechar-se num casulo de humilhação.

– Eu não planejei nada disso – sussurrou Gio indo direto ao assunto.

Ao colocar o sutiã, parecia estar tão ocupada que mal podia relancear os olhos na direção dele. Ficou surpresa ao não ver um sorriso triunfante estampado no rosto. Afinal, ele ganhara a disputa e adorava vencer, bem mais do que a maioria das pessoas. Aquela combinação de alta voltagem, um misto de agressividade inata e competitividade, tornava Gio Letsos um sucesso global.

– Até parece que eu acredito! – murmurou enquanto colocava o vestido. Sabia como ele podia ser manipulador e diabólico. Ele usava esses truques na vida profissional. Podia apostar que também as usava em relação a ela. Ele deixava a consciência de lado quando se tratava de obter o que desejava.

– Posso ajudar... – Ele se aproximou para subir o zíper e ela sentiu vontade de dar um tapa em suas mãos e berrar; no entanto, isso exporia ainda mais o quanto se sentia humilhada e usada. – Eu não planejei nada disso – repetiu ele.

– Está certo, não foi nada planejado – repetiu Billie como um papagaio bem-treinado, enquanto calçava os sapatos, louca por um banho, mas ao mesmo tempo desesperada para escapar e chegar ao santuário de sua casa, onde encontraria o filho.

– Semana que vem você faz 25 anos – mencionou Gio.

Billie fez uma careta.

– Vinte e três...

Gio a fitou assombrado.

– Vinte e cinco.

– Eu menti quando nos conhecemos – confessou Billie sem o menor pudor. – Você afirmou que não saía com adolescentes. Como eu só tinha 19 anos, aumentei dois anos.

Pego de surpresa, Gio a encarou.

– Você mentiu? Só tinha 19 anos?

Billie concordou com a cabeça e deu de ombros.

– Que diferença faz isso agora?

Reprimindo um comentário ferino, Gio comprimiu os lábios bonitos, sua total confiança nela recebendo um golpe forte, pois desde que se conheceram ela o desarmara com sua aparente honestidade. Para falar a verdade, gostou da ideia de ter levado para a cama uma adolescente, mesmo sem saber. Tinha sido um relacionamento pautado em bases desiguais, o que não apreciava, reconheceu irritado. Ele tinha 26 anos e bem uns mil anos a mais em termos de experiência sexual e sofisticação em comparação a ela.

– Chame um táxi para mim – pediu interrompendo o silêncio. – Quero ir para casa.

– Ainda não decidimos nada...

– Nem vamos decidir – interrompeu Billie. – O que acabou de acontecer foi um acidente, um erro, um caso de revival de uma intimidade vergonhosa, chame do que bem entender. Mas não significou nada para nenhum de nós dois e não mudou em nada...

Billie esperou que Gio protestasse, mas o silêncio se estendeu e ela tomou consciência do quanto doía ouvir esse silêncio de concordância. Ele parecia ter desligado o módulo de insistência e ligado o de aparente indiferença. Parecia que o sexo tinha agido como uma cura milagrosa. E por que se surpreendia? Ela sempre se surpreendera por Gio ainda demonstrar interesse por ela. Surpreendera-se durante todo o período do relacionamento, não parava de tentar descobrir o que ele tinha visto nela que não podia encontrar em uma mulher mais bonita e sofisticada.

– Meu motorista vai levá-la para casa – respondeu num sussurro, com os olhos espetaculares sombreados. – Eu tenho de terminar um trabalho. Tenho uma reunião com minha equipe dentro de uma hora. Telefone para você amanhã.

Afastando a convicção de que tinha sido rejeitada e de que mais uma vez o interpretara mal, Billie balançou devagar a cabeça.

– Não precisa. Vamos terminar por aqui, Gio. Faça o favor de me deixar em paz. Você segue o seu caminho, e eu, o meu. É a única opção sensata depois de todo esse tempo.

Uma onda de fúria se abateu sobre Gio. Então Billie ainda estava decidida a afastar-se dele? Essa era a mulher por quem, no passado, ele acreditava ter se *apaixonado*. Para localizar essa mulher, gastara uma fortuna. Bem, grande amor aquele, refletiu pensando no quanto ela mudara. Billie demonstrava total falta de interesse, enquanto muitas mulheres teriam se matado por um décimo da persistência e atenção que ele vinha demonstrando. Teria sido sua performance entre os lençóis decepcionante? Tinha agido de modo muito apressado e ansioso, bem diferente de sua maneira controlada. Trincou os dentes brancos e perfeitos.

– Você está começando a me ofender – admitiu Gio com a desconcertante sinceridade da qual fazia uso ocasionalmente para desestabilizar os oponentes. Pegou o telefone e passou algumas instruções em grego. – Talvez seja melhor você ir embora e refletir sobre sua atitude.

Billie ficou ruborizada e entrelaçou as mãos.

– Eu já refleti...

– Se eu for embora, nunca mais volto – assegurou Gio numa atitude desafiadora. – Pense bem antes de tomar uma decisão.

Uma pontada de desânimo percorreu Billie. Ela queria que ele fosse embora e a deixasse em paz, era evidente. Não alimentava a menor dúvida a respeito. Precisava proteger Theo, pois Gio ficaria louco se descobrisse a respeito do menino. Sua família grega era muito tradicional e conservadora, e crianças nascidas fora do casamento não eram bem-vindas. Ela sabia que o pai dele tivera uma filha ilegítima com a amante, a meia-irmã de Gio, que a família não reconhecia nem aceitava em seu seleto círculo.

Gio começava a aceitar seus argumentos, decidiu, lutando para sentir-se satisfeita, pois suas objeções começavam a incomodá-lo e passavam a ser levadas a sério. Mas quando Gio a acompanhou até o elevador e deu-lhe as costas sem voltar a cabeça enquanto caminhava para sua suíte, foi impossível Billie sentir-se bem a respeito de tudo o que acontecera. Estava um lixo, tanto por dentro quanto por fora, nem penteara o cabelo. A parede espelhada do elevador mostrou uma mulher de lábios inchados, com uma cascata de cachos despenteados e olhos perplexos e culpados de onde brotavam lágrimas que tentava reprimir. Jogaria a culpa no vinho? No fato de estar há tanto tempo sem sexo? Nas lembranças antigas e na intimidade compartilhada no passado? Ou era vítima de uma atração fatal, de uma fraqueza chamada Gio Letsos? E, sem aviso, o tempo a levou de volta ao primeiro encontro.

O avô de Billie falecera quando ela completara 11 anos. Sete anos depois, a avó morreria de uma doença demorada. A mulher tinha deixado a casa para uma instituição de caridade. Billie tinha viajado para Londres com outra jovem, mudara-se para uma pensão e encontrou um emprego de faxineira num luxuoso condomínio de apartamentos. Ela já limpava o apartamento de Gio, quase um palácio, havia vários meses antes de encontrá-lo.

Antes de entrar nos apartamentos ela tocava a campainha para verificar se não havia ninguém em casa. Naquele dia, ninguém atendera. Billie limpava a poeira das estantes da espaçosa sala de estar quando um repentino barulho a assustou. Ao girar o corpo, avistou um homem atirado em um dos sofás. Por um instante, acreditou que ele estivesse dormindo, mas os olhos escuros tinham se aberto e a fitavam, enquanto o homem tentava sentar-se com movimentos desajeitados e sem coordenação. Ela o observara chocada quando, em vez de ficar de pé, ele acabou rolando do sofá e caindo no piso de madeira encerado.

– Pelo amor de Deus, você está bem? – perguntou, a princípio achando que ele estivesse embriagado.

Todavia, tendo crescido com um avô e colegas de colégio que se excediam no álcool em todas as oportunidades, Billie confiava em sua capacidade de reconhecer alguém bêbado. Gio tentou, mas não conseguiu levantar a cabeça e gemeu. Tendo percebido que não havia sinal de garrafas ou copos por perto, e não sentia cheiro de bebida, finalmente arriscou-se a chegar mais perto para verificar se ele estava apenas passando mal.

– Gri... – murmurara, os cílios pretos e enormes baixando e cobrindo os olhos deslumbrantes como se qualquer esforço para pronunciar uma palavra fosse excessivo.

Billie repousara os dedos em sua testa e constatou que ele ardia de febre.

– Acho melhor chamar uma ambulância – sussurrou.

– Não... médico... telefone – pronunciara com dificuldade, apalpando o bolso do paletó do terno. Billie apanhara o celular e lhe entregara. Ele mexera nos botões e soltara um palavrão. – Não, ligue você.

Mas a lista de contatos tinha sido escrita numa letra esquisita que definitivamente não era o alfabeto, e ela não conhecia nenhuma língua equivalente. Ela teve de cutucar seu ombro para chamar sua atenção e com alguma dificuldade em concentrar-se, ele afinal apontara o nome e ela telefonara para o médico. Por sorte, o doutor atendera em inglês e, demonstrando grande preocupação a respeito do homem a quem se referiu como “Gio”, prometeu chegar em vinte minutos.

Apesar do constrangimento, sabia que precisava esperar o médico e continuou ocupada com a limpeza, enquanto Gio permanecia estirado no chão. Ela se sentira incapaz de ajudar, uma inútil. Ele era grande e pesado demais para ela conseguir levantá-lo. Acabou desistindo de tentar encontrar uma posição mais confortável para o homem. O médico, jovem e elegante, ficara chocado ao ver Gio estirado no chão e imediatamente o levantou e praticamente o carregou até o primeiro quarto que dava para o corredor.

Dez minutos depois, o médico a procurou na cozinha.

– Ele é workaholic e está exausto. Deve ser essa a causa de sua doença. Apesar de muito gripado, recusa-se a ir para o hospital. Vou prescrever uns remédios e contratar uma enfermeira particular... Poderia ficar com ele um pouco? Ele não pode ficar sozinho, mas recebi um chamado de emergência.

– Só vim para fazer a faxina e já estou atrasada – explicou Billie. – Eu já devia ter começado a limpeza do apartamento ao lado.

– Gio é dono do prédio. Na certa, é ele quem assina seu cheque no final do mês. Eu não me preocuparia com o apartamento vizinho – disse o médico curto e grosso. – Ele pediu para você entrar e falar com ele...

– Mas por quê?

O médico deu de ombros enquanto se dirigia à porta.

– Talvez ele queira agradecer por ter bancado a boa samaritana. Você podia ter corrido e o deixado largado no chão.

Ela bateu na porta do quarto e, ao não receber resposta, espiou e avistou Gio deitado na maior cama que ela já tinha visto, usando apenas uma calça de pijama preta de seda. Mesmo doente, com a pele cor de azeitona pálida, e adormecido, era o mais belo espécime masculino no qual ela já tinha posto os olhos, do cabelo preto encaracolado desalinhado ao queixo com barba por fazer e do impressionante torso bronzeado e musculoso à barriga tanquinho.

Depois de limpar os banheiros de hóspedes, esperou mais uma hora e ao voltar ao quarto o encontrou desperto.

– Precisa de alguma coisa?

– Pode me trazer um copo de água? Qual o seu nome? – questionou com voz débil, a respiração arfante. Ao tentar sentar-se, acabou escorregando.

– Billie.

– Diminutivo de que nome?

– De Billie. Quer que eu ajeite os travesseiros?

E ela havia ajeitado os travesseiros, esticado o lençol e lhe levado o copo de água. Ele pareceu surpreso com a descoberta de que ela limpava seu apartamento regularmente sem que jamais a

tivesse visto.

- Nunca tem muita coisa para arrumar – assentiu. – A cozinha parece nunca ter sido usada.
- Eu viajo muito e janto fora ou peço comida quando estou aqui.

A campanha tocara.

- Deve ser a enfermeira que o médico mencionou – comentou ela.
- Não preciso de enfermeira.
- Você está muito doente, muito fraco para ficar sozinho – informou Billie com firmeza.
- Eu esperava que você pudesse ficar.

– Tenho outros apartamentos para fazer a faxina. Já vou passar do meu horário – falou, antes de apressar-se a atender a porta para uma loura linda e uniformizada com rosto de madona.

Na manhã seguinte ao chegar, seu gerente havia saído do escritório e comunicado:

– Você foi designada para trabalhar em horário integral no apartamento do sr. Letsos até segunda ordem.

– Como assim? *Tempo integral!* – berrou atônita.

– A ordem veio de cima. Talvez o cara tenha dado uma festa a noite passada e precise que limpem a bagunça toda – resmungou desinteressado. – Não é da nossa conta perguntar o motivo.

Ela tocou a campanha. Como ninguém atendeu, usou a chave mestra, movendo-se devagar pelo apartamento silencioso antes de bater na porta do quarto.

– Cadê a enfermeira? – interrogou de cara.

Ainda recostado nos travesseiros, a barba crescida, Gio lhe lançara um olhar espantado.

– Ela quis dormir comigo. Eu mandei que fosse embora.

Totalmente desconcertada com a confissão, Billie o examinou com os olhos arregalados, reconhecendo o quanto era atraente apesar de doente. Ele era deslumbrante. Só de olhar para ele sentia um frio na barriga.

– Por isso espero que não se importe por eu ter providenciado para que cuide de mim, porque você não demonstrou o menor desejo de ir para a cama comigo.

Billie ficou vermelha até a raiz do cabelo.

– Claro que não. Como providenciou isso?

– Você se importa?

– O que envolveria a tarefa de cuidar de você? – inquiriu desconfiada. – Não sou enfermeira.

– Não como desde o café da manhã de ontem – confessou Gio, os deslumbrantes olhos escuros cravados nos seus em uma clara tentativa de compreensão. – Acho que receberia um prato de comida de bom grado.

Billie ficou com pena, chegou a sentir certa culpa por não ter lhe oferecido uma refeição no dia anterior. Além do mais, cuidar de doentes era algo que Billie fizera dos 11 anos até o falecimento da avó. Durante os três dias seguintes, Billie cumprira suas tarefas discretamente. Tomara conta de Gio, fizera compras para ele, preparara as refeições, mudara a roupa de cama, dera os remédios e discutia com ele sempre que ele anunciava, prematuramente, já estar bem e em condições de sair da cama, porque seu estado de prostração continuava e era evidente nos olhos fundos. Na verdade, ela e Gio estabeleceram uma agradável camaradagem, sem que a posição socioeconômica representasse qualquer empecilho. Deu boas gargalhadas quando ele anunciou que a levaria para jantar fora em sinal de agradecimento tão logo se sentisse mais forte.

– Quantos anos você tem? – perguntou ele de repente, encarando-a. – Não saio com adolescentes.

E no instante em que, animada, Billie vislumbrou a possibilidade do jantar como um encontro amoroso, mentiu despidoradamente, com receio de não se encaixar nos padrões, pois *nunca* imaginara receber um convite de alguém como Gio. Aquilo era um sonho.

À proporção que as imagens retrocediam, Billie engoliu em seco, abalada com as recordações e com a própria inocência, pois naqueles dias ela via Gio como um cavaleiro montado em um cavalo branco. Ele parecia tão perfeito, tão atencioso e cortês. Bem, aceitou magoada, agora sabia no que dera sentir tanta confiança no cara. Gio sabia dizer coisas intoleráveis de modo educado, sem levantar a voz. Podia abrir graciosamente a porta para você passar enquanto dizia alguma coisa capaz de congelar seus ossos e estraçalhar em tiras seu coração. Suas boas maneiras e autocontrole só acrescentavam outra camada de sofrimento ao jogo, porque ele era inteligente o suficiente para verbalizar expectativas inadmissíveis da maneira mais gentil e civilizada.

NAQUELE MESMO dia, o chefe da equipe de segurança de Gio, Damon Kitzakis, foi ao seu encontro logo depois do jantar. Exibindo uma estranha expressão de desconforto para alguém que, em geral, demonstrava grande descontração com o chefe, Damon desconversou até não ter saída.

– Está preocupado? – encorajou Gio franzindo o cenho.

– Como você pediu, Stavros tem ficado de olho na srta. Smith e feito perguntas aos vizinhos – disse Damon em tom tenso. – Por acaso, ele acabou de posse de uma informação que, na certa, você já sabe, é claro, *mas...*

Gio se ajeitou na poltrona, os ombros largos retesados.

– E que informação é essa?

– A srta. Smith tem um filho.

Gio lançou um olhar espantado para o segurança.

– A mulher com quem ela mora tem filhos.

Damon hesitou.

– Aparentemente, quando a srta. Smith se mudou estava grávida. A criança mais nova... é dela.

De repente, um zumbido na cabeça de Gio interferiu em sua capacidade de pensar com clareza. Ele piscou, tentando clarear o pensamento. Billie tinha um filho de outro homem. Ela *tivera* outro homem. *Theos*, ele nunca deveria ter voltado a se aproximar sem antes receber o relatório da empresa de investigações. Este era seu prêmio pela ridícula impaciência, refletiu irritado. O mínimo que ela deveria ter feito era *contar*, pensou abalado com a desconcertante sensação de raiva e choque.

Os lábios empalideceram ao comprimir os lábios com força e telefonar para Joe Henley. Sim, havia uma criança, confirmou o dono da empresa sem hesitação, mas ele ainda não verificara uma cópia da certidão de nascimento a fim de fornecer maiores detalhes.

Por que diabos Billie não tinha contado que era mãe? Afinal, de posse da perfeita desculpa para não reatarem, por que não lançara mão dela? Na certa, sabia que ele não ia a querer de volta com uma criança a tiracolo. Gio deu um salto da poltrona. A raiva e o choque atingiam o auge com rapidez, pois Billie conseguira o que poucos conseguiam: fazer Gio sentir-se um idiota.

Nunca teria ido de novo para a cama com ela se soubesse que tinha filhos. Estaria Billie fazendo um jogo sujo, planejando enredá-lo fazendo uso da cama boa antes de admitir que tinha um filho?

BILLIE MERGULHOU na banheira e furou as bolhas na superfície da água. Era a noite que dedicava a seu prazer, na qual se dedicava às suas atividades favoritas. As crianças já tinham pegado no sono. Já arrumara a cozinha. Depois do banho, se enroscaria no sofá e assistiria a um filme romântico comendo chocolate. Mesmo que não acreditasse mais no amor verdadeiro ou no poder duradouro do romance, ainda curtia a fantasia, reconheceu com um quê de melancolia.

A campainha tocou enquanto se enxugava. Fechou a cara, estendeu o braço em busca do roupão e saiu do banheiro apertando a faixa na cintura. Desceu as escadas descalça, querendo evitar que a visita tocasse mais uma vez a campainha e talvez incomodasse as crianças. Jade tinha o sono leve e quando acordava, levantava-se e não havia mais possibilidade de paz e tranquilidade. A partir de então, teria de assistir desenhos animados e conversar sem parar até Jade voltar a ficar sonolenta.

Billie escancarou a porta e conteve uma exclamação de irritação. Era Gio. Em vez de usar terno como de costume, vestia um jeans preto e uma jaqueta de couro. Ela desviou a atenção da rara visão do homem em roupas esportivas e fitou o rosto fino. Os olhos escuros faiscavam como fogos de artifício dourados. O rubor cobriu-lhe o rosto, pois não conseguia pensar em outra coisa a não ser na força com que a possuía e no prazer desmedido que lhe proporcionara.

– Por que não me contou que tinha um filho? – indagou Gio em tom grosseiro.

Billie recuou, o rosto empalidecendo mais rápido do que corara ao se lembrar de como tinham passado a tarde. Abriu mais a porta, admitindo que esse não era o tipo de conversa para terem do lado de fora.

– Melhor entrar.

– Pode ter certeza de que vou entrar – vociferou Gio quase grunhindo, passando por ela e abrindo a porta da sala de estar em um comportamento típico de uma visita frequente e sempre bem-vinda.

Ele sabia. Ah, meu Deus do céu, ele sabia, e por isso estava furioso, imaginou Billie, consternada.

Gio virou-se ao chegar à janela, num movimento ao mesmo tempo gracioso e agressivo, os olhos deslumbrantes faiscando como se ela o tivesse ofendido.

– Eu nunca teria encostado em você se soubesse que tinha um filho de outro homem!

Um filho de outro homem. O pior da tensão evaporou ao dar-se conta de que por uma sorte misteriosa, seu segredo permanecia guardado. Era evidente que não ocorrera a Gio que o filho pudesse ser dele, mas ela ficou desconcertada diante da inesperada demonstração de possessividade sexual que ele revelava.

– É isso mesmo, eu tenho um filho – confirmou rispidamente. – Mas isso não é da sua conta.

– *Theos...* Claro que é da minha conta, se eu pedi que voltasse para mim! – retrucou, a espetacular estrutura óssea tensa e expressando reprovação.

Então ele não a desejava se ela estivesse incumbida de cuidar de uma criança. Isso não a surpreendeu. Talvez ele quisesse um herdeiro legítimo com Calisto, mas isso tinha origem no orgulho em dar continuidade à família e ter um filho que seria o herdeiro de seu império. Ele

não gostava de crianças, não tinha o menor interesse por elas, como ela já havia percebido. Ele tinha sobrinhos e sobrinhas porque duas de suas irmãs já tinham se casado e procriado, mas ele nunca as mencionara de modo positivo. Pelo contrário, reclamava do barulho, da indisciplina e dos inconvenientes causados durante os encontros dos adultos.

– Mas eu não lhe *devo* satisfações se tenho um filho quando não planejo voltar para você – contra-argumentou Billie, ajeitando os ombros agora que não mais se sentia ameaçada. Os olhos verdes brilharam desafiantes.

– Então o que significou nosso encontro hoje à tarde? – questionou Gio com desprezo evidente.

– Um erro, como eu já declarei – insistiu. – Um erro que obviamente não vai se repetir.

Gio analisou Billie, o rosto rosado, o cabelo desalinhado. Devia estar nua por baixo do roupão. Quando ela se moveu, os seios balançaram, os mamilos espetando o tecido, e em segundos ele ficou excitado, o membro duro como ferro. Droga! Não conseguia controlar o próprio corpo.

– Quem era o cara?

– Isso não tem importância – afirmou.

A fúria não o abandonava. Respirou fundo e devagar, perturbado com o grau de raiva que ardia dentro dele, questionando seu motivo.

– Quantos anos tem a criança? – interrogou, embora desconhecesse o motivo da curiosidade.

– Um ano – respondeu, diminuindo uns dois meses da idade de Theo por medida de proteção, temerosa de despertar a curiosidade de Gio. Não gostaria que ele aventasse a possibilidade de a criança ser sua.

Ocupado com rápidos cálculos mentais, enquanto contava os meses, Gio comprimiu a boca larga e sensual em uma linha de desgosto.

– Então, resolveu me dar o troco quando nos separamos.

– Nem tudo na minha vida diz respeito a você! – esbravejou Billie na defensiva.

– Mas é óbvio que você não está mais com o pai da criança.

– Nem todos os homens nasceram para ser pai – argumentou.

– Qualquer homem com um pinga de decência assumiria a paternidade – comentou Gio, surpreendendo-a. – Cuidar dos filhos é obrigação dos pais.

– Bem, o meu não cuidou de mim... – Por pouco pensou em dizer que o pai dele tampouco cuidara do filho, mas esse era um assunto muito delicado para levantar, considerando o péssimo humor que ele demonstrava.

– Bem, não interessa. – Gio mexeu os ombros encobertos pelo couro macio enquanto passava por ela e dirigia-se à porta numa clara demonstração de que nada mais o retinha ali. – Você devia ter me contado sobre a criança assim que eu reapareci. Eu não aceitaria uma criança e teria ido embora.

No passado, Billie acreditava que experimentaria certa satisfação caso Gio, por ignorância, rejeitasse o próprio filho, entretanto sentiu o peso da culpa na consciência. A passagem do tempo suavizara sua maneira de encarar a vida. Nada era preto no branco, como acreditava ao dar à luz, sem o conhecimento de Gio. Menos emotiva que na época, sabia que Gio a iludira, mas isso não justificava suas decisões. Uma criança não representava um troféu ou o troco pela grosseria de um adulto. Uma criança era apenas um pequenino ser humano que talvez não apreciase a escolha feita pela mãe quando atingisse a idade de ter a própria opinião.

PARA GIO, a manhã seguinte começou com um choque quando ouviu a máquina de fax imprimir um documento. Pegou a primeira página a caminho do banho e congelou ao dar-se conta de que examinava uma certidão de nascimento.

Theon Giorgios, um menininho de 15 meses, tinha nascido de Billie Smith. Theon era o nome do seu avô, e a idade da criança não deixava dúvidas quanto à época da concepção.

Gio folheou as outras páginas do relatório. As mãos tremiam de raiva. Estava tão zangado, tão pasmo, que teve vontade de quebrar alguma coisa. Havia confiado em Billie, mas era evidente que ela *traíra* sua confiança. Esforçou-se para acalmar-se e analisar racionalmente os fatos. Sabia que nenhum método contraceptivo era infalível. Sabia disso racionalmente, mas sempre tinha sido cuidadoso, determinado a nunca ser aprisionado naquela rede por algo tão básico quanto à biologia.

Billie tomava anticoncepcionais, mas os efeitos colaterais a obrigaram a testar várias marcas antes de finalmente decidir-se a colocar um implante no braço. Em resumo, ele lhe permitira assumir a responsabilidade no quesito evitar filhos, e era bem possível que ela simplesmente tivesse sido vítima de uma falha. Largando o relatório, entrou apressado no chuveiro e deixou a água escorrer por sua cabeça enquanto pensava incrédulo: *eu tenho um filho*.

Um filho ilegítimo. Não gostou da ideia; não gostava nada disso. Gio era muito inflexível em sua opinião quanto a filhos fora do casamento e tinha consciência do quanto a meia-irmã sofrera por não ter um pai presente nem a aceitação e o apoio da família. Desde então, os tempos haviam mudado e o mundo, em geral, andava bem menos preocupado com o fato de uma criança ter sido gerada por um casal casado legalmente ou não. Na família Letsos, porém, tão imbuída de honra, status e herança, essa formalidade ainda tinha um grande peso.

O fato de Billie ter mentido para ele chocava Gio, e quando terminou de ler o relatório e soube da cirurgia do filho, os cuidados inaceitáveis de Billie, e o caráter da mulher com quem ela dividia a casa, providenciou imediatamente uma reunião por videoconferência com seu departamento jurídico em Londres. Uma vez concluída a reunião, Gio estava a par de suas poucas opções, o que deixou seu sangue fervilhando como lava sob a calma superfície. Metera-se em uma situação indesejável, e o pior, uma situação sob a qual não podia exercer controle. Jogaria sujo se necessário, muito sujo se fosse preciso. Billie podia tê-lo apanhado de surpresa, mas Gio tinha plena consciência de suas prioridades.

Naquela mesma manhã, Billie estava exausta, pois passara a noite revirando-se na cama e acordara muito cedo. Tomava uma xícara de chá quando Dee apareceu bocejando e jurando que ia direto para a cama.

– Fiz uma coisa horrível – confessou à prima, logo fornecendo todos os detalhes. Hesitou ao ver o olhar surpreso e horrorizado da prima. – Eu sei, cometi um erro terrível ao dizer a Gio que Theo era filho de outro homem.

– O que deu em você?

Billie suspirou.

– Eu me senti encurralada, ameaçada. Não tive a oportunidade de raciocinar direito. Sei que Gio vai ficar furioso quando descobrir a verdade. – Afastou os cachos caindo sobre suas sobrancelhas e resmungou. – Vou mandar uma mensagem de texto pedindo que ele venha aqui.

– Acho bom. Quero dizer... no minuto em que você soube que ele tinha conhecimento de que você tinha um filho, era seu dever jogar limpo. Afinal, se não contar a Gio, o que vai acontecer se Theo decidir conhecer o pai daqui a dez ou quinze anos? – inquiriu ansiosa a mulher loura. –

Entendo que Gio tenha magoado você, mas isso não quer dizer que ele não pode vir a ser um bom pai.

Dee não dizia nada que Billie já não tivesse pensado durante as longas e solitárias horas daquela madrugada. A volta de Gio tinha mudado seus planos. Não era mais aceitável esconder a verdade sobre a paternidade de Theo. Fingir que outro homem era o responsável pela gravidez tinha sido imperdoável, reconheceu. Os olhos ardiam enquanto tentava conter as lágrimas. Envergonhada pelo momento de covardia, engoliu em seco e pegou o telefone, selecionando o número que nunca apagara, torcendo para que permanecesse o mesmo, e digitando uma mensagem.

Preciso falar com você hoje. É muito importante.

Gio respondeu.

Às 11h, na sua casa.

Era evidente que Billie planejava contar a verdade. Cerrou os lábios; não estava impressionado. A verdade chegaria com mais de 15 meses de atraso.

CAPÍTULO 5

DESCONFIADA COMO um gato em telhado de zinco, Billie espiou pela janela quando Gio saltou da limusine. Ficou ainda mais tensa ao ver o traje formal. Ele usava um terno impecável preto, camisa branca e gravata roxa. Gio, em seu estilo magnata, olhos velados, rosto forte e fino, reservado e sério.

– Tenho uma coisa para contar – pronunciou ela, ofegante, no hall.

Gio tirou uma folha de papel do paletó e simplesmente a estendeu.

– Eu já sei.

Com o coração disparado, Billie desdobrou a folha, os cílios batendo desconcertados ao ver a fotocópia da certidão de nascimento.

– Não sei o que dizer.

– Não há nada a explicar – mencionou Gio em tom glacial. – Você mentiu a noite passada. Escondeu deliberadamente a verdade de mim por mais de um ano. É evidente que não tinha a menor intenção de me contar que eu era o pai.

– Eu não esperava vê-lo outra vez – murmurou baixinho.

– Quero ver o menino – sussurrou Gio.

– Ele está tirando um cochilo.

Plantado ao pé das escadas, Gio lhe lançou um olhar irônico.

– Mesmo assim quero ver o menino.

Billie respirou fundo e aproximou-se das escadas esfregando as palmas das mãos no jeans. Se fosse razoável, talvez conciliadora, pudessem lidar com a situação de modo civilizado, pensou tentando encontrar consolo. Naturalmente, a primeira reação de Gio era de curiosidade e, como estava divorciado, a existência de Theo seria menos embaraçosa do que se ainda estivesse casado.

– Não podemos fazer barulho – murmurou. – Dee está cansada e foi deitar. Não quero acordá-la.

Billie abriu a porta do quarto que as três crianças dividiam. O berço de Theo ficava no canto. Gio entrou e, com uma forte sensação de incredulidade, contemplou o bebê que dormia serenamente debaixo das cobertas. *Seu filho*. Bastou um olhar de relance para constatar que a semelhança com os membros de sua família saltava aos olhos. Theo tinha cabelo preto encaracolado, um narizinho forte e o formato de olhos iguais aos de Gio. Respirou fundo e

devagar, o peitoral largo apertando numa onda de emoção diferente de tudo o que já sentira. Aquele era o *seu* menininho e sofrera uma cirurgia séria *sem* Gio. Qualquer cirurgia em bebês era arriscada. Seu filho podia ter morrido sem que Gio nem sequer soubesse da sua existência. A raiva o abalou como uma droga rejuvenescedora, destruindo a couraça de incerteza e choque. Duvidando de sua capacidade de permanecer quieto, afastou-se do berço e dirigiu-se para a porta.

Constrangida, Billie o analisou. O rubor coloria as maçãs do rosto. Nos olhos pretos reluzentes, ela não conseguia ler nenhuma sensação, e a boca larga e sensual comprimida formava uma linha reta.

– *Theos*. Nunca vou perdoá-la – bradou no topo das escadas. A voz aveludada, fria como gelo, reverberou em sua pele.

Ficou consternada diante de afirmativa tão inflexível. O estômago revirou e as pernas fraquejaram enquanto descia as escadas.

Na sala de estar ela o encarou.

– Por que não vai me perdoar? Porque engravidei?

A figura alta, morena e de ombros largos no vão da porta a encarou.

– Não sou tão idiota. Ninguém gera um filho sozinho. Eu sei que você não podia estar tramando engravidar pelas minhas costas, porque, se fosse esse seu objetivo, teria pedido pensão alimentícia. Como não fez qualquer tentativa de entrar em contato comigo para avisar que teve um filho meu, posso, no mínimo, absolver você de ganância.

– Devo agradecer por esse voto de confiança? – perguntou erguendo as sobrancelhas.

– Não. – Gio fechou a porta. – Você tem de me explicar o motivo de ter decidido não me comunicar.

– Estou surpresa com a pergunta.

– Está mesmo? – retorquiu Gio em tom irritado.

– Claro. Você estava de casamento marcado.

– Isso não é desculpa – assegurou apressado. – Pouco interessa se eu era solteiro, casado ou divorciado. Aquela criança lá em cima é e *sempre* será responsabilidade minha, e você devia ter me avisado assim que soube que estava grávida.

– Achei que não quisesse saber – admitiu Billie pouco à vontade, sem saber direito o que dizer. – Uma vez você me alertou que se eu ficasse grávida isso seria um desastre e representaria o fim do nosso relacionamento.

– Essa desculpa também não serve, especialmente se, de acordo com você, nosso relacionamento já tinha terminado – lembrou-lhe Gio.

– Gio, você sabe que teria ficado furioso e na certa jogaria a culpa em mim. Eu *sabia* que você não ia querer que eu tivesse a criança! – exclamou frustrada, ressentindo-se da sua recusa em aceitar os limites do relacionamento na época.

– O que a gente quer e o que faz costumam ser duas coisas muito diferentes – disse em tom cínico. – Sou adulto e posso aceitar a realidade.

– Puxa, não sei como agradecer! – retrucou irada, o rosto ruborizado. – Como ousa me criticar porque eu tive um filho seu? Na época eu achava que se contasse você exigiria que eu fizesse um aborto.

Gio lhe lançou um olhar gélido.

– Com base em que pautou essa hipótese?

Ciente das vibrações hostis na atmosfera, Billie tentou encontrar as palavras certas.

– Bem, obviamente...

A sobrançelha cor de ébano se ergueu.

– Por acaso algum dia fiz algum comentário sobre aborto caso a situação se apresentasse?

Imprensada na parede, Billie se mexeu inquieta.

– Não, mas você tinha deixado claro qual seria sua atitude se eu engravidasse, então foi natural eu assumir que você sugeriria a interrupção da gravidez.

– Discordo.

– Então está dizendo que não ia sugerir a interrupção? – pressionou Billie.

– Exatamente. E considerando que uma vez nós comentamos brevemente sobre o que eu pensava sobre gravidez, você tirou conclusões bastante precipitadas sobre minha reação! – condenou Gio.

– Na época você ia se casar para *ter* um filho com outra mulher. Minha gravidez só criaria problemas! – proclamou Billie, emocionada. – E talvez eu não quisesse ser a portadora de más notícias, talvez não quisesse dizer o que você não queria ouvir, talvez eu tenha algum amor-próprio...

– Eu nunca teria me casado com Calisto se soubesse que você estava grávida – declarou Gio, irritado. – Sempre colocaria as necessidades do meu filho em primeiro lugar.

Billie ficou abalada com a declaração e franziu o cenho.

– Não entendo.

Gio começava a digerir a realidade e controlava seu humor por um triz.

– Não, você não entende as consequências da sua atitude. Ou entende?

– Como assim? – retrucou na defensiva. – Eu trouxe Theo ao mundo e cuidei dele da melhor maneira possível. Ele tem tudo de que precisa.

Os olhos de Gio faiscaram como tochas luminosas, a força da sua raiva evidente nos traços angulosos do rosto e no semblante bonito.

– Não, ele não tem tudo de que precisa. Ele não tem pai...

Ela franziu o cenho.

– Se isso o preocupa, se deseja participar da vida de Theo, eu concordo.

– Considera aceitável me oferecer apenas que tome parte da vida do meu filho? – indagou em um tom semelhante a uma chicotada. – Acha aceitável meu filho ter sido submetido a uma cirurgia sem que eu soubesse? Criá-lo aqui nesse pardieiro? Arrastá-lo todos os dias para uma loja enquanto você trabalha? Mantê-lo distanciado da minha língua, da sua herança, da família do pai, quando você não tem uma família para oferecer? Quero deixar bem claro que *nada* do que você fez é aceitável para mim!

Abalada pela denúncia abrangente sobre o que tinha a oferecer para o filho e pela raiva que ele não conseguia esconder, Billie reagiu à ofensa.

– Minha casa não é um pardieiro.

– Para os meus padrões, *é* – atirou-lhe na cara sem qualquer constrangimento.

– Como soube que Theo precisou ser operado? – questionou Billie, ofendida com a atitude de Gio, diametralmente oposta ao que esperava. Por fim, ela fez a conexão de qual podia ser a mais provável fonte para a obtenção de informações. – Ah, então você mandou nos investigarem.

– Por que meu filho precisou ser submetido a uma cirurgia com seis meses? Em geral a displasia é detectada antes.

– A dele não era e ele não respondeu bem a outros tratamentos. Do jeito como fala, parece estar a par de tudo...

– Claro que sim. Muitas pessoas da minha família têm este traço genético. Minha meia-irmã e uma de minhas irmãs por parte de pai e mãe nasceram com isso, bem como um sobrinho e uma sobrinha. É menos comum em meninos. Theo ter tido esse problema corresponde a ter feito um teste de DNA – cuspiu com ironia. – Ele é um exemplar perfeito dos Letsos à exceção do nome.

Billie ergueu o queixo.

– Não, ele é um Smith.

Contendo a raiva, Gio a encarou, os olhos escuros semivelados pelos cílios fartos. Mesmo usando jeans velho e uma camiseta azul, as curvas femininas emitiam um canto de sereia em seus ouvidos. Ele ficou excitado e irritado, pois por mais zangado que estivesse, ainda a desejava de um modo visceral. Uma vez não tinha bastado; uma vez não o saciara.

– Quero o meu filho – pronunciou curto e grosso.

Billie empalideceu, os olhos piscaram quando passou o olhar pelo rosto contraído e magro e desceu pelo corpo flexível, letal e bem-feito.

– O que isso significa?

– Significa exatamente o que eu falei: *quero* o meu filho. Quero estar presente em todos os momentos da sua vida, ser um pai diferente do meu – Gio prosseguiu seco, a boca grande sensual e contraída, o que a fez lembrar-se de que a família sempre tinha sido um assunto espinhoso sobre o qual ele preferia não discorrer.

– E como pretende realizar isso?

– Brigando na justiça para obter a guarda – reagiu, ajeitando os ombros. – Meu filho merece.

Ela franziu as sobrancelhas, numa demonstração e irritação e descrédito ao encará-lo. Aquela conexão visual teve o efeito de deixar seu sangue fervilhando enquanto o batimento cardíaco acelerava. Confusa, estremeceu.

– Não pode estar falando sério. Não acredito que vá tentar tirar Theo de mim.

– Não vou permitir que ele fique aqui.

A raiva incensada por um medo profundo derrubou a parede de surpresa que a envolvia.

– Pouco me interessa o que você permite. Eu sou a mãe de Theo e nada do que faça ou diga vai me tirar o direito de cuidar do meu filho!

– Engano seu – comentou sucinto. – Tenho todo o direito de me opor ao modo como cuida do meu filho e explicarei às autoridades porque eu acredito que as condições em que meu filho vem sendo criado são inaceitáveis.

Gio a ameaçava. Gio na verdade avisava que estava disposto a dar queixa dela no Serviço de Proteção à Criança e relatar o que considerava inadequado ou negligente em sua forma de criar o filho. A simples ideia deixou Billie trêmula de raiva. O rubor subiu-lhe ao rosto, o queixo se ergueu, os olhos verdes o desafiaram.

– Bem, talvez possa me dizer com toda a honestidade o que pensa, porque eu não vejo nada de inaceitável na forma como crio meu filho!

– Você mora com uma prostituta e deixa meu filho sob seus cuidados. Não vou tolerar isso – afirmou friamente.

Pega de surpresa pela acusação, afundou no sofá, as pernas trêmulas. Nunca lhe ocorrera que uma investigação rotineira sobre sua vida também fosse descobrir o segredo mais bem guardado de Dee. Pálida, os olhos claros refletindo tensão e desespero, ela encarou Gio.

– Dee agora trabalha como *bartender*. Seu passado ficou para trás...

– Impossível esquecer um passado desses. Não quero uma mulher dessas em contato constante com meu filho nem tomando conta dele.

– As pessoas cometem erros, mudam de comportamento e de vida. Não seja tão careta! – mencionou, arrasada por ele ter descoberto o passado tumultuado da prima e chegado a conclusões erradas.

Dee havia se envolvido com um homem mais velho quando ainda era adolescente. Largara os estudos e tinha terminado na rua, viciada em drogas. Dee fora sincera sobre o passado e Billie nutria um profundo respeito pela mulher que recomeçara a vida pelo próprio bem e pelo de seus filhos gêmeos.

– Fico feliz que ela tenha se regenerado, mas não a quero perto do meu filho – declarou sem demonstrar arrependimento. – Como pode garantir que ela não esteja traficando no bar enquanto trabalha à noite?

– Porque conheço minha prima e sei o quanto ela valoriza a vida que leva hoje em dia! – bradou furiosa.

– Quero meu filho fora desta casa agora mesmo. Quero que vocês dois se mudem para o meu hotel até resolvermos esta situação.

Atônita com a exigência, Billie o enfrentou.

– Não.

– Se disser que não, vai ter de arcar com as consequências – falou devagar e em tom gélido.

– O que quer dizer?

– Que vou usar todos os meios ao meu dispor contra você para ganhar a custódia do meu filho

– adiantou. – Vou procurar o Serviço de Proteção ao Menor e eles são obrigados, por lei, a investigar minhas acusações.

– Não acredito no que estou ouvindo! – gritou Billie tropeçando nas palavras, atônita com o que ele dizia, arrepiada diante da possibilidade de Dee ser investigada mais uma vez por funcionários desconfiados, hipócritas, dispostos a desenterrar o passado que Dee tanto batalhara para deixar para trás. – Você está ameaçando a mim e à minha prima!

– Faço qualquer coisa pelo bem do meu filho. Ele é minha principal preocupação. Não dou a mínima para o que isso possa acarretar ou quem possa ser magoado no caminho. Sempre agirei em prol do que acredito ser o melhor possível para ele.

– Como pode ter tamanha preocupação por um filho que nem conheceu ainda? – interrogou hesitante.

– Porque o meu sangue corre em suas veias. Ele é meu, é um Letsos, e preciso defendê-lo enquanto ele ainda é pequeno demais para tomar suas próprias decisões. – Gio deu uma olhada no relógio de ouro, escondido debaixo do punho imaculado da camisa branca. – Você tem quinze minutos para fazer as malas.

– Fora de cogitação sair daqui.

– Não, essa é sua única chance. Caso contrário, vai pagar um preço alto. Se eu deixar esta casa hoje sem meu filho, vou brigar pela custódia e usarei todos os meios ao meu alcance para vencer – avisou em tom ferino.

Arregalando os olhos, Billie entreabriu os lábios.

– Você não está sendo sensato!

– E por que seria? Você me privou dos primeiros 15 meses de vida do meu filho – pronunciou com frieza letal. – Como pode ficar surpresa por eu me recusar a permitir que roube um só dia a mais de convivência?

Diante da advertência, o sangue pareceu esvair-se e ela ficou tonta. Ele estava zangado, amargo, mas não podia estar falando a verdade.

– Você está louco? Theo precisa de *nós dois* – afirmou entre os dentes.

O rosto magro e forte retesou-se.

– Claro que sim. Quer dizer, se vivesse em um mundo perfeito. Não preciso lembrar que não vivemos em um mundo perfeito.

– Como pretende arranjar tempo para encaixar um bebê em sua agenda? – inquiriu zombeteira. – Não vai. Na verdade, você não quer seu filho. Está agindo como se Theo fosse uma espécie de troféu.

– *Faça as malas* – ordenou. – Leve apenas o que for necessário para as próximas 24 horas. Naturalmente, eu me responsabilizo por tudo o que precisarem.

Paralisada, Billie o encarou, sem querer acreditar que ele pudesse ameaçar tudo que lhe era caro na vida apenas por um capricho.

– Gio...

– Nem mais uma palavra – interrompeu Gio, furioso. – Quero o *meu* filho. Você ficou com ele todo o tempo que quis. Agora é a minha vez.

Billie tomou sua decisão. Iria para o hotel e permitiria a Gio passar um tempo com Theo e conhecê-lo. Na certa, essa concessão abrandaria seu mau humor e o acalmaria. Infelizmente, não podia prever as consequências. Esse lado agressivo de Gio era uma novidade. Ele lançava invisíveis faíscas que podiam conduzir a uma explosão. No momento, criar oposição só o deixaria mais zangado. Na certa, ele se acalmaria e veria a situação sob uma perspectiva mais prática, raciocinou histérica.

Billie retirou a mala do armário do corredor e a levou para o quarto. Juntou o básico para ela e o filho e desceu para buscar os alimentos de Theo. Deixou um bilhete para Dee na cozinha, avisando para onde tinha ido e que telefonaria.

– Dee não vai poder trabalhar hoje à noite se eu não voltar para tomar conta dos gêmeos – protestou Billie vestindo um blazer de algodão. Diante do olhar de avaliação de Gio, sentiu-se um lixo e desviou o olhar. Seus cachos encaracolados cor de chocolate não chegavam aos pés do cabelo liso escorrido e louro de Calisto. Seus quadris nunca seriam estreitos como os de um menino, nem seus seios seriam delicados e caberiam em uma das mãos. Estava condenada àquele corpo. Usando apenas pouca maquiagem, era comum. Era irônico que usasse roupas simples para evitar que Gio achasse que ela se arrumara para ele. Estranho, mas isso a fazia sentir-se como se tivesse atingido seu objetivo.

– Eu contrato uma babá para sua prima.

– Não posso deixá-la na mão. Foi difícil ela encontrar um emprego que fosse conveniente para nós duas.

– Já mencionei que me encarrego disso e vou cumprir o prometido – insistiu Gio, levantando a mala e abrindo a porta, determinado a não permitir que nada atrapalhasse seu objetivo. – Confie em mim.

O motorista esperava na porta e pegou a mala. Após um momento de hesitação, Billie também entregou a sacola com as coisas do filho, pegou um casaquinho no carrinho e tirou Theo do

berço. *Confie em mim!* O mais estranho é que ela confiava, pois Gio sempre dissera apenas a verdade, mesmo quando ela não queria ouvi-la. Ele jamais quebrara uma promessa.

O filho estava sonolento e quente. Ela esfregou a face na pele macia e inalou o cheirinho delicioso de bebê antes de enfiar-lhe os bracinhos no casaco. Apesar do mau humor, Gio não pôde deixar de pensar que o filho precisava tanto do pai quanto da mãe, pensou Billie, reconfortada. Ele não estava tentando separá-los; apenas ameaçar com o intuito de forçá-la a prestar atenção e obedecer. Era provável que ele só quisesse conviver poucos dias com Theo para conhecê-lo, e isso não poderia acontecer caso Billie não estivesse incluída no plano.

Uma cadeira infantil estava no assento traseiro da limusine. Billie colocou o filho na cadeira e prendia o cinto de segurança quando Theo levantou a cabeça e olhou para Gio com seus grandes olhos castanhos. Fez-se o silêncio enquanto os dois se acomodavam. Gio estava com o celular na mão e a luz se refletia no acabamento metálico. Theo estendeu o braço para pegar o telefone e Billie ficou surpresa quando Gio entregou o aparelho ao menino.

– Você não pode dar isso para ele! – vociferou quando Theo enfiou o celular na boca pronto para mordê-lo. – Ele tenta comer tudo o que vê.

Billie pegou o telefone de volta. Theo olhou as mãos vazias e esperou enquanto Billie devolvia o telefone para Gio sem que o filho percebesse. Apanhou um brinquedo. Ele o examinou, fez biquinho e o atirou longe.

– Ele quer o telefone de volta – sussurrou Gio, encantado.

– Claro que sim, tem um monte de botões. O brinquedo novo mais brilhante sempre atrai sua atenção.

O carro estacionou diante do hotel. Billie saltou e curvou-se para tirar o cinto de segurança, mas Gio já se adiantara e carregava Theo no colo. Ela os seguiu e entraram no hotel. Theo gostava tanto de lugares novos quanto de brinquedos novos e, encantado, virava a cabecinha com seus cachos escuros de um lado para o outro. Billie entrou no elevador. Theo sorria de alegria no colo do pai, evidentemente muito contente com a troca.

Billie ficou surpresa ao entrar em outra suíte e não na ocupada antes por Gio.

– Você mudou de andar?

– Claro, precisamos de mais espaço – afirmou enquanto Theo se agitava em seus braços. Com um suspiro, Gio desistiu e colocou Theo no chão. O menininho começou a engatinhar com rapidez, segurou o pé do sofá elegante e se ergueu, sorrindo de satisfação.

– Theo é muito inteligente – elogiou afetuosa.

As perninhas grossas do filho começaram a tremer e, perdendo o equilíbrio, ele caiu sentado e no choro. Gio voltou a pegá-lo no colo e o levantou acima da cabeça. Normalmente alegre, Theo esqueceu seu momento de tristeza e caiu na gargalhada ao se ver no ar. Gio imitou sons de avião como uma criança e saiu correndo pela sala, enquanto Billie observava tudo boquiaberta, incapaz de acreditar nos próprios olhos. Gio, despojado de sua dignidade e atitude distantes, Gio sorrindo de alegria, sem dissimulação.

– Hora do lanche – avisou Billie.

A brincadeira entre pai e filho terminou. Uma cadeirinha de comer foi entregue junto com a mala e Billie começou a dar comida para Theo, que queria comer sozinho e reclamou até a mãe ceder e entregar-lhe a colher. Theo enfiou a colher no pote de iogurte com um sorriso vitorioso. Billie ainda estava perplexa, a mente ainda passando o filme em que Gio se comportava de

maneira absolutamente inacreditável. Não fazia uma hora, ele ameaçava dar queixa dela no Serviço de Proteção à Criança.

Tinha sido uma ameaça injusta e a deixara apavorada. Dois anos atrás, antes de Dee colocar a vida nos trilhos, Dee perdera os filhos, que foram entregues a uma família. Apesar de ter conseguido os gêmeos de volta e não mais recebesse visitas de assistentes sociais, qualquer acusação de negligência certamente resultaria em uma nova investigação das autoridades. Billie não podia tolerar que a prima voltasse a correr o risco de ser investigada. Isso acabaria com a autoestima de Dee, a faria sentir-se uma péssima mãe e, caso os vizinhos tivessem conhecimento de que estava sendo investigada, ela seria alvo das fofocas locais. Billie seria capaz de quase tudo para proteger Dee de tal situação.

Contudo, o mesmo homem que verbalizara aquela terrível ameaça havia mostrado outra faceta ao filho. Com Theo, Gio agira de modo brincalhão, desinibido, alegre, três características que nunca associara ao Gio frio, calmo e reservado. Reconheceu que o interesse no filho era bem maior do que ela jamais imaginara possível e ficou sentindo-se pouco à vontade de não ocupar o papel principal no triângulo. Ele tinha dito que queria o filho. O que exatamente queria dizer?

Gio entrou em um dos quartos e reapareceu na sala de estar usando jeans e um blusão listrado. Billie não conseguia desgrudar os olhos do rosto fino, sombrio e deslumbrante enquanto ele parecia encantado em ver Theo erguer uma pilha de tijolinhos e derrubá-la, rindo, achando graça no barulho. O jeans justo delineava cada músculo das coxas fortes e ressaltou os quadris estreitos quando ele se agachou ao lado de Theo. O olhar de Billie percorreu a barriga lisa e desceu até o volume abaixo do cinto. Desviou o olhar, ardendo e tomada por arrepios, como alguém que tivesse contraído febre. Ficou mortificada, pois sabia exatamente o que acontecia com ela. O desejo por Gio não tinha cessado, não estava sob controle, não desaparecia, embora soubesse que isso era um erro; apenas prosseguia, crescia.

Às vezes, esse desejo por Gio parecia uma sentença de morte. A gravidez apenas acelerara sua partida da vida daquele homem, pois ela temia que ele descobrisse seu segredo. Na ocasião, acreditava que isso seria o máximo da humilhação, pois achava que Gio jogaria toda a culpa sobre ela; a acusaria pela gravidez indesejada e a faria sentir-se culpada, apavorada e rejeitada. No entanto, agora, ele verbalizara que teria tido um comportamento diferente e insistira que jamais teria sugerido que ela interrompesse a gravidez. No entanto, poderia mesmo confiar nas palavras de Gio? Afinal, dois anos tinham se passado e Gio constatara que seu casamento estava destinado ao fracasso. Dois anos atrás, o matrimônio representava um grande passo em sua vida, e a gravidez de Billie causaria, no mínimo, um grande constrangimento. O que exatamente ele queria dizer ao afirmar que jamais teria se casado se soubesse que Billie estava grávida?

Nunca lhe ocorrera poder mudar o curso dos acontecimentos ou ver Gio de joelhos, construindo uma torre precária de tijolinhos para agradar Theo e caindo na gargalhada quando o menino a derrubava com um tapa.

– Você falou que queria Theo – murmurou em voz muito baixa, tendo afinal recuperado a coragem para questioná-lo. – O que exatamente quis dizer com isso?

– Quis dizer que agora que o encontrei, não vou me afastar – declarou, fitando-a por cima da cabeça de Theo. Os olhos escuros eram tão lindos que dificultavam qualquer pensamento.

– Não, quer dizer, é claro – conseguiu pronunciar meio desajeitada –, você quer conhecer Theo melhor e ter contato com ele.

Impávido, Gio ergueu a sobrancelha cor de ébano.

– Quero muito mais que isso.

– Quanto mais? – pressionou, tentando respirar enquanto fitava aqueles olhos deslumbrantes.

Os lábios sensuais se abriram em um sorriso irônico.

– Não gosto de meio-termo. Eu quero *tudo*.

– Pode me explicar o que esse “tudo” abrange? – perguntou hesitante.

Gio a observou com ar divertido. Achava que ela deduziria, sem que fosse necessário explicar.

Estava disposto a lhe conceder o que ela sempre desejara e que nunca sequer sonhara em oferecer-lhe. Agora ele tinha motivos de sobra para a proposta e não lhe passava pela cabeça as consequências. O latejar em sua masculinidade aumentou ao passo que voltava a atenção para os seios fartos e visíveis toda vez que ela curvava a cabeça para fitá-lo. Ele queria arrancar-lhe a roupa, encaixar-se entre suas coxas e ali permanecer até saciar aquela sofreguidão que o consumia.

– Gio! – advertiu Billie, com os olhos verdes muito sérios.

– Quero tudo... como em um casamento – concluiu enquanto os dedos compridos afastavam os cachos dos olhos de Theo, que o abraçava tentando se levantar. – É a única opção que temos.

CAPÍTULO 6

- ESPERE AÍ, acho que não entendi direito. – Billie franziu os lábios sem acreditar no que ouvia.
- Por acaso, está sugerindo que *a gente se case*?
- Se nós dois nos casarmos, pelas leis britânicas, Theo será automaticamente legitimado.
- Mas que diferença faz se basta olhar a data do nascimento para constatar que na época você era casado com outra?
- Isso é irrelevante. O objetivo é que eu reconheça meu filho, que ele seja legítimo, que tenha direito à minha herança – pronunciou em voz baixa, o tom aveludado um insidioso murmúrio. – Ele tem esse direito e eu faço questão de reconhecê-lo.
- Mesmo que para isso você tenha de se casar comigo? – indagou incrédula.
- Você vai se casar comigo para o bem de seu filho e eu vou me casar com você pelo mesmo motivo. Somos os responsáveis pelo nascimento de Theo e ele deve vir em primeiro lugar – concluiu. – Nós devemos isso a ele.
- Desconcertada, Billie ficou toda arrepiada e trêmula. Havia muito, muito tempo ela sonhara com esse conto de fadas, antes de ser obrigada a aceitar que tudo não passava de uma tola fantasia, o que lhe causara uma dor profunda. Era quase impossível acreditar que ele falasse em casar-se com ela, pois isso era o mesmo que abrir uma porta trancada para permitir que o tolo conto de fadas voltasse a entrar. Passou os braços pela cintura em um abraço protetor.
- E você tem certeza de que os direitos de Theo como seu herdeiro não podem ser assegurados de outra maneira?
- Eu poderia providenciar documentos legais nos quais o reconhecesse como meu filho, mas nada seria mais explícito do que o casamento com a mãe dele. Em acordos dessa natureza quase sempre há uma brecha ou uma irregularidade e um advogado esperto sempre pode encontrar esses pontos fracos e ganhar uma causa com base nesses detalhes.
- E posso saber quem entraria com um processo tentando provar que ele não é seu filho? – pressionou Billie, atônita, incapaz de sequer imaginar seu filhinho vítima de um processo.
- Você faz ideia de como sou rico? – questionou Gio em tom calmo e letal. – Ou do que mesmo pessoas ricas e influentes são capazes para enriquecer a si mesmas e a sua prole ainda mais?
- Provavelmente não – concordou triste, ciente de que não pertencia ao seu mundo.

– Quando eu tinha 14 anos, minha madrasta tentou me deserdar do fundo de pensão da família e me substituir por seu filho, que tinha 8 anos. O processo só foi arquivado depois que meu avô conseguiu provar que o menino não era seu neto – completou Gio.

Billie ficou desconcertada, pois nunca suspeitara que o lugar de Gio na família tinha sido questionado antes mesmo de ele atingir a maioridade. Franziu o cenho, assombrada, imaginando como devia ter sido sua infância tendo como madrasta uma mulher tão desprezível e ambiciosa. Finalmente, compreendia seus temores em relação a Theo.

– Podemos nos casar dentro de poucos dias – comunicou Gio com calma, como se já tivesse vencido a batalha. – Depois da cerimônia, voamos para a Grécia e apresentarei minha mulher e meu filho à minha família.

Incapaz de imaginar tal evento, no qual teria o papel principal, Billie saltou do sofá e caminhou até a janela.

– Isso é uma loucura. Imagine eu tentar fingir ser sua esposa... Não podemos agir assim.

– Você vai *ser* minha esposa, não vai precisar fingir. Na verdade, a questão é: o quanto você ama nosso filho? – interrogou Gio com crueldade.

Ela ficou tensa.

– Isso não é justo.

– Não? Você *decidiu* assumir só para si a responsabilidade por Theo e por sua futura felicidade. Só estou pedindo que repare seus erros e garanta que ele receba tudo o que merece por direito – argumentou.

Billie estremeceu por dentro diante da acusação de ter cometido um grave erro e prejudicado Theo ao não informar de imediato a Gio que ele tinha um filho, mas a referência à viagem à Grécia desviou seus pensamentos para outra direção.

– Se o casamento não passa de uma formalidade legal, por que precisa que eu o acompanhe à Grécia?

– Você me permitiria levar Theo para a Grécia sem você? – inquiriu demonstrando surpresa.

– *Não!* – gritou no mesmo instante.

– Embora o casamento possa parecer apenas uma formalidade legal para você – prosseguiu Gio no mesmo tom sereno –, é essencial que aparente ser um casamento normal.

Billie voltou a passar os braços pela cintura em um abraço protetor. Sentia-se ameaçada, encurralada, desnorteada, lutando contra a desorientação. Inclinou o queixo e os olhos verdes cintilaram como esmeraldas.

– Mas por que deveria parecer normal? – perguntou.

– Quer que nosso filho sinta complexo de culpa quando for mais velho e pense que você foi obrigada a casar-se comigo apenas por estar preocupada com seu futuro? – indagou.

Billie franziu o cenho.

– Claro que não.

– Não há opção a não ser fazer com que nosso casamento pareça ser normal. Lamento – mencionou, manipulando Billie de uma maneira que nunca fizera antes, com a maior habilidade. – Quanto mais pessoas acreditarem que é um casamento de fato, menos perguntas comprometedoras farão e menos comentários surgirão.

– Ninguém vai acreditar que você decidiu casar-se com a amante por livre e espontânea vontade! – cuspiu Billie furiosa, odiando usar esse rótulo em si mesma, mas sentindo-se forçada a tal para obrigá-lo a aceitar a verdade e usar de bom-senso.

– Mas nós somos as únicas pessoas que sabemos que você foi minha amante. Não saímos alardeando nossa história e hoje devemos ser gratos por termos mantido a discrição. *Ne...* Sim, você teve um filho meu – assentiu Gio, rapidamente aproximando-se dela. – E isso prova que tivemos um relacionamento.

Billie se defrontou com os olhos escuros espetaculares e o coração bateu acelerado.

– O que isso prova é que transamos pelo menos uma vez.

– *Diavelo*, você não é o tipo de mulher com quem se tem um caso e nenhum homem que olhe para você vai acreditar que uma noite apenas bastaria, *pouli mou* – ronronou Gio baixinho, segurando-lhe as mãos e a puxando contra o corpo forte e esbelto. – Você vai ser minha esposa, é a mãe do meu filho. Não tem motivo algum para sentir vergonha...

Foi uma imagem sedutora, pois Billie sempre sentira vergonha do seu relacionamento com Gio. Ele não tinha sido o seu cavaleiro montado no cavalo branco e ela não tinha sido seu verdadeiro amor. Seu poder nunca ultrapassara as quatro paredes do quarto, e a triste verdade é que Billie sempre se sentira humilhada. Que tipo de mulher se submetia a esse tipo de relacionamento? As mãos tremeram presas às dele. Para a mulher cujo coração tinha sido partido, e apesar do fato de não haver amor, parecia mais um conto de fadas, levando-se em conta o que no passado ele se recusara a oferecer-lhe.

– Não posso largar Dee e a loja para viajar para a Grécia. Impossível. A loja é meu ganha-pão.

Gio a cerrou nos braços. Billie apoiou uma das mãos no ombro largo enquanto a outra segurou-lhe o cabelo.

– Eu vou cuidar de tudo – assegurou ele.

– Preciso da minha independência – sussurrou hesitante, a boca seca, a respiração ofegante, enquanto ele passava a ponta da língua no contorno de seus lábios. A boca formigou, os seios enrijeceram e enviaram uma corrente de desejo para a pelve. – Ouça, Gio – insistiu, embora os dedos massageassem o couro cabeludo, despenteando os cabelo liso.

Gio mexeu os quadris devagar e ela se retesou, de súbito ciente da excitação de ambos.

– Theo é meu filho. É minha obrigação cuidar de *vocês dois*.

Num último esboço de autocontrole, Billie afastou-se de Gio e da tentação. Ele tinha o poder de fazer com que o desejasse, mas ela não podia se deixar levar e perder a concentração. Ajeitou os ombros estreitos e respirou fundo tentando recompor-se.

– Venda a loja ou deixe que eu contrate um gerente para cuidar do negócio. Cabe a você decidir a melhor opção – pronunciou impaciente.

Billie o fitou com olhos arregalados.

– Gio, dei muito duro para montar meu próprio negócio. Não pode esperar que eu abandone tudo.

– Nem mesmo por Theo? – pressionou, olhando o menininho agarrado em sua perna com a cabeça erguida olhando os dois. – Nosso filho vai precisar da gente por um tempo. Quero lhe proporcionar uma família normal. No mínimo, você vai precisar reorganizar sua vida em Londres, para que eu possa vê-lo com frequência.

Tal declaração surpreendeu Billie, pois Gio passava grande parte do tempo na Grécia. Não, definitivamente ele não lhe oferecia um conto de fadas. Era evidente que previa um futuro em que vivessem separados e compartilhassem a guarda do filho. Billie empalideceu, sentindo-se esbofeteada pela realidade, mas ironicamente eram seus pensamentos tolos que precisava

controlar, pensou magoada. Claro, Gio não sugeria um casamento de verdade, mas um relacionamento com prazo de validade estabelecido.

– Preciso refletir. Você sugere que eu vire minha vida de ponta-cabeça.

– E a minha também – acrescentou meigo. – Nada disso fazia parte dos meus planos.

O fato atingiu Billie como uma segunda bofetada quando menos esperava. Não precisava ser lembrada que Gio não se casaria com ela se não fosse por Theo. A realidade estava gravada em sua alma, pois uma vez ele já a rejeitara e escolhera Calisto. Ela agachou-se e abraçou Theo, adorando o calor do corpinho forte, que lhe aquecia o frio a espalhar-se pelo estômago.

– Preciso trocar a fralda dele – explicou, afastando-se para pegar a bolsa e localizar o banheiro mais próximo.

Por que as mulheres eram tão complicadas?, pensou frustrado. Havia lhe oferecido o que presumia ter sido sempre o seu desejo; todavia, ela se comportava como se tivesse lhe feito uma proposta indecente. Por que precisava refletir? Quantas mulheres fugiriam para o banheiro para mudar uma fralda antes de decidir se aceitariam ou não casar com um bilionário? Seria possível que ela suspeitasse que ele escondia alguma carta na manga?

O rosto forte e fino endureceu como granito. De fato, não contara toda a verdade, caso contrário ela teria medo. Ele lutava por suas crenças, pelo que Theo mais precisava. Em qualquer batalha havia vencedores e perdedores e Gio não planejava ser um perdedor ou assistir a tudo de braços cruzados. Theo merecia tudo a que tinha direito. No reduzido mundo dos milionários, Billie podia ser uma vítima. Tinha tão pouco conhecimento da crueldade que poderia transformar Theo em um alvo para os gananciosos; não saberia proteger o filho. Mas Gio conhecia aquele mundo cruel e faria de tudo para atingir seu objetivo.

Billie andava para lá e para cá enquanto Theo engatinhava até erguer-se, apoiado na borda da banheira. O cérebro rodopiava, um medo terrível escondido por trás de cada pensamento. Gio queria casar-se com ela para proteger Theo, e ela queria dar ao filho o melhor. Mas pagaria um preço alto por tamanha ascensão social, reconheceu infeliz. Seria, inevitavelmente, um constrangimento para Gio e, na certa, a família desaprovava a união. Sem dúvida, Gio planejava dispensá-la uma vez garantido o lugar do filho. Então, não seria um casamento de verdade e seria encerrado quando Theo tivesse idade suficiente para visitar o pai sem a mãe a tiracolo. Tudo aconteceria segundo os planos de Gio, pois ele não deixava margem para erros. Consciente da realidade, congelou diante da aterrorizante possibilidade de ser deixada de mãos vazias, sem sua casa e seu negócio. Tinha escolha? Podia entregar o futuro bem-estar de Theo nas mãos de Gio?

Com Theo enganchado em seu quadril, voltou para a graciosa sala de estar. Gio, sem paletó, a gravata frouxa e as mangas da camisa branca de seda arregaçadas, tinha os músculos e a barriga reta ressaltados pelo tecido fino a cada movimento. Seu olhar deslizou pelo corpo, lembranças de tórridos momentos em que passava os dedos e os lábios pelo tórax, deslizando pela fileira de pelos sedosos que desapareciam no cóis da calça, despertaram. Estremeceu ao retornar do sonho. Com os cílios pretos piscando e ocultando os olhos, Gio concluiu o telefonema.

– OK. Eu me caso com você – disse com o rosto ruborizado. – Mas isso quer dizer apenas que confio que não vai prejudicar a mim ou a Theo. Se descobrir que não merece minha confiança, largo você.

Gio lhe lançou um sorriso apreciativo. Ela nunca mais o deixaria. A não ser que estivesse disposta a deixar o filho com ele, refletiu com imensa satisfação. Podia não saber ainda, mais

passaria o resto de seus dias com ele.

– E você precisa ser cem por cento fiel – decretou.

– Sempre fui fiel a você – respondeu distraído.

– Dizem que quando um homem se casa com a amante, cria um espaço livre – comentou Billie, a boca sensual contraída demonstrando humilhação.

– Minha vida já está suficientemente complicada.

Claro, ele não esperava continuar casado com ela até estar velho e grisalho e, como ele sempre visualizava um fim para o acordo, o tédio tinha poucas chances de representar um problema, pensou Billie, torcendo para não se deixar arrasada pela verdade.

– Agora que conseguiu o que queria, posso ir para casa?

– Quero você aqui. Você precisa cuidar dos preparativos para o casamento. – Inclinou a sobancelha reta e preta como ébano. – Faremos uma cerimônia simples em uma igreja grega ortodoxa que frequento em Londres. Já dei entrada nos papéis para a licença.

Os olhos de Billie faiscaram surpresos.

– Você é muito metido.

Gio manteve o olhar fixo no seu.

– Eu posso. Por que se recusaria a casar comigo quando isso era o que aparentemente você desejava há dois anos?

Billie ficou ruborizada como se tivesse sido esbofeteada. Então, ele tinha finalmente chegado à óbvia conclusão? A humilhação a cobriu como uma onda.

– Não acredito mais em contos de fadas.

– Mas eu quero que você *realize* seu conto de fadas, *pouli mou* – murmurou Gio, desconcertando-a com tal declaração. – Quero que use um vestido de noiva lindo, uma cerimônia com tudo a que tem direito.

– Por quê? Para que as fotos saiam bonitas? – Billie forçou-se a desviar os olhos, pois sabia que ele jamais realizaria seu conto de fadas. Afinal, o único fator preponderante do seu conto de fadas era o amor. Sua autoestima também estava ferida, pois Gio não alimentava a menor dúvida de que Billie teria aceitado se casar com ele dois anos antes, se Gio tivesse estalado os dedos. Isso doía ainda mais, pois apesar disso, fora trocada por outra, que atendia melhor as exigências da sociedade. Seu amor nada significava para Gio naqueles tempos, quando ela o oferecera sem nada pedir em troca. Seria justo acusá-lo por não ser correspondida?

– Um casamento normal – lembrou Gio em voz baixa. – É o que desejo e assim será.

Sua arrogância intransigente fez Billie ranger os dentes. Embora divorciado, não temia outro fracasso matrimonial. Mas desejava Theo e ela, refletiu magoada, e sabia que a libido ligada em alta voltagem de Gio o motivava bem mais do que o amor jamais seria capaz. Ele era dono, para dizer o mínimo, de uma personalidade sexual eletrizante. Teria algum dia amado Calisto? Ou apenas desejara a loura maravilhosa? O que teria matado esse desejo? E o que isso importava a Billie? Afinal, só conseguiria a aliança de noivado por motivos que nada tinham a ver com o amor.

A equipe de Gio chegou para trabalhar com ele naquela tarde enquanto Billie consultava sites com vestidos de casamento enviados por um conhecido estilista, a pedido de Gio. Estremeceu de terror só de pensar em tirar as medidas e enviá-las. Pensou no vestido de noiva, no véu e nos sapatos de seus sonhos enquanto planejava uma visita à sua loja de lingerie favorita. Mas, quando se encaminhou para a porta com Theo no colo, Gio quis saber aonde ela ia.

– Preciso fazer umas compras – falou Bille, a boca macia transformando-se em uma linha reta.

– E quero fazer isso com minha prima Dee.

O olhar deslumbrante congelou.

– Não – declarou sem pestanejar enquanto assinava um documento colocado à sua frente por um assistente.

– Sim – retrucou Billie sem hesitar dirigindo-se para a porta.

– *Billie!* – gritou Gio do corredor, depois que ela se encaminhou para o elevador. Voltou-se relutante. – Eu disse que não – repetiu frio.

Os olhos verdes faiscaram e Billie se aproximou.

– Eu não pretendo discutir com você na frente de seus funcionários, mas preciso encontrar Dee.

– Você sabe que contratei uma babá para ficar à disposição dela pelas duas próximas semanas.

– Ela é minha prima, minha amiga, sempre me apoiou quando precisei – argumentou Billie educadamente. – Não me importa o que você diga ou sinta, mas quero deixar bem claro que *não* vou dar as costas para ela.

– Então deixe Theo comigo – pressionou Gio, estendendo os braços para pegar o filho.

Billie não soltou Theo.

– Você não pode tomar conta dele sozinho.

– Quem contou que vou ficar sozinho? Já contratei uma babá. Ela chegou ao hotel e está lá embaixo esperando minha autorização para subir.

Sua interferência, sua convicção de saber o que era melhor para o filho dela, a fez perder os freios.

– Então você jogou seu tempo e seu dinheiro fora. Não vou deixar Theo com uma estranha.

– Vou avisar que pode subir para que você a conheça.

Billie franziu os lábios.

– Theo vai comigo. Sinto muito se não aprova minha decisão, mas é assim que vai ser.

– Não. Não tente brigar comigo – avisou Gio em voz baixa. – Se brigar, eu revido e você vai sair perdendo.

– Nada que venha a fazer pode me magoar – mencionou com teimosia, recusando-se a ser intimidada. – E por que não desiste enquanto pode, Gio? Eu concordei em virar minha vida pelo avesso, casar-me com você e conhecer sua família. O que mais quer ou espera? Quando *você* vai aprender a ceder e a assumir compromissos?

– Nunca – disse suscito, retesando o maxilar forte e quadrado. – Não quando se trata do meu filho e seu envolvimento com uma pessoa com quem não quero que tenham contato.

– Pois essa pessoa a que se refere e com quem não quer que tenhamos contato estava comigo quando passei dois dias infundáveis em trabalho de parto – declarou Billie em voz baixa, mas intensa, trêmula de emoção. – Ela sempre esteve ao meu lado, disposta a me ajudar quando você não estava por perto e eu jamais poderei agradecer o suficiente por seu apoio!

Uma palidez quase imperceptível espalhou-se pelo rosto bronzeado de Gio. Os cílios compridos e fartos cerraram-se para ocultar o olhar sombrio.

– Eu estaria ao seu lado se tivesse me contado sobre a gravidez.

– Duvido muito, Gio. Você tinha acabado de se casar – lembrou Billie com expressão serena.

– Então vá, se isso é tão importante para você – falou em tom cortante.

– Isso é muito importante para mim. Sempre fui leal com os amigos – afirmou com dignidade.

– Uma vez, no passado, você era leal a mim.

Billie lhe lançou um olhar irônico.

– E o que ganhei por ter demonstrado tanta lealdade? – retrucou entrando no elevador.

Gio teve vontade de arrancá-la do elevador, mas a referência àquela palavra “compromisso” o abalara. Ele tinha noventa por cento do que desejava e quando se casasse, teria tudo. A curto prazo, podia se dar ao luxo de ser generoso, disse a si mesmo. Entretanto, Billie havia mudado e ele não podia mais ignorar o fato. Ela estava disposta a enfrentá-lo em pé de igualdade, a brigar. De algum modo inefável, ela crescera. A menina que o admirava com olhos arregalados, como se ele fosse um cavaleiro usando uma armadura, deixara de existir. E ele não estava gostando nem um pouco da mudança.

Gostou menos ainda do modo como se sentia, abalado e tenso, tomado por uma sensação absurda de abandono depois que ela se foi. Todas as reações em combate acirradas com o homem frio, adulto e reservado que observava o mundo a distância. Acima de tudo, não gostava que as pessoas se tornassem muito próximas, íntimas; não queria nem sentia falta de reações emocionais que encorajavam a fraqueza, a decepção e a perda de controle. Ele só conseguia ficar contente em meio à calma e à disciplina.

Então, o que Billie tinha que o deixava tão estranho, incapaz de reconhecer-se na nova pele? Ela o perturbava, o fazia reagir de modo exaltado, decidiu irritado, torcendo para que fosse mera aflição temporária e que em breve deixaria de existir. Parecia particularmente irônico que ela também fosse a única mulher que tivesse lhe proporcionado uma sensação de paz e contentamento. Mas *não* era essa a sensação que ela lhe passava no presente. Ele tinha muito trabalho pendente a resolver antes de tirar uns dias de folga antes do casamento. Refletindo sobre o problema e seus desafios, Gio decidiu às pressas ser mais sensato afastar-se por um tempo de Billie e das emoções indesejadas e perturbadoras que ela despertava.

– NÃO PODE me dar a casa – falou Dee com firmeza. – Não vou viver à sua custa. Posso pagar o aluguel.

Billie, relutava em ferir os sentimentos da prima se revelasse que, uma vez casada com Gio, o valor do aluguel não faria sentido. Dee sentia orgulho de sua independência e aprendera cedo a agir dessa maneira. As poucas vezes em que dependera dos outros, havia sido deixada na mão.

– Você está planejando vender a loja mais adiante? – questionou Dee.

– A loja é minha filha, assim como Theo – admitiu. – Não tenho a menor intenção de vendê-la.

Fitando-a ansiosa, Dee mordeu o lábio inferior e debruçou-se.

– Você me deixaria tentar administrar a loja por um período experimental de três meses? – interrogou hesitante. – Aprendi um bocadinho enquanto a ajudava a montar a loja e desde que eu contratei um contador, acho que dou conta.

Billie examinou a mulher loura com expressão surpresa. Nunca suspeitara que a prima tivesse vontade de trabalhar na loja.

– Não fazia ideia de que tivesse interesse no negócio.

– Bem, estou interessada. Na verdade, para ser sincera, sempre estive, mas sabia que você não podia contratar uma funcionária para trabalhar em tempo integral, então não fazia sentido tocar no assunto.

As duas mulheres conversaram demoradamente e chegaram a um acordo. Billie sorria ao final da discussão, feliz de pensar que Dee assumia seu negócio, pois preferia essa opção à venda.

– Se está disposta a ir para a Grécia, precisa confiar em Gio – observou Dee.

– Ele sempre agiu de maneira correta comigo, mesmo quando eu não queria ouvir o que ele tinha a dizer – ressaltou Billie em tom magoado. – Se ele está disposto a casar-se comigo para o bem de Theo, estou disposta a confiar nele.

– Você tem um coração de ouro, Billie. Não deixe que ele magoe você novamente – avisou Dee, preocupada.

Billie gostaria de levar a sério o conselho, após retornar ao hotel e descobrir que Gio tinha feito o check-out e viajara para Londres “a trabalho”. Não se deixou iludir pelo bilhete curto. Ela havia irritado Gio e ele simplesmente lhe dera as costas e fora embora. Já se acostumara à desaprovação e à ausência que sempre aconteciam depois de qualquer demonstração de independência. Uma vez, já fazia muito tempo, ela insistira em comparecer a uma entrevista para admissão em um curso enquanto ele estava no apartamento. Ele ficou irritado por ela sair e deixá-lo sozinho, embora por poucas horas. Quando ela voltou, ele tinha regressado à Grécia. Lição aprendida, havia pensado na época. Doente de decepção, decidiu nunca mais mencionar a necessidade de ir a lugar nenhum nunca mais na vida. Dessa vez, porém, Billie ficou exasperada, furiosa por ele a ter tirado do conforto de seu lar, de sua vida pacata com Dee e as crianças e a largado em um hotel de luxo com uma babá e quatro gigantescos seguranças para cuidar dela e de Theo.

CAPÍTULO 7

LEANDROS CONISTIS quase derrubou a bebida.

– Você vai se casar de novo? – repetiu como um papagaio bem-treinado para o homem que recentemente havia afirmado que nunca mais voltaria a se casar.

Gio lançou ao melhor amigo um olhar proibindo qualquer comentário irreverente.

– Ne... Sim.

– E por acaso conheço sua noiva? – inquiriu Leandros meio tenso.

– Você a encontrou uma vez – respondeu irritado. – O nome dela é Billie.

Leandros engoliu o restante da bebida em um gole suicida, pois soube naquele exato momento que jamais poderia mencionar o nome de Canaletto.

– Eu não sabia que Billie ainda fazia parte da sua vida. Ela já foi apresentada à família?

Gio franziu a boca larga e sensual.

– Não.

– E posso saber quando esse casamento para o qual me convidou para padrinho vai se realizar?

– Amanhã. – Gio passou todos os detalhes referentes ao lugar e horário em uma demonstração de frieza espetacular.

Leandros verificou a data no relógio, atônito por não ser primeiro de abril e Gio estar pregando uma peça no Dia da mentira. Afinal, Gio era um homem extremamente conservador e nunca agia com impulsividade. Contudo, ele o deixou sem palavras.

– Parece, quer dizer, é meio repentino – comentou cauteloso.

– Ne...Sim – concordou Gio.

– Muito, como dizer, apressado. – Aos poucos Leandros se tornava mais ousado.

– Não apressado o suficiente – informou Gio em tom seco. – Meu filho tem 15 meses.

– NOSSA, BILLIE, você está deslumbrante! – exclamou Dee, fechando os botões nas costas do vestido de noiva de renda.

Billie olhou seu reflexo no espelho de corpo inteiro e piscou várias vezes, ainda não acostumada com a opulência da mobília do quarto. Gio alugara um apartamento luxuoso na cidade para ela e Theo. Ainda não acreditava que se casaria com Gio. Esperava a todo instante o

surgimento de um cinegrafista gritando “Corta!”, antes que a cerimônia se realizasse. Afinal, dentro de uma hora se casaria com o homem com quem nem sequer estava falando. Quanta estupidez! declarou a si mesma em tom zombeteiro. Gio abandonara Theo e ela no hotel em Yorkshire durante quatro dias. Ligou diariamente e conversava como se não houvesse nada de errado com sua deserção, embora agisse como quem pede desculpas por ter sido obrigado a viajar.

– Eu sabia que você tinha muitas tarefas a cumprir para me acompanhar a Londres – afirmou, ignorando o fato de que tinha encarregado seus assistentes de cuidar de todos os detalhes do casamento e da mudança para ela. – Sabia que ia precisar de tempo para despedir-se das amigas e resolver as pendências da loja – mencionou Gio, otimista, ignorando o fato de que Dee entraria na igreja com Billie e que os gêmeos (um menino e uma menina) fariam as vezes de pajens. – Eu sabia que você se oporia à ideia de submeter Theo a outra troca de ambiente e a mais pessoas estranhas, a não ser que isso fosse estritamente necessário – opinou Gio complacente.

Billie havia ficado furiosa com ele e a raiva ainda não se desvanecera: apenas crescera à medida que Gio continuava se comportando como se deixar a futura esposa e o filho recém-descoberto em Yorkshire fosse a única atitude aceitável. Tentando manter o nó de raiva em sua garganta sob controle, Billie examinou o vestido de noiva com olhos sonhadores. Era um vestido romântico de renda Chantilly e gaze, leve e esvoaçante, desenhado de forma a ressaltar suas curvas e sua cintura. O véu curto e esvoaçante e a tiara de flores tinham uma elegância simples, natural. Os sapatos bordados com pérolas apareciam abaixo da barra do vestido.

Alguém bateu na porta do quarto. Como a única outra pessoa no apartamento fosse Irene, a simpática babá de meia-idade contratada por Gio, Dee atendeu.

– Ah... – Dee recuou constrangida, sem conseguir esconder a surpresa ao dar de cara com Gio.

Billie ficou imóvel como uma estátua.

– Você não pode me ver de vestido de noiva! – esbravejou consternada.

Surpreso ao ver Dee, Gio sussurrou algo em inglês enquanto extasiava-se diante da visão de Billie no vestido branco. Havia morrido e ido para o paraíso, decidiu sem hesitação. Quando Dee esgueirou-se e fechou a porta ao sair, ele se aproximou, a atenção concentrada na boca rosada e no volume dos seios fartos aparecendo no decote.

– Você está maravilhosa – murmurou em voz rouca.

Foi um desafio para Billie não repetir as palavras de Gio. Podia ser uma cerimônia simples, de acordo com os padrões de Gio. Para os seus, era uma cerimônia monumental. No entanto, Gio decidira seguir a tradição e usava um terno informal com gravata preta e prateada. O paletó preto bem-cortado ressaltava o corpo alto, bem-feito, ressaltando os ombros largos e o peitoril avantajado, enquanto a calça riscada fazia sobressair os quadris estreitos e as pernas grossas e musculosas. Billie esbarrou com os fascinantes olhos escuros e os cílios longos e curvos. Gio estava simplesmente deslumbrante.

– O que veio fazer aqui? – sussurrou, ficando logo em seguida tensa. – Mudou de ideia? Se tiver mudado, tudo bem. Não vou causar nenhum escândalo. Não me parece mesmo certo...

– *Theos!* É claro que não mudei de ideia – disse, estendendo a mão morena e oferecendo a caixa de joias. – Queria dar isso de presente...

Por um milésimo de segundo, ele também se perguntou o que fazia ali, surpreso por não ter conseguido dominar o impulso que o levava a agir assim. Na verdade, a caminho da igreja ele se deu conta de que *precisava* ver Billie antes da cerimônia e não havia nada de errado nesse gesto, raciocinou incomodado, quando estava prestes a dar um grande passo, ou seja, casar-se com ela. O desejo sempre tinha sido uma motivação aceitável, desde que permanecesse dentro do limite do racional. Ele não precisava de mais nada, não sentia nada, além de uma grande vontade de sua presença física.

Assombrada, Billie hesitou e aceitou a caixa. Ao abri-la, deparou-se com um conjunto de pérolas: um colar de três voltas e um brinco comprido de tirar o fôlego. Ficaria perfeito com os sapatos e causaria efeito muito mais elegante que o conjunto barato imitando brilhantes que ela comprara.

– É lindo! – murmurou com a voz embargada, enquanto ele se aproximava para retirar as pérolas da caixa e prender o cordão em seu pescoço.

As pontas dos dedos roçaram-lhe a nuca.

– Queria dar a você um presente especial.

As pérolas reluziam em seu pescoço e ela se inclinou para apanhar os brincos. Afastando o véu e os cachos, colocou os brincos.

– Obrigada – agradeceu sem emoção, pensando que ele não mudara nadinha desde que tinham se conhecido. Ali estava ele, tentando comprá-la com um presente para que ela perdoasse seu péssimo comportamento.

– Não suporto que fale comigo com tanta frieza – informou Gio. – Evidentemente está chateada porque deixei você sozinha em Yorkshire.

Billie rangeu os dentes de raiva.

– Nossa, você quer dizer que realmente notou que eu o tratei com frieza ao telefone?

– Considerando que antes você falava horas sobre diversos assuntos mesmo sem receber o menor encorajamento, respostas monossilábicas são prova de que não estava a fim de conversa – argumentou com ironia. – O que aconteceu? Você sempre foi tão sincera comigo.

– Melhor calar a boca antes que eu me irrite! – pronunciou Billie entredentes, com os músculos faciais tensos. – Você me largou no hotel com Theo, uma babá desconhecida e um bando de seguranças! – gritou em tom acusatório. – Agiu assim premeditadamente porque eu o irritei. E então você simplesmente deu as costas e se mandou para Londres. O que aconteceu com o seu desejo incontrolável de conviver mais com seu filho? *Não tem o direito de* simplesmente aparecer aqui do nada, atirar um monte de pérolas caríssimas em cima de mim e esperar que isso substitua um pedido de desculpas e uma explicação! – despejou Billie, irritada.

– Não tenho motivos para pedir desculpas. Agora que consegui resolver várias pendências no trabalho, vou ter muito mais tempo para passar com você e Theo *depois* do casamento – falou Gio com teimosia, observando os cachos balançarem ao redor dos traços animados pela paixão, refletida também nos olhos verdes. As pérolas combinavam bem com a pele alva e os seios firmes. Um frenesi sexual o percorreu em uma onda incontrolável, deixando-o excitadíssimo. – Recuso-me a me casar com você caso continue comportando-se dessa maneira. Foi por isso que precisei ver você.

Billie mergulhou no silêncio. De súbito, ela era a responsável pelo ambiente tenso e intolerável. Com os olhos arregalados, encontrou seu olhar. A atmosfera pesou e sentiu um nó no estômago.

– Então... Nós... quer dizer... cancelamos tudo e cada um segue seu caminho? – sussurrou hesitante.

Gio a encarou incrédulo, os olhos escuros lançando chispas intimidantes diante da simples ideia de ela voltar a desaparecer de sua vida.

– Você não vai a lugar nenhum sem mim.

Billie não entendeu. O súbito choque de medo destruíra sua capacidade de raciocinar direito. O coração pulava em seu peito como uma bola de borracha, tornando difícil o simples ato de respirar.

– *Nunca mais* – resmungou Gio em tom ameaçador enquanto a pegava no colo e a deitava na cama.

– O que está fazendo? – balbuciou Billie. – Gio, *meu vestido!*

Gio deitou em cima dela, quase a achatando.

– Pare de se debater. Desse jeito, vai acabar rasgando a roupa.

Billie ergueu o rosto e o fitou com os olhos enormes perplexos.

– Gio... *Não podemos...* Essa não é a solução para todos os nossos problemas.

Ele roçou a boca na sua com um gemido sensual.

– É a *única* solução para mim.

– Você está destruindo minha maquiagem – reclamou, enquanto acariciava o cabelo escuro e descia as mãos até as incríveis maçãs do rosto.

– Você não precisa de maquiagem.

– Toda noiva precisa de maquiagem – argumentou, tentando desvencilhar-se e livrar-se do peso do corpo dele sem amassar o vestido. Ele abaixou a cabeça e lhe devorou a boca com uma sofreguidão que beirava o desespero. Ela deixou de lado qualquer pensamento e mergulhou numa ânsia doce e premente. O gosto e o cheiro dele se infiltraram como uma droga viciante, mandando todo seu controle para o espaço.

– Não vou estragar o vestido – prometeu ele, erguendo os quadris e levantando a saia volumosa do vestido até a cintura de Billie.

– *Gio...* – balbuciou implorando, enquanto arqueava as costas e mexia a pelve contra sua vontade.

– *Diavelos*, Billie... não estou conseguindo me *segurar* – explodiu, a respiração roçando-lhe o rosto enquanto esfregava a ereção entre suas coxas.

E roçou em sua pelve, esfregando-se em sua feminilidade. Então ela ficou molhada, a carne amoleceu e ela começou a dissolver-se.

– A gente não pode. Não dá tempo.

– Para tudo tem jeito – murmurou com voz rouca, pegando o telefone do bolso, atendendo e falando rápido em grego com a voz a um só tempo alta e agitada. – É nosso dia, de mais ninguém – declarou em tom ameaçador.

Os dedos compridos deslizaram pela parte interna da coxa e a deixaram arrepiada com o toque. Fechando os olhos, ela recostou a cabeça nos travesseiros, oferecendo o pescoço, arqueando a espinha dorsal. O coração tamborilava – tum-tum-tum – na base da garganta. Ele acariciou o triângulo acetinado entre suas coxas e, naquele momento, nada mais existia no mundo para ela, senão a estupenda excitação e a expectativa do prazer por vir. Com um puxão, Gio afastou o corpete o suficiente para expor o seio alvo e o mamilo rosa pálido. Ansioso,

agarrou com a boca o mamilo intumescido. Um gemido escapou dos lábios de Billie, enquanto ela apertava com força os olhos.

– Preciso ter certeza de que você é minha – grunhiu Gio com a boca colada ao seu pescoço.

Ele enfiou o dedo por dentro da calcinha de renda e acariciou suas dobras, macias como pétalas. Ela abriu as pernas em um gesto convidativo e quando ele esfregou o ponto mais sensível de seu corpo, ela gemeu e rebolou os quadris, como se pedisse mais, sentindo-se indefesa e aprisionada nas garras de um selvagem anseio sexual que só ele podia provocar. Ele enfiou um dedo comprido em sua entrada apertada, molhada, e ela foi sacudida por um espasmo, prestes a gritar, até ele colar a boca à sua obrigando-a a silenciar os sons emitidos. O rítmico dedilhar em sua carne macia provocou ondas de excitação pulsante que lhe percorreram todo o corpo. Quando a tensão na pelve aumentou, chegando a um limite além do tolerável, todos seus músculos se contraíram e ela atingiu o clímax, mordendo o ombro do paletó dele para calar o soluço de prazer que crescia dentro dela.

– Ai... – gemeu depois, o corpo em perfeito abandono, tomado pela sensação de flutuar como uma bola inflável.

O celular de Gio tocava insistentemente no bolso. Admirando o rosto sonhador, ele desligou o telefone com mão trêmula. Estranho, mas embora ainda no ápice da excitação sexual, a tensão interna que o levara ali se dissolvera. Voltou a sentir-se ele mesmo outra vez, pela primeira vez nos quatro últimos dias, e voltou a operar no modo “salvar”, incentivando Billie a sair da cama, ajeitando a parte de cima de seu vestido, alisando sua saia antes de conduzi-la até o banheiro onde, do alto de sua estatura, observou como um macho perdido o véu amarrotado e torto, os cachos desfeitos e o batom borrado.

– Caramba! – vociferou Billie, ao deparar com a imagem desfeita no espelho. – Gio, você é uma ameaça.

Gio lavou com invejável controle a mão e passou um pente nos cabelos despenteados. Uma batida forte e a porta do quarto foi entreaberta.

– Os carros já chegaram, sr. Letsos. Não podemos chegar atrasados... – Era a voz de Damon Kitakis.

– Vou chamar sua amiga e pedir que a ajude – avisou Gio decidido.

Billie, como todas as noivas, estava apavorada. Com crescente desespero, examinava a boca inchada, o cabelo desalinhado e o véu. Tola, você devia ter resistido, disse a si mesma enraivecida. Por que não falou que não? Sexo tinha sido sempre um terreno pantanoso quando se tratava de Gio. Ela não conseguia manter as mãos afastadas daquele homem; não resistia à paixão demonstrada por ele, embora convencida de que ele a respeitaria mais caso ela fosse menos espontânea e mais contida. Todavia, ele não parecia demonstrar qualquer satisfação pelo que tinham feito, reconheceu surpresa, enquanto travava uma guerra histórica contra os cachos rebeldes e retocava apressada a maquiagem.

Gio reapareceu na porta do banheiro, o rosto forte e fino tenso.

– Damon achou melhor sua prima, os filhos dela, Irene e Theo irem imediatamente para a igreja. Você vai no carro comigo e com Leandros.

Billie deu as costas para o espelho.

– Segundo os costumes, você e o padrinho devem chegar *primeiro*.

– Você pode esperar no pórtico da igreja uns dez minutos, *koukla mou* – avisou, os olhos escuros e cintilantes reluzindo de puro divertimento. – Por que você leva essas regras bobas tão a

sério?

Billie ficou ruborizada e ergueu o queixo.

– Suponho que todas as noivas se comportem assim.

Gio segurou-lhe a mão e a levou na direção do elevador, tirando seus pés do chão ao saírem do elevador e a depositando em meio a uma vasta confusão de montes de renda e gaze dentro da enorme limusine que os aguardava no meio-fio.

Billie forçou um sorriso quando Leandros Conistis olhou os dois com expressão de absoluto aturdimento. Uma onda de insuportável constrangimento a engolfou em uma ardente vaga. Nunca havia se esquecido da única vez em que encontrara o melhor amigo de Gio e do seu olhar incrédulo naquela noite, quando ele se deu conta de que ela nunca tinha ouvido falar de Canaletto.

Leandros entregou um lenço a Gio.

– Seu rosto está sujo de batom.

A sensação de humilhação de Billie não havia diminuído; pelo contrário, aumentara. Agora o homem pensaria que ela não era apenas burra, mas também uma vadia incapaz de saber portar-se como uma noiva digna. Embora ciente de que estava sendo ridiculamente sensível, não podia vencer o ataque de inibição. Dee a ajudou a saltar da limusine e a conduziu até o pórtico da igreja, onde admirou as pérolas, brincou com a prima dizendo o que tinha pensado ao ver Gio, numa atitude muito romântica, aparecer no apartamento antes da cerimônia e, em seguida, afofou as saias do vestido de casamento antes de verificar se a filha, Jade, ainda carregava o cesto com flores e Davis, uma ferradura, o símbolo da sorte no amor.

Atravessando o corredor entre as filas de assentos da igreja não muito lotada, com a mão repousada no ombro da prima, Billie repetia para si mesma que aquilo não era um conto de fadas e tentava não sucumbir ao imenso carisma e beleza de Gio quando, no altar, ele se voltou e admirou a sua chegada com os olhos escuros cintilantes.

– Você está realizando o seu sonho – sussurrou Dee nesse exato momento. – Pare de se torturar. Curta esse momento de encantamento só seu.

Billie se lembrou do sumiço de Gio em Yorkshire, de sua frustração e raiva e respirou fundo. Tudo bem, ele não era uma pessoa simples; era complicado, arrogante, fechado, mas, quando ela fitou o porte atlético, alto, o homem misterioso no altar, seu coração entoava uma música romântica. Foi então que reconheceu e aceitou a verdade; a verdade que o orgulho a levava a negar. Gio era o homem a quem amava; na certa, seria o único homem a quem amaria, não importava como se comportasse no futuro, porque ela era muito fiel em seus afetos.

Identificar a força de seus sentimentos teve o efeito de liberar a pressão que lhe comprimia o peito. Ela nunca conseguira esquecer Gio e agora ele havia voltado, os dois tinham um filho, e logo ela se tornaria sua esposa. Em vez de esperar que o mundo desmoronasse sobre sua cabeça, não era hora de alimentar pensamentos positivos? Nesse instante de pensamento ensolarado e otimista, com as emoções no auge, seus olhos foram atraídos para uma loura de olhos azuis que a analisava dos pés à cabeça de uma das primeiras fileiras de assentos. O coração e o corpo se retesaram em uníssono e os pés demonstraram relutância em obedecer ao seu comando. Dee precisou usar a força para obrigar Billie a continuar caminhando em direção ao altar.

Calisto era uma das poucas convidadas da cerimônia fechada. Billie ficou chocada. O que a presença de Calisto justamente hoje representava? A mão tremeu quando Gio colocou a aliança em seu dedo. A pele arrepiou-se de pavor, os joelhos enrijeceram. Embora olhasse para o padre,

via a imagem de Calisto, vestida para matar em um vestido azul colado ao corpo esbelto, uma jaqueta de renda, um adorno de cabeça pequeno com pluma e o cabelo louro platinado escorrido descendo pelos ombros como uma cascata e emoldurando o rosto perfeito, capaz de fazer os anjos chorarem diante de tamanha beleza. Nas fotos, ela era linda; ao vivo e a cores, era simplesmente deslumbrante, um padrão que Billie jamais poderia atingir nem em sonhos. Um arrepio lhe percorreu a espinha, como uma inesperada geada em um dia de verão.

– O que a sua ex-mulher está fazendo aqui? – indagou, sussurrando com a voz entrecortada nos degraus da igreja, enquanto o fotógrafo famoso e seus assistentes os preparavam para uma pose de mãos dadas.

Gio massageou a pele macia de seu pulso com os polegares, enviando um delicioso arrepio pelo corpo tenso.

– Não faço a menor ideia, mas não seria gentil pedir que ela deixasse a igreja.

– Talvez não. – Billie não tinha tanta certeza se valia a pena ser gentil em tais circunstâncias. – Mas como ela ficou sabendo do casamento?

Gio lhe lançou um olhar gélido.

– Naturalmente, eu devo ter contado. Seria indelicadeza deixar que descobrisse por outra fonte. Na certa, Cal achou que comparecer seria uma demonstração de “modernidade”. Ela adora ser “moderna” – completou seco.

Billie ficou bastante desconcertada com a novidade de que Gio e a ex-mulher mantivessem um relacionamento amigável a ponto de ele ter automaticamente a informado sobre seu novo casamento. A maneira descontraída com que ele se referia a Calisto, pelo diminutivo carinhoso “Cal”, a incomodou ainda mais, embora ela tenha sido rápida em rebater a própria reação. Nem todas as ex-esposas e ex-maridos se desprezavam. Era perfeitamente possível que Calisto tivesse aparecido por pura curiosidade. E quem poderia culpá-la? Gio e Calisto tinham se divorciado havia uns dois meses no máximo. Ela relanceou os olhos de esguelha para o local onde Calisto se encontrava, conversando animada com Leandros e outros dois amigos gregos de Gio.

– Ela é muito simpática com todo mundo – comentou com cautela, no fundo invejando a autoconfiança da loura de que seria bem-vinda à cerimônia. Calisto evidentemente não se sentia nem um pouco constrangida em comparecer ao casamento do ex-marido, e Billie tentou convencer-se de que deveria aceitar com galhardia a presença da loura.

– Cal é prima de Leandros – informou Gio. – E um dos meus advogados é meio-irmão dela. Ela deve conhecer todo mundo aqui.

Aborrecida por não ter prévio conhecimento dessas relações estreitas, Billie foi assaltada por um mal-estar que foi aumentando ao ver Calisto entrar numa limusine, acompanhada de três homens com quem mantinha uma conversa animada. Um café da manhã seria servido em um hotel luxuoso de Londres. Ela só torcia para Calisto não forçar a barra e comparecer à festa de casamento. A esperança deu lugar ao desapontamento, pois a primeira pessoa que avistou no saguão foi Calisto, com um sorriso de orelha a orelha no rosto bonito quando se aproximou e deu dois beijinhos em Gio e implorou com toda suavidade para ser apresentada a Billie.

– Já conheci seu filho... Que coisinha mais linda! – murmurou Calisto, abrindo e fechando os olhos azuis de cílios enormes enquanto covinhas se formavam no rosto lindo. – Que garota mais esperta, espertinha mesmo, por ter trazido ao mundo um anjinho como ele.

Gio sorriu embevecido.

– Theo não é lindo?

– *Lindíssimo* – assentiu Calisto, segurando com pontas das unhas vermelhas o braço de Billie para a impedir de se afastar.

– Com licença, só um minutinho – interrompeu Dee em voz baixa. – Billie, desculpe, mas preciso ajeitar seu véu. Ele está torto, preso por um fio.

Aliviada por ter uma desculpa para escapar, Billie seguiu a prima até o outro lado do vestíbulo. Inclinou a cabeça para trás para facilitar que Dee prendesse o véu. Nessa posição, era capaz de ouvir a pergunta sussurrada de Dee:

– Quem diabos é essa loura insistente e espaçosa?

Quando Billie se moveu para explicar em detalhes quem era a loura, os olhos de Dee arregalaram cada vez mais.

– Nossa, ela é muito cara de pau de aparecer aqui hoje! – declarou irritada. – Nenhuma noiva quer a antecessora entre os convidados!

Billie ficou ruborizada.

– Não quero criar caso quando todos parecem tão felizes.

– Todo mundo ou Gio? Ela está estragando sua festa e, como a maioria dos homens, ele prefere fingir que não está percebendo e assim evita tomar uma atitude!

– Ele odeia baixarias e escândalos. Não vou falar nada. – Billie proferiu as palavras como se entoasse um mantra tranquilizante que precisasse desesperadamente decorar. – Se Calisto pode suportar a minha presença, posso suportar a dela.

– Como quiser – sussurrou Dee, sem parecer nem um pouco impressionada. – Você é quem sabe, mas eu não suportaria que ela ficasse na minha festa como um espectro por mais de dez segundos.

Billie cumprimentou os outros convidados à proporção que chegavam com relativa calma. Muitos dos colegas de negócios ingleses de Gio tinham sido convidados e compareceram, bem como os advogados e um grupo grande de gregos que trabalhavam em Londres. Surpreendeu-se por ele não ter convidado nenhum de seus familiares para o casamento e ficou preocupada, achando que eles podiam ter se recusado a comparecer por desaprovarem o casamento de Gio com uma mulher pertencente a outra classe social.

Já fora apresentada aos advogados de Gio em Yorkshire quando eles apareceram no hotel para levar o contrato pré-nupcial. Tinham lhe avisado para procurar um advogado antes de assinar o documento, mas Billie não tivera tempo para consultar ninguém, ocupada como estava em juntar todas as coisas acumuladas ao longo de dois anos e descartar o que não mais precisava. Ia dar adeus à sua vida. De qualquer modo, Gio tinha muitos defeitos, mas não era miserável em se tratando de dinheiro, e independentemente do que pudesse acontecer entre eles no futuro, não achava que precisaria de documentos como garantia. No passado, ele sempre se mostrara justo e correto. Uma vez, ele mencionara que o pai tinha agido de maneira vergonhosamente mesquinha com sua mãe depois do divórcio. Billie estava convencida de que ele nunca cometeria o mesmo pecado.

Quando todos os convidados já haviam chegado e não precisavam mais receber nenhum convidado na sala de recepção situada ao lado da sala de refeições, Billie viu Gio e Leandros se aproximarem de Calisto. Observou o rosto perfeito congelar e a boca com batom escarlate abrir-se para dar uma resposta evidentemente animada antes de Billie obrigar-se a se afastar e rumar para o toalete a fim de retocar a maquiagem. Impossível negar que Calisto estragara o seu dia. Infelizmente, Calisto era ex-mulher de Gio e ainda fazia parte de seu círculo de amigos. Isso

surpreendia Billie enormemente. Entretanto, criar caso por conta disso não alteraria em nada a situação.

Billie estava ocupada em retocar o batom quando a porta se escancarou e ela ouviu o ressoar alto de saltos altos batendo nos azulejos. Calisto apareceu no espelho ao lado de Billie como a bruxa má dos contos de fadas.

– Não perca seu tempo, de nada vai adiantar sentir orgulho porque Gio me pediu para ir embora. Ele já teve tempo para se arrepender de ter pedido o divórcio e naturalmente está muito aborrecido por ter sido obrigado a se casar para poder ficar com o filho, e ainda mais aborrecido ao ver nós duas juntas. Bem, quero dizer, não tem nem comparação, não é mesmo? – indagou erguendo o queixo para examinar o reflexo perfeito no espelho com evidente deslumbramento.

Billie se afastou do espelho e ergueu o queixo, receosa de aparecer um queixo duplo caso posicionasse a cabeça no mesmo ângulo. Não suportaria sofrer tal humilhação na presença de Calisto.

– Gio pediu o divórcio?

– Só porque eu não quis ter um filho com ele – afirmou Calisto em tom desenvolto. – Mas agora que ele já tem um... Obrigada por solucionar este problema para mim. Agora ele pode ter a mim e a seu precioso filho e herdeiro. Você foi a solução para nosso dilema.

– O que está tentando insinuar? – questionou Billie com sincera perplexidade.

– Que triângulos amorosos nunca dão certo e não vai demorar até Gio tirar o filho de você e voltar a me tomar como esposa. – Calisto exultava de satisfação. – Você era amante dele e receio que, levando em conta seu passado, mulheres como você só possam mesmo ocupar o papel de amantes.

– Mulheres como eu? – interrogou, os olhos verdes lançando faíscas perigosas.

– Uma vadia com um coração amoroso – provocou Calisto revirando os olhos. – E não nos esqueçamos da dupla peitão e bundão. Mas seu destino não é fazer parte da família Letsos e seu reinado será bem curto.

Billie balançou a cabeça em silencioso espanto enquanto se encaminhava para a porta. Como Gio podia ter casado com uma víbora tão desprezível? Em comparação com Calisto, ela era sem dúvida mais arredondada em certas áreas, mas estava determinada a não aceitar a provocação e entrar numa discussão infantil com a mulher. Porém, isso não a impedia de ficar ruminando os comentários de Calisto sobre Theo e sobre os motivos que tinham levado Gio a se casar com ela.

Seria possível que Gio a tivesse desposado apenas para ter direitos iguais sobre o filho? Sem dúvida, esse era outro ângulo para compreender a insistência de Gio para se casarem, de modo a que Theo recebesse *seu* nome e tivesse direito à herança. Obviamente Gio também se beneficiaria ao ser reconhecido como pai de Theo. Seria verdade que Gio tinha pedido o divórcio de Calisto porque ela não quis lhe dar um filho? Repassando conjecturas sobre Calisto, Billie não pôde se esquecer de que, para seu alívio, Gio tinha convidado a ex-mulher a se retirar da cerimônia de casamento.

Sentindo-se quente, afogueada e obviamente alterada, Billie retornou à elegante sala de festas e pegou Theo do colo da babá para fazê-lo dormir. Com o filho aconchegado em seu colo, ficou aliviada ao avistar Gio e Leandros conversando com Dee.

– Ela é simpática – confessou Gio mais tarde, quando todos se acomodaram à mesa para o café da manhã. – Mas isso não significa que eu a considere uma pessoa de quem você possa ser amiga.

– Tente ser menos preconceituoso. Se não tivesse lido aquele relatório, não saberia nada a respeito do passado da minha prima – argumentou. – Todos nós cometemos erros. Você, por exemplo, se casou com Calypso.

– Calisto – corrigiu Gio. – Ela já foi embora.

– Ótimo. – Com os olhos recobertos pelos cílios, Billie tomou um gole de champanhe.

– Não fazia sentido a presença dela aqui.

– Por que você pediu o divórcio? – Ouviu a própria voz.

– Incompatibilidade de gênios – assegurou sem hesitação.

– Isso não me diz *nada*... – começou Billie inflamada enquanto Gio erguia a mão e segurava-lhe os cachos para que ela o fitasse.

Ela colidiu com os olhos escuros fascinantes e um calor mais intenso que o do inferno inflamou-se dentro dela como reação. O batimento cardíaco acelerou, a respiração entalou na garganta. A ponta da língua contornou a curva do lábio inferior e os mamilos dos seios fartos enrijeceram e espetaram o bustiê.

– *Se thelo*... Eu quero você – murmurou Gio em voz baixa e suave, uma tensão feroz evidente em cada linha do corpo esbelto, forte e atlético.

– *Muito* – repetiu concordando, quase sem ar, a barriga dando um salto mortal enquanto ele a beijava com paixão eletrizante.

Quando Leandros fez sinal indicando que estava pronto para um discurso curto e lhe lançou um sorriso cúmplice e divertido, Gio afastou-se de Billie, enquanto os olhos perspicazes analisavam o rosto surpreso. Ela era como um sopro de ar fresco em sua vida. Seria isso que o desestabilizava? Isso seria o gatilho que o tentava a demonstrar publicamente seu afeto como antes jamais se permitira? Afinal de contas, que outra mulher teria tolerado a presença de Calisto em sua festa de casamento sem armar um escândalo?

Ele observou Billie levantar-se sem hesitação para pegar Theo, que estendia os bracinhos para ela de uma mesa próxima. Evidentemente, cansado e chateado com a agitação, o filho choramingou e se agarrou à mãe como um chiclete, antes de recostar a cabecinha sonolenta em seu ombro. Gio, que raramente se emocionava com esse tipo de cena, imediatamente pensou no injusto acordo pré-nupcial redigido, a seu pedido, pelos advogados, para pegar Bille em sua armadilha. Ela era uma mulher tão inocente. Ele previra que ela não se daria ao trabalho de ler as cláusulas, sobretudo as linhas em letras minúsculas. Ciente de que ela não estava nem um pouco interessada em seu dinheiro, ele tirara vantagem de sua natureza ingênua e crédula, por ter plena consciência do quanto ela amava o filho.

Que bobagem! Ela nunca precisaria tomar conhecimento dos termos do acordo pré-nupcial, refletiu Gio, reconhecendo que ele não queria que isso viesse a se tornar um motivo de discórdia no futuro. Billie ficaria chocada. Billie, que sempre havia tentado vê-lo como uma pessoa mais gentil, melhor do que ele jamais seria, perderia para sempre a confiança nele, tiraria para sempre os óculos de lentes cor-de-rosa quando se tratasse dele. Franziu o cenho, decidindo que daria sumiço na cópia do documento dela, guardada em algum cofre.

CAPÍTULO 8

O HELICÓPTERO pousou numa clareira iluminada por tochas na ilha de Letsos.

– Então, foi nesta ilha que você nasceu. Ela pertence à sua família? – inquiriu Billie quando Gio a pegou e a colocou no chão para, em seguida, pegar Theo no colo e ajudar a babá a descer.

– A ilha ainda pertence ao meu avô, está no nome dele. Imagino que se tivesse passado a ilha para o nome do meu pai, ela já teria sido vendida há tempos – mencionou seco. – Ele vendeu tudo que estava no nome dele bem antes de morrer.

– O nome da ilha vem do sobrenome de sua família? – perguntou curiosa.

– Não, acredito que meus ancestrais se apropriaram do nome e começaram a usá-lo várias gerações atrás, depois de uma disputa entre os membros da família que acabou a dividindo em duas facções – explicou, conduzindo-a a um carro utilitário.

– Estou ansiosa para conhecer sua família – mentiu por educação.

Embora Billie fosse inquestionavelmente curiosa, também estava apreensiva sem saber o tipo de recepção que poderia esperar dos parentes ricos e poderosos de Gio. Em sua opinião, tinha vários pontos contra ela: a pressa em se casarem, o nascimento de Theo fora dos sagrados laços do matrimônio, sem mencionar o fato de que ser uma completa desconhecida, uma estrangeira sem linhagem ou fortuna. Estava convencida de que essas características garantiriam que ela fosse vista com extrema suspeita e, quem sabe, até mesmo hostilidade.

– Amanhã você vai conhecer toda a minha família – disse Gio com calma.

– Achei que fosse conhecê-los hoje à noite – falou tensa.

– Tivemos um dia muito agitado e hoje não nos hospedaremos na casa principal. Amanhã de manhã nós apresentamos Theo à família. – Gio acariciou as costas de Theo, que resmungou quando ele fechou o cinto de segurança da cadeirinha. – Quanto antes ele for para a cama, melhor. Irene, minha antiga babá, vai ajudar você hoje, pois sei que está cansada. Vamos deixar Irene e Theo na casa de Agata.

– *Deixar* Theo? – repetiu Billie como um papagaio demonstrando profunda preocupação.

– Relaxe. Do jeito como fala, parece até que vamos abandonar nosso filho em um banco de praça – censurou Gio, achando graça e contemplando o rosto ansioso com um toque de ironia. – Vamos passar a nossa lua de mel na casa da praia. Buscamos Theo de manhã antes de irmos para a casa principal, onde serão apresentados à minha família. Agata vai pular de alegria por ser a primeira na ilha a conhecer meu filho.

Ao chegarem à casa de Agata, Billie ficou encantada ao constatar que Gio não exagerara. A chegada de Theo foi motivo de muita alegria e prazer. Agata era uma mulher rechonchuda de meia-idade. Cumprimentou Gio com afeição e pegou o menino no colo com um sorriso bondoso enquanto dava boas-vindas calorosas a Billie e prometia uma cama confortável em seu quarto de hóspedes a Irene.

Gio levou Billie de volta ao carro. O carro logo pegou uma ladeira íngreme e finalmente se deteve diante de uma trilha de areia. O motorista, um jovem robusto, pegou as malas pesadas e seguiu apressado pela trilha, deixando-os para trás.

– Tome cuidado. A trilha é íngreme – avisou Gio, passando o braço forte por sua cintura fina para firmá-la, enquanto ela caminhava, os saltos altos afundando na superfície arenosa.

– Eu nunca teria calçado esses sapatos se soubesse que íamos a uma casa na praia! – resmungou Billie com tristeza. – Calcei minhas sandálias mais chiques porque achei que fosse encontrar sua família.

– Queria fazer uma surpresa para você.

– Pois conseguiu. – Billie deu uma risada, admirando a extensão imaculada de praia que se descortinava ao passo que desciam. O sol se pusera, lançando centelhas de luz na areia e nas ondas escuras que banhavam a angra.

A casa de praia de madeira fora construída em um canto e estava iluminada com lâmpadas delicadas que pareciam rosas.

– Uau! Essa casa é um *bocado* bonita! – exclamou Billie admirada ao ver luzes tremeluzindo pelas janelas que iam do teto ao chão.

Gio a pegou no colo e cruzaram a soleira. Ela perdeu uma das sandálias e ele afirmou que isso era ótimo, pois não poderia andar sem sapatos e ela sorria quando ele a colocou no piso de madeira envernizado. Havia flores por todos os lados e muitas velas acesas lançavam reflexos de luzes e sombras no luxuoso interior. O motorista deixou as malas no quarto e se despediu.

Descalça, Billie perambulou pelo quarto, admirando a mobília simples mas luxuosa, e a cama, confortável e espaçosa.

– Champanhe? – sugeriu Gio.

– Talvez mais tarde. Agora, tudo o que desejo é um banho – confessou, louca para se ver livre do vestido e do blazer de corte primoroso que usara para impressionar a família de Gio. – Pode abrir o zíper para mim?

– Se eu abrir o zíper – comentou Gio, enquanto ela tirava o blazer e se aproximava –, você nunca vai chegar ao chuveiro.

O zíper desceu. Ele afastou o tecido e pressionou a boca no ombro delicado.

– Sua pele é uma delícia, como é macia – pronunciou em tom rouco, descendo as mangas curtas, puxando o vestido quando ele prendeu na altura dos quadris, e a segurando entre os braços para que ela se desvencilhasse da roupa.

– Já vi que não vou tomar banho – declarou Billie quando ele a virou devagar para que o encarasse.

– Bem, acho que só vai tomar banho mais tarde e comigo. – Gio abriu um sorriso, os olhos ardentes como raios de sol fixos no corpo de curvas exuberantes coberto apenas por um conjunto de sutiã e calcinha de seda verde. – Isso se eu deixar você sair da cama alguma hora.

Billie resistiu à estúpida vontade de perguntar se ele achava seu bumbum muito grande. Sempre tentava controlar o peso, sem, contudo, preocupar-se em demasia com o corpo

curvilíneo com o qual nascera, pois sabia que tentar modificá-lo seria uma tolice que apenas a levaria a uma tremenda decepção. Irritada por sentir-se pouco à vontade de repente em sua presença, preferiu dizer:

– Você está usando roupas demais.

Gio a tomou nos braços e a beijou com sofreguidão antes de levá-la para a cama.

– Um banho, comida e comportamento civilizado depois... prometo.

A memória de Billie retornou às muitas, inúmeras vezes no passado quando Gio mal punha os pés no apartamento, já a agarrava, movido por uma impaciência incontável e um desejo irrefreável, que ela sempre adorara, pois creditava esse fervor à prova de que ela era bem mais importante do que ele jamais confessaria verbalmente. Claro, o choque quando ele anunciara que ia casar-se com Calisto tinha sido extremamente doloroso, pois ela se julgava querida. Ele tinha forçado Billie a encarar a verdade: a presunção tola de que podia sentir-se segura despencara ladeira abaixo. No entanto, assim que se pegou lembrando-se do passado e das experiências dolorosas, Billie afastou os pensamentos negativos. Lembrou-se de que aquela era sua noite de núpcias e recostou-se na cama onde ele a deitara.

Agora Gio era seu marido. Era seu como nunca tinha sido antes, refletiu, tentando banir as preocupações. Juntos, ela, Gio e Theo formavam uma família. Também fariam parte de uma família bem maior. Torcia para que a família de Gio a aceitasse, mesmo que apenas para o bem de Theo.

– Quem arrumou tudo? – indagou apontando com a mão as flores, as velas e tudo o que constituía os detalhes luxuosos e confortáveis do apartamento. – A casa de praia costuma ser usada sempre?

– Faz um tempo que não é usada – admitiu Gio enquanto tirava a camisa e a jogava no chão.

– Eva, irmã de Leandros, é decoradora de ambientes e concordou em aceitar o trabalho de última hora que lhe propôs como um favor. Ela não tinha certeza de que conseguiria terminar tudo no prazo até o último instante e só conseguiu concluir a decoração esta tarde. Os empregados se encarregaram do resto.

– Adoro as velas e as flores – assegurou Billie.

– Sabia que ia gostar. Você sempre foi muito romântica – provocou.

– Mas você providenciou tudo, então também deve ser romântico – mencionou, absolutamente encantada ao se dar conta de que Gio providenciara a decoração e arrumação da casa de praia para a lua de mel apenas com a intenção de agradá-la.

– Nunca vou ser romântico – disse irônico –, mas sou esperto o suficiente para saber do que o outro gosta e providenciar tudo a contento, *glyka mou*.

Com enorme dificuldade, Billie desviou a atenção da barriga tanquinho e de como a pele naturalmente bronzeada delineava a musculatura. Ele era maravilhoso. Inacreditável, era seu e não da igualmente maravilhosa Calisto. Por um milésimo de segundo, permitiu que o mistério a irritasse para, logo em seguida, afastar o pensamento e ordenar a si mesma que nunca mais pensasse no assunto. Ele tinha se casado com ela, com ela, e Calisto pertencia ao passado. Gloriosamente esquecido de seus constantes ataques de insegurança, Gio tirou a calça e a cueca em um movimento impaciente.

A boca ficou ressecada, os batimentos cardíacos aceleraram. Fazia tanto tempo desde que se dera ao luxo de ver Gio tirar a roupa. No dia em que havia saído com ele para almoçar no hotel

e acabara indo para a cama com ele, ele nem ao menos se despira. O rosto ardeu ao recordar aquela tarde.

– No que está pensando? – perguntou Gio sussurrando, atravessando o quarto para deitar-se com ela na cama.

Ela contou a verdade e, para sua surpresa, ele riu.

– Não desempenhei o papel de sedutor irresistível, certo? Eu estava com tanta vontade por você quanto um adolescente prestes a fazer amor pela primeira vez, mas pelo menos usei camisinha.

– Eu também fiquei emocionada – declarou em tom suave, acariciando-lhe o queixo anguloso.

– Mas é melhor tomar cuidado. Não estou usando nada para evitar a gravidez.

Gio a acomodou nos travesseiros ao lado dele e se curvou.

– E por acaso preciso tomar cuidado? Eu perdi a chance de ver você grávida de Theo e vou ficar muito contente se você engravidar novamente – admitiu, com os olhos escuros cintilando à luz das velas.

Essa declaração foi a maior injeção de confiança que Billie podia ter recebido, pensou atônita. A vontade de Gio de que ela tivesse outro filho a pegou de surpresa, pois isso significava que ele via o casamento como uma relação duradora e não um mero artifício com o único objetivo de registrar Theo como seu filho legítimo.

– Eu ganho muitos quilos quando fico grávida – avisou.

– Aposto que nos lugares certos – murmurou Gio passando o dedo no sutiã de onde brotava a carne alva, macia e farta. – *Theos*, eu *adoro* seu corpo.

– Sério? – questionou Billie, desprezando-se por demonstrar que precisava de elogios.

– Não consigo manter minhas mãos longe de você, Billie – gemeu, abrindo-lhe o sutiã e enchendo as mãos com o prêmio que antes vinha admirando. – Nunca consegui.

Seu pobre cérebro ainda disparava em várias direções que ela preferia evitar. Ainda a incitava a questionar por que ele decidira casar-se com uma mulher como Calisto. De repente, foi impossível reprimir a necessidade de conhecer a resposta e acabou perguntando:

– Então por que se casou com uma mulher que pesa metade do que eu peso?

De repente, fez-se um silêncio mortal. Ele inclinou a cabeça enquanto brincava com as curvas suaves e macias que ele havia desnudado e a fitou por baixo dos cílios inacreditavelmente compridos.

– Por todos os motivos *errados*... e paguei por isso – assentiu com voz rouca.

Billie pretendia aprofundar o assunto, todavia sabia que não queria estragar a noite de núpcias com lembranças dolorosas e perdas passadas. Num esforço sobre-humano, afastou da mente as reflexões mórbidas e nada pronunciou, pois cada sílaba dita por Gio traía seu arrependimento. Mas arrependimento não era o suficiente para satisfazê-la, certo? Quantas gotas de sangue seriam necessárias para satisfazer seu ego ferido? Sangue o suficiente para causar atrito num casamento que se iniciava, quando Gio já mencionara o desejo de ter outro filho? Decididamente não. Melhor deixar o passado para trás e olhar para a frente, para um futuro mais promissor.

Gio capturou um mamilo intumescido com a boca e brincou com ele até deixá-lo latejante. Billie se recostou, deixando o calor percorrer seu corpo, aquecendo e umedecendo suas partes íntimas e mais sensíveis. Os quadris se levantaram, enfiou os dedos em seu cabelo curto, fechando os olhos enquanto o puxava contra si experimentado uma profunda sensação de

felicidade. Outro bebê? Belo sinal de otimismo por parte dele! Ele tinha sido uma criança que sofrera muito com o rompimento do casamento dos pais e, portanto, ela estava convencida de que ele não se arriscaria a trazer uma segunda criança ao mundo se acreditasse que o relacionamento dos dois podia um dia chegar ao fim.

– O dia de amanhã vai chegar muito cedo para mim; queria que esta noite durasse mais – reclamou Gio erguendo-lhe os joelhos e tirando-lhe a calcinha. – Mas, se eu fizer amor com você a noite inteira, você vai estar cansada demais para conhecer minha família pela manhã.

– A partir de hoje você pode usufruir de todas as noites comigo – sussurrou Billie enquanto ele percorria a fenda entre suas pernas com o dedo causando-lhe logo um instantâneo estremecimento. Cada terminação nervosa imediatamente clamou por mais afagos.

– E eu vou aproveitar cada oportunidade. Estou faminto por sexo – confidenciou Gio, enquanto mordiscava e lambia os seios e subia até seu pescoço. – É impossível me saciar com você. Quero sempre mais. E agora que finalmente tenho você 24 horas por dia, não vou lhe dar sossego.

– Promessas, promessas... – provocou Billie, encantada com a ameaça, pois quanto mais Gio expressava seu desejo por ela, mais segurança lhe transmitia.

Quando a excitação começou a se afirmar, a conversa cessou, porque ela não conseguia pensar direito nem por tempo suficiente para verbalizar nada. Ele a acariciou com a habilidade de um perito na arte de amar e ela se contorceu, agarrando-lhe o cabelo preto enquanto ele usava a boca para levá-la ao clímax.

Saciada, ela soltou um gemido de surpresa quando Gio a virou de bruços.

– O quê...?

– Hoje estou disposto a mostrar meu lado dominador, *moro mou* – avisou, agarrando-lhe os quadris e penetrando com força a caverna molhada de paixão, preenchendo-a todinha com seu comprimento e circunferência e atijando uma renovada e excitante onda de prazer e desejo que tomou conta de seu corpo.

Embora não confessasse, Billie sempre tinha adorado quando Gio se mostrava apaixonado e vigoroso na cama. Nesses momentos, como aquele, a atitude dominadora a fazia sentir-se de certa forma irresistível. Um incontido arrepio de prazer perpassou o corpo trêmulo, a respiração entalada em sua garganta e o coração batendo acelerado, descontrolado, à medida que ele a penetrava com pressa, urgência, de um jeito muito erótico. E ele continuou investindo, uma, duas, várias vezes, aumentando o agradável tormento e a deixando alucinada de tesão. O dedo acariciou e circundou seu clitóris e o nó de tensão apertou e deu início a uma reação em cadeia. Pequenas convulsões internas pulsavam em seu canal interno até finalmente desencadear uma explosão extasiante de prazer capaz de destruir a própria alma.

– Você é muito, mas muito bom nisso – balbuciou Billie com voz entrecortada no exato momento em que Gio começava a se afastar. Agarrando-lhe o braço, puxou Gio para perto, os olhos alucinados, faiscando de desejo à luz das velas. – Não, não faça isso, *não se afaste*. Odeio quando faz isso.

– Eu sou assim – afirmou Gio franzindo a testa.

Com a mão livre, Billie lhe segurou o ombro.

– Mas não precisa ser assim. Você é capaz de abraçar Theo.

– É diferente.

Billie sabia que estava ultrapassando as barreiras estabelecidas e que talvez este não fosse o momento adequado para reclamar, mas o hábito de Gio de evitar qualquer contato logo depois de terem feito amor, como se recusasse qualquer tipo de intimidade, sempre ferira seus sentimentos.

– Você nunca demonstrou qualquer dificuldade em me abraçar quando eu estou aborrecida com alguma coisa, certo?

– Bem, é verdade, *mas...*

– Então finja que estou chateada – encorajou Billie com todo o entusiasmo de alguém que acreditava ter encontrado a solução perfeita para a incapacidade do parceiro no terreno afetivo.

Gio cravou os olhos atônitos na mulher.

– *O quê?* – balbuciou incrédulo.

– Estou chateada depois de ter feito sexo – mencionou sem hesitar. – Apenas imagine o seguinte: ela está chateada, então preciso abraçá-la.

– Não quero imaginar que você está *chateada* depois de termos feito sexo.

– Você sempre tem um argumento para contestar qualquer declaração? – interrogou Billie em um tom de voz angustiado. – Eu só estava tentando encontrar uma estratégia que fosse conveniente para nós dois.

– Esqueça essa estratégia – avisou Gio, passando os braços ao seu redor e a puxando contra si com os dentes trincados. – Vou me esforçar, está bem?

– Está ótimo – concordou satisfeita, acariciando-lhe o torso peludo e depois descendo a mão num gesto provocativo numa operação destinada a provar que ele obteria vantagens caso mudasse o comportamento e tivesse mais contato físico.

– Está ótimo – repetiu num ronronar rouco. – *Muito* ótimo.

Uma hora depois, encontravam-se ao ar livre, deitados e relaxados em uma larga cadeira reclinável no deque, enquanto observavam as chamas do braseiro faiscando e subindo até o céu noturno. Pratos descartados do freezer lotado estavam espalhados, prova de terem consumido uma substanciosa refeição. Billie segurou a taça de champanhe e deu um suspiro de contentamento.

– Nossa, esse lugar é tão tranquilo. É uma maravilha ouvir apenas o som das ondas.

– Eu sempre adorei o som do mar quando era criança. Meus pais costumavam nos trazer aqui e... – A voz de Gio sumiu. Voltaram a mergulhar no silêncio.

Billie ergueu o rosto para ele, ciente da tensão que o consumia.

– E *o quê?* – pressionou. – Sorte sua guardar boas lembranças da infância.

– Eu e minhas irmãs éramos muito pequenos. Foi muito antes de meus pais se separarem... Antes de meu pai encontrar *o amor da sua vida* – comentou Gio enfatizando as últimas palavras com inegável desprezo.

– Ah, e quem era ela? – Billie aproveitou a abertura que ele lhe dera para dar continuidade à conversa, pois ele sempre evitara discutir qualquer assunto ligado ao divórcio dos pais.

– Uma modelo inglesa chamada Marianne. Eram amantes e quando ela engravidou *por acidente* e teve um filho, que depois descobriram não ser do meu pai, ele decidiu que não podia mais viver sem ela.

– Ah! – exclamou Billie em tom baixo, sentindo-se desconfortável diante das semelhanças entre os relacionamentos. Afinal, ela também tinha sido amante de Gio. Talvez afinal compreendesse o motivo de Gio ter sempre mantido certo distanciamento emocional.

– Eu e minhas irmãs voltamos do colégio interno para passar as férias de verão e soubemos que nossas vidas tinham sofrido uma completa reviravolta. Meu pai tinha pedido o divórcio e deixado minha mãe no apartamento de Atenas. De repente, deixamos de ser bem-vindos em Letsos ou na casa onde tínhamos passado a infância porque meu pai, e pode acreditar que é difícil para mim chamá-lo de pai depois do que fez, havia se casado com Marianne e ela se recusava a receber em casa os filhos do primeiro casamento dele.

A amargura profunda de Gio deixou Billie chocada, mas era possível imaginar como devia ter sido terrível para ele e as irmãs verem a mãe ser rejeitada e todos serem excluídos do que estavam acostumados a considerar seu.

– Seu avô não interferiu? Você me contou que ele é dono da ilha.

– Ele não podia renegar o filho e tampouco queria que a nova nora se transformasse em inimiga. Entretanto, hoje ele se arrepende de não ter ajudado minha mãe, mas, naquela época, tentava desesperadamente reparar os estragos causados pelas extravagâncias de Dmitri e pelo final do casamento. Tudo isso afetou não apenas a vida familiar, mas também os negócios.

– Você continuou tendo contato com seu pai depois do divórcio?

– Não. Só o encontrei quando voltei do colégio interno e soube da separação. Depois disso, voltei a vê-lo uma única vez. Marianne detestava a ideia de que ele tivesse outros filhos. O amor pode ser uma emoção muito destrutiva – murmurou em tom seco. – Meu pai destruiu a família em nome do amor, e minha mãe nunca se recuperou dos maus-tratos sofridos nas mãos dele.

Billie ficou pensativa, pois finalmente compreendia que ainda criança Gio chegara à conclusão de que as emoções humanas podiam ser nocivas. Ainda criança, Gio fora confrontado com as terríveis consequências do que acreditava ser o amor. Para ele, o amor era um sentimento egoísta, perigoso, pois seu pai sacrificara a família para ter a mulher que desejava.

– Não pode achar que o amor dos pais pelo filho é destrutivo – disse em tom brando. – A maioria das pessoas considera o amor um sentimento construtivo.

– Um homem de princípios pode agir em nome da família sem ficar tagarelando sem parar sobre o amor – declarou Gio abraçando-a com um pouco mais de força. – Não preciso amar para cuidar de você.

Os olhos de Billie pinicaram. Ele certamente não estava preocupado em cuidar dela quando decidira casar-se com Calisto dois anos antes, mas não queria permitir que essa lembrança se sobrepusesse. Em vez disso, descansou a taça e recostou a cabeça em seu ombro.

– Eu acho – falou Gio, após uma demorada pausa e um longo tempo de reflexão – que amo Theo porque ele é pequeno e indefeso. Ele inspira amor como um gatinho ou um cachorrinho. Tirei dúzias de fotos dele no meu celular antes de ir embora de Yorkshire e tive de controlar a ansiedade, porque queria vê-lo mais uma vez.

Billie ficou triste. No fundo, sentia inveja do filho por ter despertado tais sentimentos em Gio apesar do pouquíssimo tempo de convivência.

– Eu também estava louco para ver você. Como deve ter percebido, não aguentei nem esperar chegar a hora da cerimônia. Precisava ver você antes – confidenciou Gio, esfregando o queixo com a barba por fazer em seu pescoço alvo, sentindo-se em paz pela primeira vez em muito tempo. Ela exercia um estranho efeito sobre ele. – Não sei por que agi daquele jeito. Foi loucura total.

– Eu não me importei – comentou Billie, ajeitando o corpo entre seus braços para olhar para ele e não para as estrelas.

O rosto fino e forte ainda demonstrava surpresa com o próprio comportamento naquela manhã. Era evidente que ele ainda remoía os motivos que o haviam levado a agir assim.

– Sabe, no fundo eu acho que tive medo de você não aparecer na igreja. Isso não é loucura?

Se, na ocasião, ele soubesse o quanto ela o amava, não precisaria ter receio, refletiu tristonha. Não, não importava o quanto ela fosse alucinada por ele, nunca o teria arrancado do altar dois anos atrás.

– MINHA NOSSA, que casa enorme! – gritou quando o utilitário estacionou diante de uma imensa villa que ocupava o topo da colina e cujos gloriosos jardins tropicais desciam pelas encostas.

– Tem de ser grande para as reuniões familiares e para que caiba todo mundo. Quase todos os membros das novas gerações acrescentaram detalhes à construção. – Ele estava bastante tenso e isso atraiu a atenção de Billie. Gio saltou do carro e foi retirar Theo da cadeirinha no banco de trás enquanto Irene e Agata se encaminhavam para os degraus largos e baixos que conduziam à porta da frente, já escancarada.

A governanta à espera na porta os recebeu efusivamente. Gio, porém, não se demorou o suficiente para fazer as apresentações e se adiantou, sabendo exatamente seu destino e claramente determinado a não se demorar.

– Gio! – vociferou Billie, enquanto o seguia apressada e já sem fôlego. – Se vamos encontrar muita gente, deixe que eu leve Theo. Às vezes ele estranha.

Contraindo o maxilar, Gio passou o filho para Billie, que acomodou a criança no quadril.

– E faça-me um favor, abra um sorriso – avisou, estranhando a expressão sombria e preocupada no rosto bonito. – Não tem importância se sua família não me receber muito bem. Eles precisam de um tempo para me aceitar.

A elegante sala de recepção correspondia às proporções da casa e Billie ficou desconcertada quando avistou, através das portas envidraçadas, uma multidão tanto sentada quanto de pé, no espaço com piso de mármore. A família de Gio era bem maior do que imaginara. Ao entrarem na sala, todas as cabeças se viraram e Billie encolheu a barriga respirando fundo e devagar ao passo que tentava controlar o nervosismo.

– Pedi que todos viessem para eu poder apresentar minha esposa – pronunciou Gio em meio ao repentino silêncio, analisando com olhar sombrio cada um dos membros da família. – Essa é Billie. Nós nos casamos ontem e...

Um barulho irrompeu de um canto afastado quando um homem idoso se levantou e bateu com força a bengala no chão. Com o rosto tenso, disparou um monte de palavras furiosas em grego para Gio. Gio retrucou também em grego e abraçou Billie com o intuito de conduzi-la em direção à porta.

– Vamos embora.

– Ah, por favor, não vá embora, Gio! – Uma morena alta e bem-feita de corpo correu atrás deles. – Sou Sofia, irmã caçula de Gio. Gio, por que não nos contou que ia se casar?

Billie ficou imóvel como uma estátua e trocou Theo, que já começava a pesar, para o outro lado dos quadris.

– Ele *não* contou a nenhum de vocês? – balbuciou incrédula.

– Não. Ele comunicou que tinha uma surpresa para contar e por isso viemos todos para cá.

– Vamos embora Billie – insistiu com teimosia.

Mas Billie deu as costas antes que ele pudesse abrir a porta e voltou para a sala.

– Gio devia ter contado que íamos nos casar. Eu não fazia ideia...

– Billie – interrompeu Gio, colocando a mão em seu ombro.

– Bem, peço desculpas por criticar você diante de sua família, mas você realmente devia ter avisado sobre o casamento. Não me surpreende que todos estejam em choque e digam coisas sem refletir – mencionou, examinando o homem idoso e furioso, que ela imaginava ser Theon Letsos, o avô de Gio. – Não faz sentido sair daqui bufando de raiva por causa disso.

– Não estou bufando de raiva! – esbravejou entredentes, indignado por Billie desacatá-lo na frente de seus parentes e contestar sua decisão.

– Talvez seja melhor conversarmos sobre esse assunto – disse o homem idoso irritado, examinando Billie com olhos astutos e escuros, muito parecidos com os de Gio. – Sua esposa tem razão. Eu me precipitei e falei sem pensar.

– Ele insultou você – falou Gio de modo grosseiro.

– Não tem importância. Só me sinto ofendida se entender o que dizem, ou seja, se falarem em inglês – declarou Billie conciliatória. – Não falo uma palavra de grego!

– Gio e as irmãs frequentaram escolas inglesas – comentou o homem idoso abrindo um sorriso inesperado. – Vamos, sente-se aqui perto de mim e me fale um pouco de você. Tenho dificuldade de ficar de pé por muito tempo.

Incrédulo, Gio se encontrou na inusitada posição de ficar em segundo plano diante da própria família, enquanto Billie, afastando-se em um animado bate-papo com seu avô, como quem se conhece há anos e não há segundos, aproximou-se devagar dos assentos disponíveis.

– Peço desculpas por ter sido tão descortês – sussurrou Theon. – Sou Theon Letsos, o avô de Gio.

– Eu sou Billie. E já vou avisando que Billie não é abreviação de nome nenhum.

– E seu filho?

– Nosso filho – corrigiu orgulhosa. – Theon Giorgios, seu bisneto, conhecido como Theo.

Abalado com a revelação, o homem idoso observou Theo engatinhando pelo chão com a energia típica de um bebê que havia sido impedido de movimentar-se por tempo demais.

– Theo... – murmurou em meio ao silêncio absoluto que mais uma vez pairou na sala. – E vocês só se casaram *ontem*?

– Gio só descobriu sobre a existência de Theo recentemente – mencionou apressada. – Não mantivemos contato por uns dois anos...

Gio trincou os dentes.

– Não precisa falar sobre esse assunto.

– Claro que preciso. Não quero que ninguém pense que eu tive um caso com um homem casado – revelou Billie sem hesitação, estranhando o fato de Gio ter uma percepção tão lenta. Ou talvez não notasse a importância de esclarecer a situação, pois *ele* parecia não dar a mínima para o que os outros pensavam a seu respeito. Mas ela não queria aquele estigma no círculo familiar. Podia não gostar de Calisto, contudo jamais manteria um relacionamento com Gio com ou sem o conhecimento da esposa.

– Um bisneto com o meu nome... – Theon parecia interessado em concentrar-se no lado positivo e educadamente ignorar a figura protetora de Gio ao lado da cadeira de Billie. – Um menino encantador e nada encabulado! – disse com uma risada alegre à proporção que Theo se

afastava na direção de uma pilha de brinquedos e agarrava o primeiro objeto colorido ao seu alcance. – Então, agora me fale de você – sugeriu o homem idoso.

– Billie não veio aqui para ser interrogada – interrompeu Gio em tom glacial.

– Nossa, estou morrendo de sede. Adoraria beber alguma coisa – informou Billie a Gio, lançando-lhe um olhar súplice.

Claro, Gio apenas ergueu a mão como um soberano do deserto e uma empregada uniformizada se materializou.

Billie encontrou os olhos alegres de Theon e abriu um sorrisinho sem graça, pois sua estratégia não surtira efeito. No entanto, de fato não suportava o fato de Gio plantado ao seu lado como um guerreiro defendendo uma pobre indefesa em território inimigo. Nunca o tinha visto agir daquela maneira e ficou absolutamente chocada ao descobrir que, junto à família, seu jeito reservado se acentuava ainda mais. Esse comportamento não correspondia às suas expectativas e a entristecia. Gio era um lobo solitário. Como havia se tornado um ser humano tão contido, reprimido, se fazia parte de uma família grande e, como ela pressentia, amorosa?

Theo veio engatinhado e se apoiou nos joelhos do pai para se levantar. Em seguida, agarrou-lhe as pernas até Gio abandonar a postura rígida e sorrir com tanta alegria que o rosto fino e sério se iluminou. Gio pegou o filho no colo para levá-lo de volta aos brinquedos.

– Faz muito tempo que não vejo Gio sorrir – comentou Theon.

– Eu não venho de uma família com dinheiro e conceituada. Sou dona de uma loja. Sou uma mulher simples, trabalhadora – informou Billie antes que Gio voltasse e censurasse a conversa. – Gostaria que soubessem disso, caso ainda não saibam.

– Nos últimos anos, aprendi a não dar importância a características como dinheiro. – Theon sacudiu os ombros num gesto enfático e recostou-se na poltrona. – Lamento, mas discordo de você em um ponto. Nenhuma mulher simples poderia lidar com Gio e a família Letsos com tanta tolerância e sensatez.

Esse foi o último momento sozinha com Theon. Foi apresentada a cada um dos tios, tias e irmãs de Gio, incluindo a meia-irmã, Melissa, que passara metade da vida vítima do descaso da família paterna por ser fruto de um romance ilícito de Dmitri Letsos na adolescência.

– Quando conhecê-los melhor, vai ver que não são ruins – assegurou Melissa, uma professora loura e reservada na faixa dos 40, com um sorrisinho irônico. – Ah, é claro que existe a costumeira rivalidade entre irmãos, mas são todos, sem exceção, devotados a Gio, isso posso garantir. Ele me trouxe para a família e é o porto seguro de todos nós sempre que enfrentamos uma crise. Calisto não foi capaz de aceitar isso; espero que você seja.

Pelos comentários dispersos, Billie começou a suspeitar que não gostavam da primeira esposa de Gio. Amaldiçoou sua curiosidade sobre a predecessora e decidiu mudar de assunto. Sua curiosidade era uma tolice, não levava a nada e satisfazê-la provavelmente acabaria levando ao sofrimento. Gio tinha preferido casar-se com outra. *Supere isso*, ordenou impaciente, determinada a não deixar que as sombras do passado a perseguissem e toldassem sua felicidade.

– Se sua esposa for a mulher que aparenta ser, ela é ouro puro – falou o avô de Gio, o que o surpreendeu.

Com os lábios contraídos, Gio sussurrou entredentes:

– Quando se trata de Billie, não preciso da aprovação de ninguém.

– Mas nós teríamos adorado receber o convite para o casamento – declarou Theon em tom seco.

Quando Irene levou Theo para tomar banho e a família começou a se dispersar dirigindo-se a seus aposentos na sinuosa *villa*, Billie resolveu dar uma volta com o intuito de explorar os maravilhosos jardins. Após o passeio, sentou-se à sombra de uma antiga castanheira, de onde descortinava a deslumbrante vista da ilha e do oceano. Embora exausta, experimentava uma sensação de contentamento, pois o encontro com a família de Gio acabara transcorrendo sem grandes problemas. Ela conseguira reverter a situação que, a princípio, dera a impressão de que descambaria para um desastre.

Desde quando Gio tinha se tornado uma pessoa tão mal-humorada? Ele se comportara com um bastão de dinamite com o pavio aceso, pronto a atacar quem quer que a atacasse, supersensível a qualquer comentário ou pergunta que lhe dirigissem. Billie suspirou pensando no mistério que envolvia esse comportamento e relaxou aos poucos, deixando a tensão exaurir-se.

– Procurei você por toda parte – mencionou Gio em tom ditatorial, caminhando ao seu lado pela trilha de cascalhos. – Lá embaixo, lá em cima...

– Que tal colocar um chip em mim? Assim saberia onde estou sempre que quisesse – pronunciou Billie impassível.

Esforçando-se para dominar a exasperação, Gio bufou. Ali estava ela, os cachos emoldurando o rosto adorável, os olhos contemplativos, obviamente feliz e contente. Sua atitude poderia não explicar seu medo pessoal de que ela tivesse representado o papel da mulher fantasticamente sociável durante o dia inteiro visando não causar mal-estar entre os membros da família, embora secretamente mascarasse sua mágoa pela recepção nada acolhedora.

– Você está bem?

– Cansada – admitiu, com os olhos verdes sonolentos fixos nele enquanto uma torrente de lembranças prazerosas a percorria. – Também, a noite passada nós quase não dormimos.

Um leve rubor tingiu as lindas maçãs do rosto, os olhos escuros cintilantes, os traços finos e bronzeados de uma perfeita simetria enquanto a boca larga se curvou em um trejeito sensual. Ela o amava. Sentia um amor enorme por ele, reconheceu indefesa.

– Por que saiu? Está preocupada com alguma coisa?

– Não estou preocupada – declarou Billie. – Esse jardim é maravilhoso e estou adorando ficar aqui.

Ao lembrar-se dos vasos de plantas que Billie tinha na janela do apartamento, Gio sentiu uma pontada na consciência. Ao mesmo tempo, lembrou-se da sensação de vazio experimentada quando, ao constatar que ela fora embora, tinha visto as plantas murcharem e morrerem e, como sempre, apagara as lembranças daquele período de sua vida.

– Eu devia ter comprado uma casa com jardim para você há muito tempo.

– Minha única experiência com jardinagem foi quando eu visitava, ainda criança, o lote de plantação do meu avô – confessou Billie baixinho. – Ele costumava plantar sementes de vegetais para mim. Isso foi antes das casas das apostas e da bebida o arrastarem para um estilo de vida bem menos produtivo.

Gio franziu a testa, perplexo ao se dar conta de como conhecia pouco o passado da esposa. Por um momento, surpreendeu-se por nunca lhe ter perguntado nada além das questões mais básicas, mas depois de ter tomado conhecimento de que ela não tinha nenhum parente vivo, ele não encontrara motivos para deter-se no assunto.

– Ele era alcoólatra?

– Não, essa conclusão é muito cruel. Ele bebia para escapar da perseguição da minha avó. Ela possuía um temperamento muito amargo. Se era alcoólatra – prosseguiu –, era um alcoólatra simpático. Nunca demonstrou a menor agressividade, mas seu fígado parou de funcionar e ele ficou muito tempo doente. Foi quando eu comecei a faltar às aulas pela primeira vez, porque minha avó não cuidava direito dele; não como ele precisava ser cuidado, e eu me sentia culpada por deixá-lo entregue aos cuidados dela todos os dias.

– O governo não oferecia nenhuma ajuda?

– Não, na verdade havia pouca ajuda disponível. Disseram à minha avó que ele não estava doente o bastante para ser internado em um hospital, embora estivesse em estado grave. Quando ele faleceu, ficamos só nós duas. Ela nunca gostou de mim porque eu era parecida com minha mãe. – Billie fez uma careta. – Coitada, era até compreensível. Minha mãe me largou na casa dela e nunca mais voltou. Minha avó era uma mulher amargurada, que só via o lado ruim das pessoas. Voltei para a escola, onde estudei por mais uns dois anos até a saúde da minha avó piorar também e depois disso nunca mais voltei a estudar.

Gio ficou atônito por só tomar conhecimento desses detalhes de sua vida agora.

– Como é possível que só agora eu descubra tudo isso? – inquiriu, como se de alguma maneira ela tivesse escondido essas informações, como se a culpa fosse dela.

Escondendo com tato sua surpresa diante da pergunta, Billie lhe lançou um olhar irônico.

– Gio, naquela época, quando eu não estava fisicamente diante de você, eu não existia.

Gio retesou-se.

– Não é verdade.

– Você se lembra daquele armário com gavetas que uma vez mencionei? Eu falei que eu ficava dentro de uma gavetinha de onde era retirada e admirada por você em ocasiões especiais. Eu estava falando sério, não era brincadeira, era assim que eu me sentia.

Os traços finos e sombrios enrijeceram.

– Em resumo, você está dizendo que sou um indivíduo egoísta ao extremo.

– Você era muito autocentrado e bastante compulsivo. Vamos encarar a verdade, quando não estávamos juntos, sua preocupação básica sempre foi sua vida profissional. Acho também que você era muito chique e alinhado para se sentir confortável com a diferença entre nossas classes sociais. Ignorar era a maneira mais fácil de lidar com isso. Acho que desde que eu me mostrasse disposta a ficar quieta e não tocar no assunto, você preferia não ser lembrado de que eu não passava de uma simples e humilde faxineira – comentou Billie com calma.

– Não acredito que estamos tendo uma conversa dessas! – exclamou Gio, zangado. Conseguira manter o controle o dia inteiro, e agora a raiva brotava forte e quente como a lava de um vulcão. – Ou que você tivesse uma opinião dessas a meu respeito!

Em muda frustração, Billie fechou os olhos e contou até dez.

– Já passou, assunto encerrado, Gio. Não estou acusando você. Estou apenas sendo sincera. Eu também não era perfeita. Eu devia ter me imposto, exigido mais, mas era muito menina, foi meu primeiro relacionamento.

– Você mentiu a idade. – Gio logo se apressou em atacar.

Billie assentiu num gesto pacífico, recusando-se a aceitar a provocação, pois não entraria em uma discussão com Gio sobre o passado. Afinal, tudo tinha mudado agora; começavam uma nova vida com diferente grau de intimidade.

– Eu tenho de trabalhar – afirmou Gio em tom que não admitia contestação.

Billie sorriu, ciente de que seu primeiro refúgio, quando a emoção ameaçava aflorar, era o trabalho.

– Vou entrar com você.

Gio ligou o laptop na biblioteca equipada com aparelhos de alta tecnologia para seu uso. *Theos*, ainda continuava furioso. Não era e nunca tinha sido uma pessoa egoísta. Em um ponto, Billie tinha razão: ele não precisava revisitar o passado. Uma vez convicto desta verdade, tentou concentrar-se nas tabelas exibidas na tela do laptop e trabalhou sossegado até o acordo pré-nupcial imiscuir-se em sua mente e praticamente apagar tudo durante o processo. Telefonou para a governanta para descobrir onde Billie guardava suas coisas, despachadas na semana anterior.

Ocorreu-lhe então que nem mesmo o diabo poderia ter elaborado um documento tão incrivelmente egoísta ou demoníaco. Recusava-se a agir como um homem empenhado em uma operação secreta, mas em algum ponto do seu cérebro, assombrava-se diante do que pretendia fazer. Quando deu por si, estava no aposento diante de uma pilha de caixas. Afinal, quando Billie pegaria o contrato e leria as cláusulas? Por que diabos estava tão agitado quando o risco era tão ínfimo? O suor brotou e escorreu pelos traços finos e bronzeados. Não lhe agradava agir às escondidas; tal atitude não lhe caía bem. Mas antes da redação daquele contrato, nunca agira de modo desonesto com Billie. Andou de um lado para o outro, examinando as caixas. O documento poderia *magoá-la*, meditou, e agarrou-se sofregamente a esse detalhe para justificar o que pretendia fazer sem perda de tempo.

Gio nunca tinha retirado os conteúdos de uma caixa na vida, mas não ficou surpreso ao descobrir que cada uma delas estava etiquetada e arrumada com afincos, porque Billie era e sempre tinha sido extremamente organizada. Na terceira caixa, encontrou arquivos com documentos e, no segundo arquivo, ao achar o contrato, o rasgou em pedacinhos, mas não sem antes assombrar-se ao ver um certificado de degustação de vinhos e, debaixo dele, um outro, relativo a um curso de arte. Examinou todo o arquivo, checando as datas, e tomando conhecimento do que deveria ter sabido anos atrás.

Seus olhos ardiam, coçavam. Experimentou uma sensação de vazio, como se tivesse sido estripado. Na verdade, parecia ter sido espancado. Guardou tudo de volta em seu lugar de origem, à exceção do contrato, e deixou o aposento para se servir de uma bebida forte. Jogou o contrato na lixeira, mas estranhamente não sentiu o alívio que esperava. Ele tinha mexido onde não deveria, refletiu com ironia, e acabou sendo punido.

– Theon gostaria que você aceitasse tomar chá com ele hoje – comunicou Sofia, animada, por volta das três da tarde. – Isso é uma grande honra.

Billie sorriu.

– Eu gostei dele.

– Acho que o sentimento é recíproco – disse a irmã de Gio, com uma gargalhada, enquanto guiava Billie pela *villa* para a ala da casa ocupada por Theon.

Um empregado a conduziu à varanda espaçosa onde reinava a sombra. Theo a aguardava.

– Pelo que entendi, isso é uma honra – comentou Billie com um sorriso maroto.

– Como conseguiu escapar de Gio? – perguntou o avô em tom debochado.

– Eu fiz um comentário que o aborreceu. E, como sempre, ele foi se refugiar no trabalho – confidenciou, estranhando por sentir-se tão à vontade na companhia do homem idoso.

– Eu ouvi a conversa – admitiu Theon, o que a desconcertou.

Billie ficou ruborizada, mas sentou-se.

– Bem, está tudo em família – falou sem grande preocupação. Afinal, ela e Gio não haviam trocado insultos ou discutido algo que considerava um segredo de estado, embora soubesse que, no lugar de Gio, ficaria furiosa.

– Achei que devia informá-la sobre parte da história de nossa família, pois duvido muito que Gio tenha se encarregado disso – mencionou Theon.

– Ele me falou do divórcio dos pais – adiantou Billie. – E também sei que o pai não quis mais saber dele depois do segundo casamento.

– Dmitri era um homem fraco. Infelizmente, essa é a verdade – revelou com amargura. – Durante anos, não admiti isso nem para mim mesmo, pois ele era meu filho.

– É duro aceitar os defeitos daqueles a quem mais amamos – murmurou tentando reconfortá-lo.

– Você sente um grande amor por Gio. Parece que o amor transborda de seus olhos. Ele é um homem de sorte.

Billie ficou ruborizada e decidiu não negar o sentimento, pois seria constrangedor mentir. Serviu o chá.

– Espero que ele também ache isso. Ele é bem mais complicado do que eu.

– Por isso convidei você para tomarmos chá – disse Theon. – Tenho muito receio de ser o responsável por essa complexidade. Quando a mãe de Gio morreu ele tinha 11 anos, e eu fiquei responsável por sua criação.

– Eu não tinha ideia de que ele tivesse perdido a mãe tão cedo – falou surpresa, enquanto passava manteiga em um pãozinho de minuto e salivava de antecipação, enquanto decidia se passaria geleia de morango ou de framboesa.

– Ianthe não conseguiu superar a perda quando Dmitri pediu o divórcio para casar-se com Marianne. Eu não tinha ideia da gravidade da situação – contou Theo, angustiado. – Se minha esposa ainda estivesse viva, teria previsto os problemas e me encorajaria a oferecer ajuda para evitar a tragédia.

Billie descansou o bolinho depois de dar uma deliciosa dentada.

– A tragédia?

– Ianthe se enforcou e foi Gio quem a encontrou – contou o homem idoso. – Vou carregar o peso da culpa até o final dos meus dias.

Arregalando os olhos, Billie empalideceu.

– Eu não fazia ideia...

– Foi o que imaginei, por isso decidi contar – confessou o avô de Gio. – O efeito no menino foi catastrófico. Ele tinha perdido o pai, a casa, e, poucos meses depois, a mãe.

Billie balançou a cabeça devagar, pesarosa ao imaginar o efeito que uma perda tão grande poderia ter causado em Gio e nas irmãs, ainda tão pequenos.

– Deve ter sido terrível – sussurrou abalada, com o coração apertado de dor. – Ele deve ter se sentido responsável.

– Eu fiquei muito preocupado. Tive medo de que Gio pudesse ter herdado a personalidade excessivamente emocional de Dmitri e Ianthe. Esse tipo de intensidade emocional conduz à instabilidade.

– Nem sempre – comentou Billie com doçura.

Theon balançou a cabeça branca.

– Eu queria me certificar de que Gio não repetiria os erros do pai. Depositei muita responsabilidade sobre os ombros de uma criança. De muitas maneiras, passei valores errados a ele – explicou assumindo a culpa, estampada no rosto enrugado. – Eu esperava, *queria* que ele fizesse um bom casamento... Bem, não há como negar que seu casamento foi um sucesso em termos sociais. Eu sempre dei muita importância ao status, à riqueza, às obrigações familiares...

– Mas – interrompeu Billie com um olhar de desculpas –, no final das contas, Gio é um adulto extremamente inteligente e totalmente independente, capaz de tomar suas próprias decisões.

– *Ne...* Sim, e ele se casou com você sem contar a nenhum de nós, porque temia que eu tentasse interferir.

– É provável – concordou pensativa. – Mas ele não lida bem com os próprios sentimentos nem se dá conta disso.

– Você conhece meu neto tão bem – pronunciou Theon em tom apreciativo. – Agora que já falamos sobre as dificuldades, vamos deixar este assunto de lado. Que tal saborear nossos pãezinhos de minuto?

GIO CONVERSAVA ao telefone com Leandros. Não se mostrava disposto a responder às perguntas esquisitas do amigo.

– Eu realmente não entendo. – O melhor amigo bufou. – Você se casou ontem. Acabou de chegar à ilha de sua família. Que ideia é essa de voar até Atenas para ir a um restaurante de luxo?

– Amanhã é aniversário de Billie.

– Então vá jantar amanhã.

– Quero comemorar hoje. Você pode nos encontrar? E vou logo avisando, Leandros, se mencionar Canaletto, eu corto sua garganta.

– Claro que vou comemorar com vocês.

Billie enxugava Theo e se preparava para vestir-lhe o pijama quando Gio apareceu na porta do banheiro da suíte do bebê.

Gio pegou o filho no colo e o abraçou forte. Depois brincou de novo de aviãozinho e Theo riu até não poder mais.

– Ele está cansado – mencionou, quando Theo recostou a cabeça encaracolada no ombro do pai e bocejou.

– Ele se divertiu muito hoje e sempre fica exausto quando brinca com outras crianças. – Billie carregou o filho e o deitou no bonito bercinho, de onde retirou os móveis, enfeites e tudo mais que pudesse representar uma tentação para uma criança muito ativa.

– Esse lugar precisa ser redecorado – pronunciou Gio tenso, observando cada movimento seu e, aparentemente, deixando-a constrangida.

Billie riu.

– Não precisa. Está ótimo. Deve ter sido decorado para uma menina, mas Theo ainda não sabe a diferença.

– Foi arrumado para a filha mais nova de Sofia. O parto foi complicado, o marido dela estava viajando e Theon sugeriu que ela se mudasse para cá até o marido retornar de viagem.

– Sofia é um amor – declarou Billie em tom afetuoso.

– Nós vamos sair hoje à noite – anunciou Gio de chofre.

– Aonde vamos?

– A Atenas.

Billie piscou os olhos.

– *Atenas?* Mas acabamos de chegar!

– Amanhã estaremos de volta. Vamos jantar com Leandros e sua atual namorada.

– É para comemorar o noivado dos dois ou algo parecido?

– Não que eu saiba. Não imaginei que sair comigo exigisse tanto sacrifício – comentou frustrado.

Billie quase afirmou que naturalmente representava uma grande ameaça, pois fazia anos que ele não a levava a nenhum lugar público, a não ser à cerimônia de casamento, mas preferiu calar-se. Relutava em trazer à tona as mágoas passadas já que tinham se casado e viviam uma situação nova. Imaginou que para Gio era normal pegar um voo à noite e voltar no dia seguinte. Resolveu então ficar quieta, embora preocupada com o que vestiria.

Agradeceu em segredo ter sido esperta e decidido comprar roupas mais elegantes e caras antes do casamento. Escolheu um vestido cinza-chumbo no closet do luxuoso quarto de vestir. A empregada tinha desfeito sua mala e pendurado cuidadosamente todas as suas roupas. Enquanto tomava banho e fazia a maquiagem, refletia sobre o humor esquisito de Gio.

– O que acha? – indagou, rodopiando apreensiva diante dele ao encontrá-lo à sua espera no quarto.

Os deslumbrantes olhos escuros cintilaram de admiração.

– Você está um espetáculo – disse com entonação convincente. – Podemos ir?

Uma sensação gostosa de ser admirada e aceita brotou em Billie, embora ela ainda não conseguisse entender como ele podia ter se casado com uma mulher deslumbrante como Calisto e ainda elogiar sua infinitamente menos bonita segunda esposa a chamando de “espetáculo”.

– Vamos voltar para Letsos ainda hoje? – questionou enquanto caminhavam na direção do helicóptero.

– Vamos, a não ser que você queira passar a noite no apartamento de minha família em Atenas – sugeriu.

– Não, adoro tomar café da manhã com Theo. Quando ele acorda, ainda está quentinho e fica todo sorridente quando me vê – confessou Billie, animada.

Quando o helicóptero levantou voo, Gio chegou mais perto e enroscou os dedos em seu cabelo encaracolado. Levantou seu rosto e lhe deu um beijo apaixonado, de tirar o fôlego, o que não apenas a surpreendeu, mas a deixou muito excitada.

Desconcertada, Billie o fitou ao pararem de se beijar. No rosto fino, moreno e lindo, vislumbrou um sorriso radiante estampado. Ele segurou sua mão com firmeza. Billie foi tomada por uma sensação de deslumbramento. Havia algo de estranho, embora não conseguisse desvendar o que poderia ser.

CAPÍTULO 9

BILLIE ENTROU na galeria de arte com a mão apoiada no braço de Gio. Foram recebidos pelo sorridente dono da galeria. Serviram-lhes vinho enquanto eram convidados a um tour particular para admirarem as obras expostas. Billie esforçou-se para não demonstrar o tédio e fingiu prestar atenção às pretensiosas descrições dos quadros, que pareciam ter sido pintados por uma criancinha.

– Gostou de algum quadro? – interrogou Gio, aparentemente surpreso diante do silêncio da esposa.

– Não entendo muito de arte. Para falar a verdade, prefiro os quadros mais tradicionais – murmurou culpada. Retesou-se ao avistar a inconfundível figura de Calisto na galeria, com um minivestido vermelho que chamaria a atenção de um cego.

– Que droga! – berrou Gio, irritado.

– Eu cuido disso – anunciou Billie, para surpresa do marido. Atravessou o espaço com piso de mármore segurando a taça de vinho com determinação.

– Quem revelou que estaríamos aqui? – inquiriu à ex-mulher de Gio sem hesitação.

Os olhos azuis e frios de Calisto faiscaram.

– Tenho minhas fontes. Mas me diga uma coisa, você não se sente meio deslocada aqui nesse ambiente?

– Acho que você é quem está deslocada. Gio não vai voltar para você – declarou com firmeza.

– Está perdendo seu tempo.

– Discordo. Quando soube das cláusulas do seu acordo pré-nupcial, tive a certeza de que você seria dispensada praticamente com a mesma rapidez com que entrou na vida de Gio – falou entusiasmada, com um sorrisinho debochado. – Você assinou o acordo sem sequer ler, não foi? Ah, que mulherzinha tola. Lembre-se disso quando Gio despachar você para a Inglaterra *sem* o seu precioso filho!

Billie se recusou a manifestar qualquer reação, determinada a não dar esse gostinho a Calisto. A mulher a odiava, disso não tinha a menor dúvida. O ódio pingava do olhar malévolo e do tom sarcástico da voz, e Billie não conseguia entender o que exatamente tinha feito para despertar o desprezo tão intenso. Seria o simples fato de ter se casado com Gio? O fato de ter a guarda do filho de Gio? Ou Calisto ainda estava apaixonada por Gio e sentia-se desprezada por ele ter casado logo após o divórcio?

Gio se aproximou a passos largos e, sem sequer cumprimentar a ex-mulher, conduziu Billie para fora da galeria.

– Damon é uma das duas únicas pessoas que sabiam que vínhamos aqui e eu sempre achei que pudesse confiar minha vida a ele – disse irritado. – Eu já telefonei para ele. Vai verificar quem vazou a informação e despedir a pessoa.

– Concordo. Acho uma ótima ideia – assegurou Billie com frieza. – Quem sabe foi o advogado, aquele que você mencionou ser meio-irmão dela? Ele parece ter discutido assuntos confidenciais com a irmã.

Gio franziu o cenho, deixando evidente que não tinha ouvido a conversa entre ela e Calisto.

– Quais assuntos confidenciais?

Billie deu de ombros como se o assunto fosse trivial, relutando em tirar conclusões precipitadas sobre Gio. Não podia acreditar em nada que aquela bruxa dissesse. Primeiro procuraria o contrato de casamento, verificaria as cláusulas, e depois levaria o documento a um advogado. Não podia ser verdade. Definitivamente, não podia, pensou com medo, agoniada. Afinal, se o que Calisto tinha dito fosse verdade, isso significava que o casamento deles era uma farsa, que a única intenção de Gio era obter a guarda legal do filho. Sinceramente, *não* acreditava que ele fosse capaz de tamanha traição.

– Sua ex é uma psicopata – comentou Billie ao entrarem na limusine que os aguardava.

– Na verdade, eu mereci – suspirou estressado.

– Algum problema? – perguntou Billie antes de entrarem em um restaurante luxuoso.

– Nada importante – insistiu Gio.

Se é capaz de acreditar nisso, é capaz de acreditar em qualquer coisa, refletiu Billie, sem se deixar impressionar, embora achasse estranho o comportamento de Gio. Ele ainda segurava sua mão, agia como se estivessem fisicamente ligados ou, ridículo, como se tivesse medo de que ela saísse correndo e fugisse.

Nem pensar. Ele assinara uma sentença de morte no que lhe dizia respeito e a cumpriria, pensou alucinada de raiva, examinando o perfil bronzeado, fino, absolutamente divino, enquanto ele conversava com Leandros e ela ouvia o papo de Claire, uma modelo inglesa, namorada de Leandros, sobre bronzeamento artificial e os cosméticos que pretendia comprar. Apesar de o assunto não ser do seu interesse, ela tentou ao máximo ser simpática, ao mesmo tempo em que chegava à conclusão de que Leandros era tão superficial quanto um pires quando se tratava de escolher espécimes do sexo feminino.

Provocante, Gio deslizou o dedo pela coxa de Billie por baixo da mesa e ela se retesou, pensando não no que ele provavelmente esperava que ela estivesse pensando, mas no que Calisto mencionara. Não tem jeito, vou ter de perguntar a ele, decidiu tristonha.

Seria ele capaz de tamanha traição por meio de um documento? Ah, claro, disso não tinha dúvidas. Ele podia ser brutal. Afinal, apesar de manterem um relacionamento feliz e de ela ter avisado que não estaria mais lá quando ele voltasse, Gio tinha ido embora e se casado com outra mulher, pois *achava* ser essa a atitude correta. Como uma pedra rolando montanha abaixo, Gio não pensara duas vezes, não alimentara dúvidas ou insegurança, como personalidades mais frágeis fariam, sem se importar com a dor que pudesse infligir.

Como podia amar alguém assim?, indagou a si mesma enquanto a limusine os conduzia para o aeroporto.

– O que achou de Claire? – questionou Gio tentando quebrar o silêncio, desesperado para saber o que Calisto tinha contado. Calisto podia ser venenosa e, em se tratando de Billie, até Gio admitia que a ex-mulher tinha motivos de sobra para sentir tamanho ressentimento.

– Muito extrovertida e glamourosa. Ela é agradável – declarou.

– Ela é um bocado superficial. Deve ser boa de cama – falou Gio, irônico.

– Por quê? Foi isso o que pensou quando me conheceu? Vamos ser honestos, eu também não era capaz de uma conversa profunda e intelectual.

– Não estamos falando de você. – Gio apertou-lhe a mão. – Você nunca foi vaidosa ou frívola.

– A carreira de Claire depende de sua aparência, então não acho justo chamá-la de vaidosa ou frívola. – No fundo, Billie pensava por que discutia com ele sobre um assunto para o qual não dava a mínima. De repente, deu-se conta de que o medo afetava seus nervos, acabando com a confiança e a segurança que começara a desenvolver em relação a ele.

Qual atitude planejava tomar, caso o homem amado fosse seu pior inimigo e não seu marido? Como lidaria com Gio se ele tentasse tirar Theo dela? Contrataria um atirador? Iria assassiná-lo na cama? A mente girava povoada de ideias loucas e a tensão aumentou ao entrar no helicóptero e sentar-se em silêncio ao lado dele até completarem o voo e aterrissarem em Letsos.

– Gostaria que me contasse o que aconteceu – sussurrou Gio, enquanto ela soltava seu braço e entrava por um atalho que conduzia à *villa*. – Conversaremos lá dentro, onde ninguém possa ouvir – disse em um tom frio que lhe era totalmente estranho.

A tensão gritava de cada linha da figura alta e imponente. Gio subiu as escadas seguindo seus passos apressados. Não era nada reconfortante percorrer toda a lista de pecados e omissões em relação a Billie, pois era tão extensa que ele não saberia por onde começar. Observou a mulher deter-se na sala de estar da suíte e tirar os saltos altos.

Billie cravou os olhos furiosos em Gio.

– Calisto revelou que o acordo pré-nupcial que assinei incluía um negócio sobre você manter Theo aqui na Grécia se nos separássemos.

Furioso por um assunto tão confidencial ter vazado de uma fonte supostamente confiável, Gio empalideceu e, por um instante, não conseguiu pensar em nada que pudesse usar em sua defesa.

Billie traduziu essa expressão defensiva.

– Então é verdade. Esse casamento não passou de um jogo cruel, de uma mentira.

– O acordo pré-nupcial não existe mais. Eu rasguei sua cópia e a minha e instruí meu representante legal a destruir todas as evidências. Acabou, pertence ao passado. Nunca deveria ter pensado em tal coisa.

– Como você rasgou a *minha* cópia?

– Procurei nas suas caixas – admitiu, um leve rubor acentuando as maçãs do rosto enquanto um olhar incrédulo brotava no rosto de Billie. – Eu me dei conta do erro e decidi destruir o documento. Não queria que você descobrisse mais tarde o que tentei fazer.

– Bem, não precisa mais se preocupar com isso. Acabei descobrindo antes do que você supunha – declarou, sem saber o que pensar da aparente destruição do documento e da evidente mudança de comportamento de Gio. Ao menos, ele reconhecia seu erro, pensou tentando ver o lado positivo.

Gio a analisou, a atenção concentrada em suas mudanças de expressão.

– Eu não queria perder você.

– Você não queria perder Theo – corrigiu Billie. – Gostaria que fosse sincero comigo desde o início. Não sou uma pessoa injusta, Gio, e assim que você reapareceu, eu me dispus a *compartilhar* Theo com você.

– Foi uma artimanha suja incluir aquela cláusula no acordo pré-nupcial – reconheceu Gio com uma humildade que a surpreendeu.

– Mas bem típica da sua parte – respondeu Billie. – Uma artimanha esperta, diabólica, fria.

– Eu nunca consigo agir com frieza quando você está envolvida. Pedi que redigissem um acordo pré-nupcial com aquela cláusula porque... – Gio hesitou, o rosto fino e forte rígido – não foi porque queria tirar Theo de você, mas porque...

– *Porque o quê?* – interrogou Billie, frustrada.

– *Porque* eu sabia que você nunca deixaria Theo. Assim, se eu tivesse o direito de mantê-lo comigo, você não me deixaria! – exclamou aos berros.

Assustada, ela recuou e o fitou incrédula.

– Mas eu nunca tive a menor intenção de deixar você.

– Você já me abandonou antes! – gritou irritado.

Billie o fitou, tentando desesperadamente esconder sua fascinação e espanto.

– Mas não acha que eu tinha motivos para deixar você há dois anos? Você ia se casar com outra – argumentou com doçura.

A expressão do rosto de traços bonitos e finos congelou, como se ela o tivesse esbofeteado. Ele soltou o ar num zumbido.

– Casar com Calisto foi o pior erro da minha vida, mas na época eu achava, acreditava de verdade, que estava tomando a decisão certa.

Billie pensou no que Theon havia lhe contado sobre o modo como criara Gio, sobre os valores que lhe incutira, e suprimiu um suspiro.

– Mas a decisão acabou não sendo a melhor para você.

– Eu me arrependo tanto de ter magoado você – confessou Gio em voz baixa e rouca, com os olhos escuros repletos de um arrependimento devastador. – Se eu pudesse fazer o tempo voltar, não teria agido daquele jeito, mas infelizmente não posso. Se isso lhe servir de consolo, eu também fiquei muito triste. Passei dois anos infelizes porque você não fazia mais parte da minha vida, então eu definitivamente paguei pelo meu erro. O dia mais feliz da minha vida, desde que perdi você, foi quando descobri onde estava morando.

Com base em sua experiência com Gio, Billie nunca imaginara ouvir tal confissão. A princípio, o choque ao ouvir suas palavras a deixou atordoada, muda, mas em seguida sua natureza acolhedora e afetiva preponderou e ela atravessou o aposento correndo e o abraçou em uma atitude confortadora.

– Puxa, Gio, às vezes você se comporta como um perfeito idiota – balbuciou abertamente, sem qualquer proteção.

– Eu nunca acreditei que você pudesse me abandonar. Quando encontrei o apartamento vazio... Bem, foi um momento muito difícil e fiz o impossível para reprimir minhas emoções, mas deu tudo errado na minha vida depois que você se foi – confessou enraivecido. – Calisto também fez um mau negócio ao se casar comigo. Eu não a desejava; eu desejava você, e quando você desapareceu, eu não conseguia pensar em outra coisa.

Atônita, Billie compreendeu o motivo de a ex-mulher dele a odiar tanto.

– Ela amava você? Ela deve ter sentido ciúmes, ficado magoada.

– Não, o amor não fazia parte de nosso acordo, nem ciúmes. Se fizesse, ela nunca teria aceitado que eu mantivesse você na minha vida.

– Você *falou* de mim para ela? E ela permitiu que você continuasse a me ver? – inquiriu surpresa, embora se lembrasse de ele já ter comentado sobre o acordo entre ele e a ex-mulher.

– Preferi ser sincero com ela desde o início. Cal estava interessada em minha posição social. A família dela é rica, mas não tem status. Ela queria ser esposa de Gio Letsos, pois isso representaria uma ascensão aos olhos do resto do mundo. Infelizmente, eu não podia viver com ela – admitiu com um muxoxo. – Ela não se dava bem com minha família, além do mais, mente a respeito das coisas mais triviais. Depois de ter prometido constituir família comigo, confessou que nunca quis ter filhos. Em resumo, ambos estávamos insatisfeitos com o casamento e ela concordou em assinar o divórcio.

– Mas então por que ela se comporta desse jeito, por que me provoca e tenta arruinar nosso casamento?

– A única explicação possível é que eu feri o ego dela por não a desejar tanto quanto desejava você. É evidente que me casar com você logo depois do divórcio a deixou ofendida, mas não teremos mais problemas nesse setor – garantiu convicto. – Aquele advogado será dispensado da minha equipe e Leandros, assim como eu, não se dá bem com Cal, então ponto final no vazamento de informações no que diz respeito às nossas vidas.

Disposta a arquivar o assunto Calisto e seu breve casamento, Billie pensava no que Gio dissera sobre o acordo pré-nupcial que a fez assinar. – Por que tinha medo que eu o deixasse outra vez? – perguntou em um murmúrio.

– Meu pai me abandonou, minha mãe me abandonou e você acabou se tornando mais importante para mim que eles – confessou determinado, embora com óbvia dificuldade. – Depois que encontrei minha mãe morta, tomei a decisão de reprimir minhas emoções, pois era a única maneira de lidar com o desastre que a morte dela acarretou na minha vida e na das minhas irmãs. Preferi manter tudo sob controle. Eu me sentia ameaçado sempre que uma emoção tentava vir à tona. Achava *irritante* o que sentia por você.

Billie ficou tão perplexa com o discurso que só conseguiu pronunciar:

– Ai, meu Deus.

– Eu não imaginei que você me dispensaria quando finalmente a localizei.

– Foi só por causa de Theo. Achei que você ficaria com raiva. Além do mais, você já tinha me magoado e eu não queria me expor a novo sofrimento – contou com toda sinceridade.

– Fiz tudo errado, mas eu faria qualquer coisa para tê-la de volta – confidenciou. – Não devia ter usado o passado de Dee como uma arma para atingir você.

– Não, não deveria mesmo. – Billie não cedeu nesse ponto. – Você me chantageou para que eu me mudasse para o hotel.

– Queria você comigo.

– E então me abandonou no hotel – lembrou-lhe com teimosia.

– Meus sentimentos por você estavam me tirando do sério – mencionou num suspiro. – Não conseguia me controlar e tive medo de que isso a assustasse.

– Eu não fazia ideia de seus sentimentos. Afinal, até hoje você nunca tinha se aberto comigo – murmurou magoada.

Gio pegou no bolso uma caixa da qual retirou um solitário ofuscante.

– Já se passaram cinco minutos da meia-noite e hoje é seu 23º aniversário, *pethi mou*. Parabéns. – Ele ergueu sua mão e colocou o lindo anel no dedo anelar de sua mão direita. – Este anel era da minha avó e agora é seu. Meus avós tiveram um casamento feliz, longo e harmonioso. Os dois viveram uma história de amor linda que acho que vale a pena reproduzir.

Billie admirou o lindo anel com lágrimas de felicidade brilhando, porque aquele presente, pertencente à família, significava muito mais do que qualquer anel que ele tivesse comprado, por mais valioso que fosse.

– Eu deveria ter colocado esta aliança em seu dedo dois anos atrás, mas não entendia meu coração na época – confessou envergonhado. – Nunca parei para analisar o que realmente você significava na minha vida e quando isso aconteceu já era tarde demais; você tinha ido embora. Mesmo depois que voltei a encontrá-la e nos casamos, *demorei* a entender que meu sentimento por você só podia ser amor.

– *Amor!* – vociferou Billie, surpresa com a declaração que acompanhava a entrega da aliança de casamento.

– Eu amo você – declarou Gio com ternura, afinal disposto a declarar seu amor. – Na certa, sempre a amei, mas era um amor muito egoísta, então não conseguia entender isso, tampouco você.

Billie ficou deslumbrada.

– Gio... você acabou de admitir ser egoísta.

Gio franziu o cenho.

– Não pude evitar tal dedução depois de encontrar os certificados de conclusão de todos os cursos que frequentou enquanto estávamos juntos dois anos atrás. Eu não tinha conhecimento de nenhum deles. Gostaria que tivesse me contado.

Billie ficou rubra.

– Eu tinha vergonha. Você era formado, enquanto eu estudava para obter qualificações básicas. Minha nossa, foi por isso que me levou àquela galeria de arte hoje?

– Achei que ia gostar – admitiu Gio.

– Eu só fiz o curso por causa daquela história do Canaletto – murmurou encabulada. – Mas, para ser sincera, foi meio pretensioso.

– Eu tampouco sou apaixonado por arte. Não mudaria nada em você. Tenho orgulho de você e fico feliz em sairmos juntos. Tenho *verdadeiro* orgulho de ter você como esposa – confessou com um sorriso lindo e radiante enquanto a pegava no colo e a levava para a cama.

– Sério? – insistiu Billie.

– *Sério* – confirmou. – Só lamento não ter compreendido a força do meu sentimento antes, pois isso nos teria poupado muita tristeza. Eu nunca teria permitido que fosse embora.

– Eu ainda amo você – pronunciou-se Billie com um sorriso que lhe iluminou o rosto.

– Não entendo como – falou sério.

– Talvez porque eu veja uma faceta sua que os outros não veem. Não sei. Só sei que amo você – afirmou Billie, sem se envergonhar, pela primeira vez em anos, de seus sentimentos, pois sabia que era correspondida. Uma sensação inebriante de felicidade se espalhou afastando todos os temores.

– Aposto que eu amo você mais do que você me ama – assegurou Gio com voz rouca, os olhos escuros cheios de ternura ao beijá-la com uma voracidade ao mesmo tempo doce e devoradora.

– Você sabe como sou competitivo.

– Dessa vez eu não me importo que vença – brincou Billie, sentindo-se gloriosamente livre para expressar seus sentimentos, enquanto agarrava a gola da camisa e o puxava.

BILLIE CONTEMPLOU Theo correr nas ondas com Jade e Davis enquanto Gio ficava de olho nas crianças.

– Sabe – disse Dee deitada ao lado de Billie, na espreguiçadeira no deque da casa de praia –, Gio é totalmente diferente do que eu imaginava. Para começo de conversa, ele adora crianças.

– Nesse ponto, ele também me surpreendeu – confessou preguiçosamente, concentrando a atenção na filha de seis meses que dormia à sombra no bebê conforto. – Ele adora Ianthe.

– Quando o nome de alguém da sua família vai aparecer na árvore genealógica? – indagou Dee.

– Está brincando comigo? – Billie caiu na gargalhada. – Com um avô chamado Wilfred, e uma avó Ethel, acho que os nomes da família de Gio são bem mais promissores. Sobre o que estávamos conversando mesmo? Ah, certo, sobre Gio e as crianças. Fiquei surpresa ao descobrir o quanto ele aprecia ter uma família.

– Billie, se você quisesse uma girafa na família, ele tentaria satisfazer sua vontade – mencionou a prima revirando os olhos. – O homem está enfeitiçado. É evidente. Basta ver o jeito como olha para você.

– Quem sabe, em breve, não é a sua vez? – comentou Billie baixinho, pois Dee tinha começado a sair com um cara da sua cidade. Ainda era prematuro, mas ela esperava que Dee tivesse coragem de começar outro relacionamento, pois a prima estava havia muito tempo sozinha.

Dois anos se passaram desde que Billie se casara com Gio. Dee, que vinha cuidando com êxito da loja de roupas vintage, fizera a proposta de comprar o negócio. Muita coisa havia mudado na vida de Billie durante esse período, mas Gio também mudara e passara a demonstrar as emoções. Ele nunca seria o melhor amigo de Dee, mas sentia-se à vontade com ela e aceitara o papel que ela ocupava na vida de Billie sem estresse nem comentários desagradáveis. Billie suspeitava que os filhos tinham ajudado Gio a se tornar mais relaxado e flexível.

Theo, de 3 anos, era alto, assim como todos os homens da família Letsos, e tinha o cabelo preto de Gio combinado com os cachos em parafuso da mãe, característica de que se queixaria sem dúvida amargamente quando chegasse à adolescência, pensou Billie com carinho. Ianthe também era uma combinação dos genes dos pais, pois os olhos tinham ficado verdes como os da mãe e era mais clara que o irmão, mas tinha o cabelo liso escorrido, sem uma sombra sequer de ondulação.

Billie foi até a casa de praia pegar uma bebida gelada e relanceou os olhos pelo local com um sorriso malicioso, pois sabia que ela e Gio passariam a noite ali. Dee e os filhos voltariam para casa à tarde e Irene, a babá de inteira confiança, pegaria Theo e Ianthe e os levaria para a *villa*.

Desde que se casara com Gio, havia dois anos, Billie aprendera a usufruir ao máximo os momentos a sós com o marido. Gio viajava menos e passavam a maior parte do tempo na ilha. Billie se dava às mil maravilhas com a família de Gio, especialmente com as irmãs, e nunca lhe faltava companhia. Às vezes tinha vontade de se beliscar, pois nem em sonhos imaginara tamanha felicidade.

Sobressaltou-se ao sentir os braços por trás.

- *Gio?*
- Quem mais poderia ser? – sussurrou em tom provocante sobre sua cabeça.
- Você me assustou – murmurou ela, virando-se para fitá-lo. – As crianças estão com quem?
- Dee assumiu o posto.

Os olhos de Billie colidiram com os olhos escuros no rosto moreno e fino. Ela passou os braços em volta de seu pescoço, o coração palpitando forte.

- Você ainda é capaz de sacudir meu mundo, sr. Letsos – confidenciou sem fôlego.

Gio abriu um sorriso erótico e malicioso.

- Espere só até hoje à noite, *agapi mou*.

Ele agora a chamava de “meu amor”, refletiu Billie sentindo-se abençoada, pois aprendera a falar grego. O corpo curvilíneo encaixou-se no dele, em uma intensa apreciação da força e proteção que experimentava ao seu lado.

- Eu amo você, Gio.

– E eu sou completamente apaixonado por você – entoou com voz rouca, inclinando a cabeça para roubar-lhe um beijo. E beijaram-se até serem forçados a interromper o beijo para respirar.

SOLTEIRO EM RISCO

Rebecca Winters

Tradução

Rosa Peralta

CAPÍTULO 1

– GISELLE?

– Sim, monsieur Armentier? Como posso ajudar?

Jean-Jacques tinha acabado de assumir o cargo de CEO da Giraud Cosmetics Corporation e, desde então, sua secretária particular havia demonstrado a maior consideração e cerimônia no trato com ele. Mas esse negócio de chamá-lo de *monsieur*, embora fosse uma atitude bem-intencionada, era terrivelmente irritante.

– Você não poderia me chamar apenas de Jean-Jacques, como costumava fazer?

– Você tem certeza? – perguntou ela se mostrando escandalizada, porém ele sabia que era só fingimento.

– Tenho certeza.

O riso dela soou alto e claro pelo alto-falante.

– Estou muito feliz de ver que você continua o mesmo.

– Ora, afinal, eu ainda sou um mero químico e filho de um plantador de flores.

– Você é muito mais do que isso agora!

– Nem me lembre. Já me contaram que você é a pessoa que normalmente circula pelo complexo no último dia distribuindo o bônus de Natal.

– É isso mesmo. Você prefere que outra pessoa faça isso?

– Talvez desta vez você poderia me permitir esse privilégio? Eu preciso de uma desculpa para conhecer todos pessoalmente antes que partam para suas casas para o feriado. Se eu ficar encarregado de distribuir o dinheiro, talvez eles voltem após o Ano-Novo.

A risada de Giselle se transformou em uma farta gargalhada.

– Os cheques estão no cofre, todos prontos aguardando a sua assinatura.

– Maravilha! Eu estive pensando que poderia ser legal eles receberem o bônus hoje em vez de quarta-feira.

– Você deve ter lido minha mente – brincou ela. Então assumiu um tom mais sério: – Se quer saber a verdade, todo mundo está feliz por você ter sido colocado no comando.

Jean-Jacques pigarreou.

– É bom ouvir isso, mas eu ainda não tenho certeza de que isso não é um sonho. Fico esperando que a qualquer momento eu vou acordar deitado sobre um campo de lavanda apenas esperando para ser colhido.

– Agora você tem de se preocupar com toda a empresa, em vez de apenas uma fazenda de flor. Volto logo com os cheques.

Ao final do dia, ele tinha entregado envelopes para todos no prédio, exceto para Vivige Honfleur, uma mulher que ele ainda não conhecia. Ela dirigia a creche, que foi uma inovação recente. Cinco anos atrás, antes de Jean-Jacques deixar Saint Paul de Vence para obter seu diploma e trabalhar para a perfumaria Giraud em Paris, a creche não existia. Até onde ele sabia, era uma aquisição fantástica e muito necessária para melhorar o local de trabalho.

Ele esperava que os pais já tivessem ido buscar as crianças na creche para que ele pudesse falar com madame Honfleur sem distrações. Ele saiu pela porta da frente e caminhou em direção às instalações modernas da creche que ficava ao lado do estacionamento, lembrando quão satisfeitos os trabalhadores haviam ficado por receber seu bônus de Natal antecipadamente. Muitos funcionários pararam para conversar com ele relembrando os velhos tempos – e ele estava feliz por ter reconhecido tantos deles.

Várias mães com quem ele conversou no decorrer do dia estavam saindo com seus filhos. Ele falou com elas por um minuto antes de entrar na creche.

Ele ouviu vozes vindo de uma das salas que estava equipada com mesas, cadeiras e brinquedos. Jean-Jacques atravessou pela porta e viu uma criança de cabelo cacheado falando com sua professora enquanto ela o ajudava a vestir o casaco.

Um homem passou por ele para pegar seu filho, mas a atenção de Jean-Jacques foi subitamente atraída pela mulher deslumbrante que se levantou para cumprimentar o pai do menino. Ela alisava a saia que segundos antes encobria as maravilhosas e bem torneadas pernas às quais a criança estava agarrada quando o pai chegou.

Mon Dieu. Era Nicole.

Assim como as flores, Nicole Giraud, herdeira da fortuna dos perfumes Giraud, sempre foi parte integrante do mundo de Jean-Jacques. Desde a época da juventude, a natureza doce dela, e não apenas sua beleza, tinha trilhado um caminho até penetrar a corrente sanguínea dele. Nicole e Provence, inseparavelmente ligados.

Se ele não soubesse que ela estava a ponto de se casar e se mudar para a Inglaterra, nunca teria cogitado retornar para Vence como CEO. Fazia cinco anos desde que a vira pela última vez. No entanto, ao olhar para ela agora, parecia que tinha sido ontem.

NICOLE DISSE adeus ao pequeno Luc, em seguida, virou-se para o outro pai que estava esperando.

– Posso ajudar...

Ela não terminou o que ia dizer porque não era outro pai que tinha entrado na sala. Ele parecia mais alto e mais magro do que ela se lembrava. Embora ela tenha tentado conter, um leve suspiro escapou de sua garganta.

– *Jean-Jacques...*

Ela sabia que esse instante chegaria mais cedo ou mais tarde, mas ainda não estava preparada. Os olhos negros dele que costumavam penetrar sua alma antes de beijá-la até fazê-la esquecer de tudo tinham adquirido uma expressão melancólica. Enquanto aqueles olhos vagavam sobre o corpo dela, Nicole não conseguia captar nenhum vestígio de calor naquele olhar que a examinava. Não havia nem mesmo um sinal da natureza suave e alegre que costumava fazer os ossos dela derreterem.

– Faz muito tempo, *cherie* – finalmente respondeu ele com uma calma invejável e certo distanciamento emocional que fez o coração dela tombar no chão como uma pedra.

Os anos que se passaram desde que ele a deixou para viver em Paris imprimiram algumas mudanças. A pele morena de Jean-Jacques não era mais tão bronzeada como antes, o que era natural, já que durante esse período ele não trabalhou nos campos. Ele tinha se tornado um homem com a indiferença de um homem.

Fisicamente, estava mais atraente do que nunca. Ainda usava o cabelo escuro um pouco mais comprido do que estava atualmente na moda, tentando seus dedos a acariciá-lo. Mas havia novas linhas de expressão ao redor do nariz e da boca, dando-lhe um aspecto mais rígido. Sua postura distante desafiou-a a romper o verniz para encontrar o homem que roubou seu coração anos atrás.

Ao se ver tão perto dele novamente, ela percebeu que nada havia mudado para ela. Talvez tivesse ficado ainda mais apaixonada.

– Você não mudou nada, Nicole. Ainda é a bela garota que costumava aparecer na propriedade de meu pai para me dar um pouco de emoção quando não tinha outra coisa mais importante para fazer com seu tempo.

Nicole jogou a cabeça para trás, tirando o volumoso cabelo castanho dos ombros. Até ele admitir isso, ela nunca soube que ele tinha um problema com a diferença de origens entre eles. Como era estranho pensar que ele considerava haver uma barreira de classe entre eles. Naquela época, ela estava tão mergulhada em seus sentimentos por ele que nem mesmo lembrava suas diferenças.

– Não sei se você se lembra, mas durante anos a propriedade de seu pai era o primeiro lugar para onde eu ia todos os dias depois da escola, porque eu sabia que você estaria lá. Era o único lugar em que eu queria estar – confessou ela em voz baixa.

Jean-Jacques deu de ombros daquela forma tão típica dele, elegante e ao mesmo tempo desleixada, e então se endireitou. Em um momento seu rosto assumiu um aspecto cinzelado.

– Isso foi há muito tempo.

– Há muito tempo mesmo. – Era impossível para ela conter o tremor em sua voz.

– Devo admitir que a creche era o último lugar em que eu esperava encontrá-la.

Ela respirou fundo.

– A creche foi construída no ano que você deixou Vence. Desde então, todo mês de dezembro eu trabalho com as crianças na montagem da cena da manjedoura para o evento da véspera de Natal.

A notícia o surpreendeu. Ele transferiu o peso para a outra perna.

– Isso não é um projeto bastante ambicioso para você que está planejando se casar em breve?

Os olhos castanhos e cintilantes de Nicole procuraram os seus com uma franqueza que fez seu coração dar outro salto perigoso.

– Você quer dizer casar com Colin?

Jean-Jacques passou a mão na parte de trás de seu pescoço.

– Se você está se referindo ao inglês com quem eu vi você nos jornais, então suponho que sim.

A notícia dizia algo sobre um casamento iminente nas férias. Eu realmente não prestei atenção no resto.

Ela emanava tranquilidade.

– Não, nós não vamos nos casar.

Jean-Jacques congelou. Ele não podia ter ouvido certo. Se Nicole não iria se casar, o que isso poderia significar para eles...?

CAPÍTULO 2

— VOCÊ NÃO vai se casar no Natal? – Jean-Jacques precisava ter absolutamente certeza do que Nicole quis dizer.

Ela parou de arrumar as cadeiras.

– Quero confessar, eu nunca estive planejando me casar. É verdade que eu estive em Londres recentemente para representar a minha mãe em uma festa de família. Algum fotógrafo me pegou no gramado conversando com Colin, mas ele vai se casar com sua noiva em poucos dias.

Aquelas palavras viraram o mundo de Jean-Jacques do avesso. Ela não estava noiva; não iria haver casamento; ela não estava de partida para a Inglaterra

– *Mon Dieu.*

Ele tinha imaginado muitas coisas desde que tinha visto a fotografia no jornal. Todas arrasadoras.

Ele lutou para abafar um gemido.

– Erro meu. Eu estava prestes a lhe dar os parabéns.

Um sorriso travesso irrompeu no rosto dela.

– Parece que você se juntou ao grande grupo de pessoas enganadas pelos *paparazzi*.

Quando olhava daquele jeito, ela não tinha ideia do que provocava nos machos da espécie. Era algo que ela fazia tão naturalmente quanto respirar. Ele a conhecia desde que ela era uma garotinha de cachos saltitantes. Já naquela época, o charme dela penetrara na sua pele e sempre tivera pleno domínio sobre seu coração.

Agora que ela se tornara uma mulher de tirar o fôlego, era de se esperar que todo jornalista na Europa quisesse tirar fotografias dela. Herdeira da fortuna dos perfumes Giraud, ele imaginava que ela estaria sempre sendo perseguida pela imprensa.

– Culpado e condenado – respondeu ele no mesmo tom provocante para disfarçar seu espanto.

Ela aproximou-se dele, olhando intensamente para o seu rosto.

– Eu sempre pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer com qualquer pessoa, menos com Jean-Jacques Armentier. Não quando você costumava rir de mim por causa das afirmações ridículas nos tabloides me ligando àquele príncipe ou magnata. Lembra?

Ah, sim, eu me lembro. Como eu queria não lembrar. Pelo amor de Deus, Nicole, não olhe para mim desse jeito.

Era do mesmo jeito que ela costumava olhar para ele sempre que ele tentava bancar o difícil. Ele fazia isso de propósito, para ver sua reação. Os olhos dela brilhavam de dor e ela ficava sem fôlego. Toda vez que ela reagia dessa forma, era uma prova de que ela o desejava tanto quanto ele.

Algo obscuro em sua natureza sempre precisava daquela prova. Afinal, ele não podia acreditar que Nicole Giraud, morena exuberante com a qual homens de toda a Europa sonhavam, a filha de uma família que valia bilhões, preferia estar com *Jean-Jacques Armentier*, um filho da terra que era muito bom para entretê-la, mas nunca poderia ser igual a ela.

Não importava quantas vezes ele a testasse, ela sempre vinha atrás dele, destemida. Na frente de seus pares, o desejo inabalável que ela demonstrava ter por ele alimentava seu ego inflado. Mas, na solidão da noite, com o gosto dos lábios dela ainda na dele, ele sentia seu coração disparar. E então amanhecia, e a luz do dia trazia de volta a dura realidade, dismantando todos os seus sonhos.

Quanto ciúme ele havia cultivado durante todos aqueles anos. Até o instante em que ele partiu para Paris com uma oferta de trabalho irrecusável. Contudo, isso acontecera muito tempo atrás.

Sua mandíbula enrijeceu. A conversa tinha de acabar logo para pôr fim àquela tortura.

– Se você não vai se casar, o que o alvo favorito dos *paparazzi* tem feito além de montar peças de Natal?

Diga-me o que eu preciso ouvir. Diga-me que você está planejando fazer um cruzeiro ao redor do mundo com o seu amante. Qualquer coisa que coloque milhares de milhas entre nós.

NICOLE ESTAVA sofrendo tanto com a indiferença dele que não sabia se conseguiria responder. Ele indagou aquilo somente por uma questão de cortesia, nada mais, o que demonstrava o quanto ele a havia riscado de sua mente.

– Brigitte nunca mencionou isso?

– Receio que minha irmã e eu não detenhamos o dom de escrever cartas. – Foi a resposta desoladora.

O coração dela desabou novamente. Não só Jean-Jacques tinha sido capaz de sumir na calada da noite cinco anos antes e abandonar tudo e todos que ele conhecia sem olhar para trás, como ele não tiver a mínima curiosidade de perguntar sobre ela para sua irmã mais velha, que era uma amiga próxima de Nicole.

Ele não tinha ficado nem um pouco preocupado em saber como ela sobreviveu àquele período sombrio de vazio e luto sem fim.

“Devastação” não chega nem perto de descrever o que Nicole sentia naquela época. Um dia, ele estava trabalhando na fábrica de seu pai, onde a lavanda colhida era processada. No dia seguinte, Jean-Jacques tinha ido embora. Obviamente orgulhoso, Monsieur Armentier contou a Nicole que seu filho tinha partido para Paris para estudar química.

Ele nunca escreveu para ela. Nunca telefonou. Não houve nenhuma explicação. *Meu Deus*. A dor tinha sido tão insuportável que ela ainda não havia se recuperado e temia que nunca fosse se

recuperar.

– Eu tenho feito o que eu sempre tive a intenção de fazer com minha vida quando eu crescesse.

A resposta dela conseguiu apagar a expressão de deboche do rosto dele. Ele então assumiu uma máscara sóbria, que realinou seus traços atraentes.

– Você é uma *professora*?

O fato de que ele se lembrava de algo dito havia tanto tempo deveria ter trazido um pouco de consolo. Todavia, sua flagrante incredulidade não permitiu que Nicole sentisse qualquer prazer nesse momento.

Ela lutou para não deixar que ele percebesse o quanto ela estava devastada. E, adotando o tom mais tranquilo possível, ela declarou:

– Já faz quatro anos que eu venho ensinando crianças do jardim de infância.

– Onde? – questionou ele.

– Na Escola Charles Martel.

Ele lançou-lhe um olhar impaciente.

– Quando eu perguntei “onde”, eu quis saber “em que cidade”.

– Aqui em Vence, é claro. Fiquei feliz ao ser chamada para ensinar nessa escola porque fica apenas a poucos minutos do escritório. Meu irmão e eu pudemos desfrutar de muitas refeições juntos antes de ele se mudar para Nova York.

Ela podia jurar que viu o rosto dele perder a cor de repente.

– Mas isso é impossível...

– Por quê? – explodiu ela com raiva. – Será que é tão impensável que alguém da família Giraud possa estar ensinando na mesma escola em que um Armentier estudou?

– Não me entenda mal, Nicole – grunhiu ele. – Para ser franco, eu não imaginava que você...

– Sequer trabalhasse em alguma coisa? – Ela o cortou. – Você não imaginava que eu tivesse um emprego como uma pessoa comum? Para alguém que sempre pareceu tão pé no chão, você mostra ter problemas sérios com pessoas com dinheiro. Não sei como não havia percebido isso antes...

Ele apertou os lábios até formar uma linha branca de raiva, mas ela não se importou. Estava apenas se aquecendo.

– Eu não tenho certeza de que você vai ser capaz de lidar com o que eu vou lhe revelar, Jean-Jacques, entretanto vou falar assim mesmo. Todos esses bilhões pelos quais você é responsável agora nunca tiveram nada a ver comigo. Eu não ganhei mais que um centavo! O único dinheiro que eu gasto é o que eu ganho com o meu salário.

Foi fascinante ver como os olhos negros dele se transformaram em pequenos e furiosos pontos de luz.

– Mesmo que seja impossível para você acreditar, o dinheiro não faz meu mundo girar.

A voz dela reverberou na sala. A forma como Jean-Jacques a olhava a fez perceber o quanto ela parecia estar fora de controle.

– As crianças aqui da creche – retomou ela em um tom mais calmo – vão apresentar a peça de Natal na casa de campo. Minha mãe está preparando um leve jantar para todos da equipe. Ela enviou um convite para seu escritório, mas, caso você ainda não o tenha visto, eu estou convidando você pessoalmente.

Um longo silêncio se seguiu, antes que ele disse:

- Giselle já me informou sobre o evento. Por favor, agradeça a sua mãe por mim.
- Eu vou – sussurrou ela. – Isso significa que você vai?

CAPÍTULO 3

SERÁ QUE ele iria à festa de Natal na casa de sua mãe?

Jean-Jacques percebeu que tudo era como antes: Nicole parada ali, com aqueles olhos castanhos aveludados, rogando-lhe uma resposta.

– Eu já pedi a Giselle que aceitasse o convite de sua mãe. Agora, se você me der licença, tenho de procurar o endereço de madame Honfleur para entregar-lhe seu bônus.

Ansioso para colocar distância entre ele e Nicole, Jean-Jacques tirou do bolso as chaves do carro.

– Ela mora no andar de cima da loja do seu marido – revelou Nicole antes de ele chegar à porta. – É uma tabacaria no início da Rua Madelaine, fronteira com a Place de Seurat. Você sabe, onde você e eu costumávamos comprar chocolates a caminho da p-p-praia. – Ela gaguejou na última palavra.

Jean-Jacques desejou que ela não tivesse mencionado aqueles deliciosos marshmallows cobertos de chocolate. Eles sempre levavam um saco deles para um trecho isolado de areia e água para ficar observando os iates a distância. Mas ele na verdade nunca via muita coisa além daquele sorriso convidativo e sedutor dela. Não havia nada mais doce do que os lábios dela cobertos de laranja, hortelã e framboesa.

Mesmo agora aqueles lábios eram uma tentação com a qual ele preferiria não ter de conviver.

Auguste Giraud percebeu o que estava acontecendo entre sua filha e o menino que era completamente inadequado para ela. Durante anos, ele assistiu e esperou o momento exato para ofertar o suborno que tinha colocado Jean-Jacques para fora da vida de sua filha.

Mas o sr. Giraud mal sabia que Jean-Jacques já tinha planos de deixar Midi, a região do Sul da França em que Vence está localizada. Aos 25 anos, ele era um homem, com desejos ardentes de um homem, incapaz de suportar a tortura da presença dela quando ele não podia fazer nada a respeito. Mas ele não estava certo de que, em algum instante, ele não iria quebrar seu próprio juramento e voltar correndo para ela. Afinal, Lyon não era tão longe assim de Vence.

O suborno para que ele fosse para bem longe, no caso, para Paris, foi oferecido quando ele estava na sua fase mais vulnerável. Muitas milhas entre eles garantiram que ele não tivesse uma recaída e voltasse para Vence cada fim de semana.

Até ele descobrir que Nicole não estava se casando, Jean-Jacques realmente acreditava estar a salvo em sua terra natal. Agora, tudo o que ele tinha orquestrado com tanto cuidado explodiu na

cara dele.

Assim que ele entregasse o bônus a madame Honfleur, ele voltaria para seu apartamento e telefonaria para Dominic Giraud em Nova York. O irmão mais velho de Nicole era quem tinha escolhido Jean-Jacques para ser CEO. Seria para Dominic que ele apresentaria a sua demissão. Se tudo corresse bem, eles encontrariam um substituto para assumir o cargo já no primeiro dia do ano.

– Obrigado pela informação. *A bientôt*, até breve, Nicole. – Ele saiu, determinado a se manter o mais longe possível dela. Se ele fizesse tudo certo, não havia nenhuma razão para vê-la novamente. Ele ignorou a sensação horrível que aquele pensamento de não vê-la nunca mais lhe causava.

MUITO TEMPO depois de Jean-Jacques sair da sala, Nicole continuou de pé tremendo. Alguma coisa estava errada. Se seus instintos estavam corretos, e tinha todas as razões para acreditar que estavam, ele tinha medo de ficar sozinho com ela. Por quê? Não fazia sentido, não depois da história que tinham compartilhado.

Por Deus, eles se conheciam desde a infância! Até onde ela podia se lembrar, Jean-Jacques tinha sido parte do mosaico que compõe seu mundo. No início, era um dos meninos mais velhos que caçava dela e, por vezes, brincava com ela enquanto seu pai visitava os campos de lavanda com o pai de Jacques. Mais tarde, tornou-se o adolescente que ela idolatrava muito antes de ela crescer o suficiente para sentir desejo físico e expressá-lo.

Quando ela atingiu a adolescência, eles começaram a compartilhar um intenso relacionamento pessoal. Com o tempo, ela percebeu que ele era o homem com quem queria se casar e ter filhos. E ele a queria também!

Ele pode não ter dito as palavras. Ele pode não ter assumido qualquer compromisso, mas ela sabia a profundidade de seus sentimentos cada vez que ele a apertava em seus braços, toda vez que ele devorava sua boca com uma fome tão desenfreada quanto a dela própria. Era muito estranho ele se comportar agora como se ela fosse nada mais do que uma velha conhecida.

Mesmo que os sentimentos por ela tivessem morrido cinco anos antes, o que teria motivado a sua partida repentina de Vence? Como ele podia fingir uma indiferença que simplesmente não soava verdadeira?

Se ele pensava que teria a última palavra, estava muito enganado. Ela estava cansada de não ter respostas. Ele lhe devia uma explicação. Ela estava desesperada para encerrar aquele assunto para que ela pudesse continuar com sua vida. Agora que ele tinha sido trazido de volta a Vence para administrar a empresa, ela não estava disposta a desperdiçar nem mais um segundo torturando-se sobre o passado.

Nicole se virou, trancou a porta da creche e se dirigiu para o seu carro. Amanhã não estava muito longe. Nunca antes ela deliberadamente havia usado seu nome para obter algo que ela queria, nem de Jean-Jacques nem de qualquer outra pessoa. Porém, havia sempre uma primeira vez...

A partir do dia seguinte, ela planejava lutar por ele de todas as formas que pudesse.

– JEAN-JACQUES?

– Sim, Giselle?

– Nicole Giraud está aqui para ver você.

Jean-Jacques começou a suar frio. Uma coisa era ser capaz de afastar-se dela no dia anterior, outra bem diferente era recusar-se a ver Nicole em seu escritório quando era o dinheiro de sua família que pagava o seu salário.

Maldito Dominic Giraud que não atende o telefone. Seu correio de voz informava que ele tinha saído de férias e não estaria de volta até o primeiro dia do ano. Tudo o que Jean-Jacques podia fazer era deixar uma mensagem dizendo que ele tinha cometido um erro ao aceitar o cargo e que estava solicitando uma reunião com Dominic o mais rápido possível para entregar-lhe seu pedido de demissão.

– Diga para ela entrar, Giselle.

Ele preparou-se para não expressar nenhuma reação. Mas, assim que ela entrou e fechou a porta, ao vê-la em um elegante vestido de lã vermelho-cereja, ele perdeu o fôlego. Era impossível desviar o olhar daquela mulher de pele morena, corpo voluptuoso e pernas compridas.

Depois de passar boa parte da vida procurando por ele em uma das fazendas de flores ou nos campos de lavanda, era um baque e tanto para ela ter de ir ao antigo escritório de seu irmão para poder falar com ele.

– Obrigada por me encaixar. Sei que está ocupado. – Ela parecia um pouco ofegante quando se sentou em uma das cadeiras em frente à sua mesa. Ele atribuiu o rubor acentuado em suas bochechas ao tempo frio.

– Você é sempre bem-vinda, Nicole. Sabe disso. O que posso fazer por você? – Ele tentou soar como se estivesse se dirigindo a um membro do conselho administrativo.

Mon Dieu, os olhos dela sempre exibiam um ar de expectativa quando encontravam os dele, como se ela estivesse ansiosa por vê-lo. Em cinco anos, isso não tinha mudado nada! Mas nenhum diploma ou título poderia alterar o fato de que ele ainda era um Armentier. Eles eram adultos agora. Havia certas linhas que não se podem transpor. Nicole sempre esteve fora de alcance e sempre estaria. Quanto mais cedo ele deixasse Vence melhor.

Quando seu irmão exigisse uma explicação para aquela reviravolta súbita, Jean-Jacques iria dizer-lhe a verdade: que ele era, e sempre tinha sido, apaixonado por Nicole. Dominic era um homem e compreenderia essas coisas. Quando ele ouvisse tal revelação, aceitaria a demissão de Jean-Jacques sem questionar.

– Quando a creche foi criada, Dominic e eu começamos uma tradição de dar presentes às crianças após a apresentação da peça. Nós saíamos para comprar juntos os presentes e nos divertíamos bastante com isso. Acho que você acabou herdando esse trabalho agora.

Ele gemia por dentro. Durante anos, ele e Nicole saíam para comprar presentes de Natal para as suas famílias e amigos. Em seu último Natal juntos, antes que ele tivesse tomado a decisão de deixar Vence, ele queria levá-la a um joalheiro para deixá-la escolher um anel de noivado.

Mas essa foi uma daquelas fantasias de que ninguém mais sabia, muito menos Nicole. Ele não tinha dinheiro suficiente para comprar um anel do qual ela pudesse se orgulhar. Claro que era absurdo até mesmo cogitar essa ideia quando o casamento para ela estava fora de questão.

– Como faltam apenas três dias para a véspera de Natal, os presentes realmente devem ser comprados hoje.

Dominic tinha se esquecido de mencionar que ele também teria de assumir essa tarefa. Aliás, ele tinha se esquecido de contar a Jean-Jacques várias coisas... todas relacionadas a Nicole.

– Giselle afirmou que você não tem nenhum almoço de negócios programado, então pensei que poderíamos fazer um lanche rápido e, em seguida, correr para a loja. Mas, é claro, se você não estiver muito envolvido em outra coisa...

Nicole olhou para ele com os olhos brilhantes e desafiadores, como se ela o estivesse desafiando a passar um tempo com ela. Mas isso não podia estar certo... ou poderia?

CAPÍTULO 4

O PEDIDO de Nicole era algo que Jean-Jacques não podia recusar, sob pena de dar a entender que a situação teria mais importância do que efetivamente tinha.

– Há quantas crianças na creche? – interrogou ele, tentando impedi-la de sair. Ela já estava de pé.

– Quarenta, se você contar os bebês e as crianças menores. Mas só as de 4 e 5 anos participarão do evento, que contabilizam 18.

Talvez fosse melhor acabar logo com isso. Então ele só teria de vê-la na véspera de Natal, o que selaria o fim de toda aquela situação. Dependendo de quanto tempo levaria para Dominic retornar a sua ligação, Jean-Jacques poderia estar de volta a Paris no Dia de Ano Novo.

– Tenho uma teleconferência marcada para duas horas, mas posso encaixar as compras desde que nós deixemos de lado o almoço.

– Por mim tudo bem – mencionou ela, soando destemida. – Agora que meus alunos saíram de férias, tomei um grande café da manhã com os meus pais nos dois últimos dias.

Ele a seguiu até a antessala, onde ela pegou seu casaco. Em seguida, eles se dirigiram para o carro da empresa no estacionamento.

– Pensei que você tomasse longos e agradáveis cafés da manhã com seus pais quase todas as manhãs de sua vida. – Ele fechou a porta, em seguida, deu a volta no carro para entrar pelo lado do motorista.

Nicole esperou até que eles se misturassem ao trânsito. – Isso pode ter sido verdade quando eu era pequena. Mas, assim como você, Jean-Jacques, eu cresci e saí da casa dos meus pais anos atrás.

Para onde? Ele sentia como se houvesse uma faixa apertando seu peito, comprometendo sua respiração. Enquanto Nicole tinha vivido na casa de campo de seus pais, ele a via como uma princesa no alto de uma colina de cristal. Você precisaria de um cavalo mágico para chegar até o topo e tomá-la em seus braços. Mas não havia nada de mágico nos cavalos de arado do estábulo dos Armentier. Eles nunca estariam à sua altura...

– Isso significa que você está vivendo em Antibes agora? É um trecho da costa muito bonito – perguntou ele, lembrando um dia em que eles estavam percorrendo as cidades ao redor de Vence em sua moto e ela apontou para uma casa espetacular com vista para o mar, indicando que os pais idosos de seu pai moravam lá.

– Antibes...

– Sim. Você não se mudou para a magnífica casa que seu avô deixou para você?

Nicole soltou uma risada raivosa.

– A casa dos meus avós era para ser ocupada por uma família, não por uma mulher solteira trabalhadora. Eu alugo um pequeno estúdio descendo a Rua Mistral.

O coração dele bateu contra suas costelas. Não era muito longe de seu próprio apartamento. Ele não queria ouvir mais nada. Ele não queria pensar que ela estava lá, sozinha, onde ele poderia ter fácil acesso.

– Você me surpreende, Jean-Jacques. – Sua voz tremeu. – Você realmente imagina que eu fique à toa vestindo um robe obscenamente caro no meu terraço privado com vista para o Mediterrâneo, enquanto bebo champanhe e fico pensando em como vou gastar meus bilhões no próximo fim de semana?

Quando ele estava no final da adolescência, aquela era exatamente a imagem que ele criava na cabeça, só que a mente dele ia além. Ele visualizava a si mesmo subindo até o terraço dela e fazendo amor lenta e apaixonadamente com ela sob o sol do Mediterrâneo, seus corpos acariciados por uma brisa suave com o perfume de jasmim.

Aquela lembrança provocou-lhe uma dor profunda. Shakespeare poderia ter usado Provence como cenário de seu mais famoso romance. Os nomes dos amantes seriam Armentier e Giraud. Auguste Giraud não era a única pessoa que queria que os dois se separassem definitivamente. Os pais de Jean-Jacques também tinham sido igualmente inflexíveis sobre o término da relação de seu filho com Nicole.

– Parece que muita coisa mudou enquanto eu estive fora. Prometo parar de fazer suposições.

– Ele virou bruscamente para a direita e entrou no estacionamento coberto da loja de departamentos. – Pode demorar um pouco para encontrar uma vaga para estacionar. Por que você não desce aqui e eu a encontro depois na loja de brinquedos?

Para seu alívio, ela não se opôs.

– Nos vemos em um minuto – proferiu ela antes de sair do carro.

Enquanto esperava o veículo na frente dele andar, seus olhos seguiram cada movimento encantador de seu lindo corpo. Todos os clientes do shopping olhavam para ela também. Nicole era considerada a princesa não oficial de Vence. Ela não podia sair em público sem ser o centro das atenções.

Mon Dieu, Nicole. Eu não deveria ter vindo com você. Tenho um pressentimento de que vou me arrepender...

ASSIM QUE Nicole entrou na loja, ela pôde finalmente liberar a respiração que vinha contendo. Por um momento, quando estavam no escritório, ela teve medo de que Jean-Jacques se recusasse a vir com ela. Mas só porque ele se sentiu na obrigação de ajudar com as compras, não queria dizer que ela poderia levá-lo a fazer qualquer outra coisa.

No fundo de seu coração, ela sabia que seria preciso algum tipo de milagre para retomar o que eles tiveram no passado.

Com a determinação alimentada por seu amor por ele, ela prosseguiu com seu plano. Quando Jean-Jacques se juntou a ela na seção de meninas da loja de brinquedos, ela já tinha pedido para

embrulharem e enviarem para a creche alguns móveis para os bebês e brinquedos de empurrar para as crianças que estavam aprendendo a andar.

O pulso dela disparou assim que viu aquele homem alto e moreno andando pelo corredor em sua direção. Mesmo a distância, ela sentiu os olhos negros dele procurarem os dela. Em seu terno de homem de negócios, ele passava a imagem perfeita de um CEO, mas todas as mulheres na loja puderam vislumbrar seu corpo musculoso e a maneira ágil como ele se movia com aquela graça do sexo masculino da qual ele não tinha conhecimento.

Segurando três das bonecas mais populares da temporada em seus braços, ela se virou para que Jean-Jacques pudesse vê-las.

– Qual delas tem o rosto mais bonito?

Através de suas pálpebras semicerradas, o olhar dele vagou incisivamente pelo rosto e corpo de Nicole antes de dirigir sua atenção às bonecas que ela estava segurando.

Ele franziu as sobrancelhas escuras.

– Elas não são muito atraentes.

Ela riu.

– Eu sei. Elas não devem ser mesmo atraentes. Isso é o que as torna tão encantadoras. Toda menina na França quer ter uma dessas. Elas estão muito na moda. Ajude-me a escolher.

– Receio que você esteja perguntando à pessoa errada. Se Brigitte tivesse tido uma boneca como essa, eu provavelmente a teria escondido só para chateá-la.

– Isso é uma coisa horrível de se falar. – Mas ela sorriu quando admitiu isso. – Você está sendo de uma ajuda e tanto.

– Talvez a ruiva não seja tão ruim assim. Talvez seja melhor dar a cada menina uma boneca idêntica para que elas não briguem. Você deveria fazer o mesmo para os meninos.

– Você já pensou em um presente para eles?

– Claro. Um carro de brinquedo, de preferência, uma Ferrari vermelha como a do seu pai. É o sonho de todo menino.

Se ele argumentou aquilo como indireta para lembrá-la de que eles vieram de mundos diferentes, não iria surtir efeito.

– Ótimo! Isso facilitará as nossas compras. Vou pedir ao vendedor que embrulhe tudo e envie os presentes para a casa dos meus pais.

Em pouco tempo, eles estavam de volta no carro tentando sair do shopping, mas a multidão estava pior do que nunca. Ela ouvia Jean-Jacques resmungar algo ininteligível toda vez que era obrigado a parar após ter avançado apenas um pouco, enquanto esperavam a fila de carros andar.

– Nós deveríamos ter vindo em sua moto. – Com o coração batendo forte em seu peito, ela arriscou. – Você ainda a tem?

– Imagino que ainda está na garagem dos meus pais.

– Depois que você terminar o que tem para fazer no escritório hoje, por que não vamos dar uma volta nela?

O rosto dele obscureceu.

– Tudo bem, Nicole. É óbvio que você não precisava da minha ajuda para comprar brinquedos. Qual foi o verdadeiro motivo para me fazer vir com você hoje? A verdade – concluiu ele curto e grosso.

Ela engoliu em seco.

– Há cinco anos, você deixou Vence sem pronunciar uma palavra de adeus para mim. Considerando que eu provavelmente passei mais tempo com você enquanto cresci do que com a minha própria família ou amigos, foi um tremendo choque chegar aos campos de lavanda e ser informada de que você não estava mais lá, que você tinha ido para Paris e não iria voltar.

Havia um tremor na voz dela que o tocou profundamente.

– Obviamente você estava tão animado para partir que não pensou em mais nada. Nem sequer lhe ocorreu escrever uma carta para que sua família pudesse entregar a mim. Será que estar em minha companhia se tornou algo tão desprezível que você não queria dedicar nem alguns míseros minutos para me dar uma explicação?

Nicole virou-se para encará-lo enquanto Jean-Jacques decidia o que dizer. Será que ele seria capaz de lhe contar a verdade?

CAPÍTULO 5

A TENSÃO no carro era explosiva enquanto Nicole esperava que Jean-Jacques explicasse por que ele tinha partido sem proferir uma palavra havia tantos anos.

Ele entregou o bilhete de estacionamento para o atendente e pegou a estrada antes de tentar responder. Cinco anos atrás, ele não tinha uma resposta satisfatória para essa pergunta. E foi por isso que naquela época ele preferiu adotar a atitude covarde de deixar Vence sem enfrentá-la.

Mas só agora, diante da exigência dela por uma explicação, ele se defrontava com uma desolação subjacente que ele não queria reconhecer, embora não pudesse ignorar. Apenas Nicole tinha o poder de driblar suas defesas e deixá-lo sem saída.

– Muito antes de eu partir, eu estava atormentado pela necessidade de tomar uma decisão de fazer algo mais com a minha vida do que apenas cultivar flores – começou ele.

– Como é que você nunca me contou?

– Até eu elaborar um plano, não era algo que eu queria discutir com ninguém.

Nicole estava de cabeça baixa.

– Eu vivia em um mundo de fantasia naquela época, não é? Imaginando que eu sabia tudo o que se passava dentro de você?

– Será que um ser humano realmente chega a conhecer o outro plenamente?

– Você me conhecia! – exclamou ela com pura emoção.

Ele prendeu a respiração.

– Eu sabia que você pertencia à família Giraud, Nicole. Você também era muito jovem.

Sua cabeça deu uma guinada em sua direção.

– Por que você não declara o que você realmente quer dizer: que eu era uma garotinha tola e ingênua.

– Você está colocando palavras na minha boca. Eu afirmei que você não tinha idade suficiente para saber o que a vida poderia lhe apresentar um dia. Embora você sempre tenha agido sem ostentação, você nasceu em um mundo de privilégios aos quais só um punhado de pessoas poderá ter acesso.

– O que isso tem a ver com alguma coisa? – inquiriu ela gritando com raiva. – Toda pessoa nasce em um mundo único para ela. Mas o simples fato de meu pai ganhar mais dinheiro do que o seu não deveria ter qualquer influência sobre o nosso relacionamento. Você faz parecer como se viéssemos de planetas diferentes.

– Não estou tão certo de que essa não é a analogia correta. – Ele sentiu o olhar dela penetrar sua alma.

– Não posso acreditar no que estou ouvindo! Até o dia em que você desapareceu, eu não me lembro de essas diferenças impedirem você de passar todos os momentos livres comigo.

– Isso sempre ocorreu, mas em privado, Nicole. Eu não era mais bem-vindo em sua casa do que você era na minha.

– Isso não é verdade! – disparou ela de volta. – Implorei para você vir à minha casa e passar um tempo comigo. Nunca consegui entender por que você se recusava. Minha mãe também nunca entendeu. Mas, até agora, eu não tinha ideia de que sua família não aprovava a minha presença. – Sua voz se dissipou.

Ah, droga. Ele passou a mão trêmula pelo cabelo.

– Não se trata de desaprovação. Eu sabia que seria desconfortável. É por isso que eu não a convidava.

– Desconfortável... – bradou ela. – Por quê? – Sua incredulidade demonstrava que ela sinceramente não sabia. Nicole nunca havia feito distinção de cor ou classe social. Essas eram apenas algumas das características que ele amava nela.

Ele balançou a cabeça.

– Se você até hoje não entendeu isso, então, céus, eu não tenho como explicar a você. É um ponto irrelevante, de qualquer maneira. Bom, mas para explicar o que aconteceu... Uma oportunidade inesperada para estudar em Paris surgiu no meu caminho, então, decidi aproveitá-la.

– Será que surgiu algum benfeitor para lhe dar dinheiro? – As lágrimas na voz dela dilaceraram a alma dele.

Ele estava beirando um terreno perigoso agora.

– Sim. Foi como um milagre. Pela primeira vez na minha vida pude olhar para a frente e enxergar uma possibilidade de um futuro diferente. Mas isso significava deixar meus pais que precisavam de mim, embora eles negassem isso.

Isso significava deixar você, acrescentou ele em sua mente. Olhando para você agora, não sei como encontrei forças para partir.

– Você não poderia ter me contado isso em uma carta pelo menos?

Agora eles estavam chegando perto do escritório.

– Nicole, você se lembra do dia em que me confessou que gostaria que eu não fumasse e me desafiou a parar?

– Sim – murmurou ela. – Você apagou e jogou fora o cigarro e nunca mais fumou.

– Sair de casa foi como jogar fora aquele último cigarro. Era tudo ou nada. Se eu começasse com as despedidas, eu nunca teria partido. Antes que eu perdesse a coragem, arrumei minhas coisas e peguei o trem, enquanto minha família ainda estava dormindo.

Um silêncio prolongado preencheu o interior do carro. Ele virou para entrar no estacionamento e parou perto da porta principal do edifício.

Suas belas feições pareciam congeladas em mármore.

– Obrigada por me contar a verdade. Durante todos esses anos, eu... Eu pensei que você devia me odiar. Agora eu percebo que, ao partir, você escolheu deixar para trás todas as coisas de criança. – Depois de mais uma hesitação, acrescentou ela: – Você gostou de Paris?

Saia do carro agora, Armentier. Caso contrário, você sabe o que vai fazer, e então Nicole não terá mais dúvidas sobre seus sentimentos por ela.

Ele forçou um sorriso.

– Diga-me, um bom francês gosta de sol? – Depois de desligar o motor, ele puxou as chaves da ignição e se preparou para sair do carro.

Ela levantou os olhos castanhos trêmulos para ele.

– Jean-Jacques? Sei que você tem uma teleconferência em um minuto, mas poderia me fazer um favor? É o último que peço a você.

A adrenalina percorreu o corpo todo dele ao perceber que ela estava pronta para dizer adeus.

– Se eu puder ajudar.

– Eu vou dar um pequeno coquetel hoje à noite. Você iria a meu apartamento para tomar uns drinques? Considere como um presente de boas-vindas de uma velha amiga que não teve o prazer de fazer uma boa festa de despedida. Pode chegar a qualquer instante depois das oito. Eu moro no número 14 da Rua Mistral.

Ela olhou para ele com ar triste, mas sorrindo. Então ela fechou a porta do carro atrás dela antes que ele pudesse responder.

NICOLE SE debruçou na janela da frente de seu apartamento, preocupada porque Jean-Jacques ainda não tinha chegado. Ela olhou ao redor da pequena sala de estar decorada com uma pequena árvore de Natal e poinsettias vermelhas. Eram quase nove horas. As entradas teriam de ser requentadas.

A cada minuto que passava, a temperatura dela subia um grau. Com a tensão, até mesmo o vestido de seda preto sem mangas a fazia sentir muito calor.

O coração dela deu um salto quando ouviu passos do lado de fora e depois uma batida na porta. Ela abriu a porta e deparou-se com seu semblante sisudo.

Ele exibia um olhar ameaçador naquela noite. Ela refletiu sobre sua ousadia em convidá-lo para ir à sua casa. Engolindo em seco, ela disse:

– *Bonsoir*, Jean-Jacques. Estou tão feliz que tenha vindo. Entre.

– *Merci*. – Em poucos passos rápidos, ele passou por ela, tomando cuidado para não roçar no seu braço. Quando ela estava fechando a porta, pôde reparar como ele a observava com aquela intensidade que sempre tinha lhe tirado o fôlego no passado. *Dê uma boa olhada, meu amor*, pensou ela. *Eu já não sou uma garotinha que você pode dispensar como fez há cinco anos*.

Se ele fosse tão imune a ela como ele quis fazê-la acreditar mais cedo, ele não teria vindo hoje à noite. Muito contente com esse grande progresso, ela retribuiu o seu olhar. Poucos homens eram tão naturalmente elegantes como Jean-Jacques. Hoje à noite, o seu alinhado terno azul-marinho e sua estilosa gravata lhe conferiam um ar de magnata dos negócios.

Quando criança, ela era muito nova para articular o que ela via de tão atraente nele. Na adolescência, a palavra arrojado veio à mente. Quando ela completou 20 anos, ele era cativante. Tudo nele a fascinava.

Mas seis anos tinham agregado um outro elemento. Ele agora tinha o apelo irresistível de um homem viril que tinha superado todos os vestígios do homem mais jovem. Ela estava atordoada com sua sensualidade.

– Espero que você esteja com fome. Por favor, sente-se e prove minha gemada caseira enquanto eu pego os aperitivos na cozinha.

Ele permaneceu onde estava, com uma postura magnífica. Os olhos negros dele estavam fixos em sua boca.

– Onde estão os outros convidados?

CAPÍTULO 6

NICOLE ENFRENTOU o olhar penetrante de Jean-Jacques.

– Não há outros convidados.

– Por que você me fez pensar o contrário?

– Porque eu sabia que você não viria a menos que eu lhe garantisse que haveria outras pessoas.

Ele esbravejou.

– Maldita seja, Nicole! Você me fez vir aqui sob falsos pretextos. – A pele do lindo rosto dele adquiriu um rubor intenso. – Nós falamos sobre tudo o que precisava ser dito no carro.

Ela não mexeu um músculo.

– Mas naquele momento eu não estava com o meu presente de Natal para você.

Ele apertou os lábios formando uma linha dura.

– Suponho que essa seja uma boa desculpa para ter uma conversa particular sobre a minha nova posição na empresa. Porém, o seu esforço não é necessário. Sei que eu nunca poderia ocupar o lugar de seu irmão. Nós dois sabemos que seria impossível.

– Isso não é verdade – replicou ela, ferida por seu ataque agressivo, já que a última coisa de que ela duvidava era sobre suas habilidades nos negócios.

– Fale isso para alguém que não conhece você como eu conheço – pediu ele com uma calma enlouquecedora. – Você sempre foi uma mulher muito emocional. Por que não poupa suas energias para alguém que acreditaria em você?

Nicole sacudiu a cabeça.

– Por que você está agindo assim? – Mais do que nunca ela estava convencida de que sua grosseria atípica escondia algo que ele não queria que ela visse.

– Acha que eu não sei que você tem o direito de estar chateada? – As veias saltavam do pescoço dele. – Infelizmente, é um fato consumado. Tudo o que posso fazer é garantir que a controladoria envie relatórios mensais e a mantenham a par do desempenho da empresa.

– Isso não será necessário.

– Ninguém tem mais direito à informação do que você – continuou ele falando como se ela não tivesse dito uma palavra. – Um dia, metade da fortuna Giraud irá pertencer a você. Prometi a seu irmão que eu iria proteger e, no que depender de mim, aumentar esse patrimônio. Eu faço a você a mesma promessa.

– Tudo bem, mas eu nunca tive nenhuma dúvida quanto a isso. – Ela afastou-se dele e se abaixou para pegar seu presente no pé da árvore de Natal.

Ele se afastou dela.

– Eu não tenho tempo para isso.

– Certamente você tem alguns minutos de sobra. Na verdade, é o presente de aniversário que eu fiz para você, entretanto você deixou Vence uma semana antes de eu poder lhe entregar. – Ela se aproximou dele e, como ele não pegou o pacote, ela arrancou o embrulho de Natal para que ele pudesse ver a fotografia colorida emoldurada deles dois em sua moto.

Na foto, ela estava sentada atrás dele com os braços em volta de sua cintura. Os rostos colados e sorridentes.

Pela reação dele, ela pôde perceber que Jean-Jacques se lembrou do dia em que um de seus amigos tirou a foto. No canto direito, Nicole tinha escrito: “Para o meu amor de seu amor” e a data.

– Você se lembra daquele dia? Nós tínhamos acabado de fazer um passeio glorioso para Eze. Philippe – o amigo que tinha tirado a foto – assegurou que nunca tinha visto um casal tão apaixonado e como ele sentia inveja disso. – Sua voz vibrava.

Jean-Jacques tirou a foto das mãos dela e a colocou sobre a mesa de café ao lado da gemada. Então, ele se virou para ela.

– Tivemos bons momentos, Nicole. Mas tudo isso ficou no passado. – Seus olhos negros brilhavam com uma luz estranha. – Eu nunca deveria ter vindo aqui.

Ela tremia tanto que suas pernas mal conseguiam mantê-la de pé.

– Ninguém obrigou você. Certamente seu emprego não estaria em risco se você não viesse. Se a minha presença é tão repulsiva para você, por que se dispôs a vir?

O peito dele arfava.

– Porque eu achei que eu lhe devia algo por tê-la ferido quando fui embora sem dar ao menos uma explicação.

– O que pensa que está fazendo comigo agora? – indagou ela, num sussurro torturado.

Jean-Jacques sentiu como se ele e Nicole tivessem voltado ao ponto em que estavam cinco anos antes. Certamente ela ainda não tinha sentimentos por ele. Se ela tivesse, ele estava decidido a pôr um fim a qualquer fantasia louca que ela cultivasse.

– *Mon Dieu*. Está acontecendo de novo. Não importava quantas vezes eu a rechaçasse, você sempre vinha correndo atrás de mim.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Eu era um porco cruel, não era? Infelizmente, é um hábito que não consigo mudar. – Ele atirou as mãos para agarrá-la pelos braços. – É isso que você quer de mim esta noite? Mais do mesmo tratamento?

– Sim! – gritou ela, em resposta à sua pergunta ultrajante. Aquele grito veio das profundezas de seu ser. – Se essa é a única parte de você que eu posso ter, então, sim, eu aceito sua crueldade. – As mãos dela deslizaram por dentro do terno dele até o peito que ela conhecia tão bem e depois subiram aos seus ombros largos. – Por favor, Jean-Jacques – implorou ela, ativando cada célula em seu corpo, que ardia tanto por ele que ela cobriu a boca dele com a sua.

Nicole era mais alta do que a média das mulheres. De salto alto, ela não precisava se esforçar muito para conseguir colocar os braços em volta do pescoço dele e impedi-lo de escapar do poder de seu desejo.

Cinco anos podiam ter se passado, mas o que estava acontecendo agora parecia tão natural para ela como respirar. Em um momento, ele estava resistindo a ela, no próximo instante, tudo mudou e ela se viu sendo beijada com uma avidez que jamais sonhara.

Beijos longos, profundos e sensuais sem fim. Ele a apertou contra seu corpo, fundindo as curvas dela à sua estrutura sólida. As mãos dele a percorreram freneticamente como se não pudessem acreditar que eles estavam de volta nos braços um do outro.

A boca dele sufocou seus gemidos de êxtase, transportando-a de volta para aquelas noites com aroma de flor quando não podiam suportar ficar separados. Era assim agora, na verdade, era mais. Muito mais. Ela sabia que morreria se não pudesse amar Jean-Jacques dessa forma para o resto de sua vida.

– Por favor, não pare – implorou ela quando ele inesperadamente arrancou seus lábios dos dela, mantendo-a distante enquanto ele lutava para se recuperar da paixão que o contato de seus corpos sempre despertava um no outro.

– Talvez agora você consiga entender por que decidi não lhe comunicar que eu estava partindo. Não quero machucá-la, Nicole. Mesmo que fosse pelos cinco anos que se passaram, vamos combinar que tivemos agora nosso último adeus. – Ele se dirigiu para a porta.

Eufórica porque ele tinha perdido o controle em seus braços, ela o seguiu, refletindo sobre o que tinha acontecido entre eles, sentindo um sopro de esperança.

– Como quiser, Jean-Jacques. Vejo você na casa de campo na véspera de Natal.

ASSIM QUE ele deslizou atrás do volante de seu carro, Jean-Jacques pegou seu celular e ligou para o irmão de Nicole. A mesma maldita mensagem ressoou em seu ouvido. Dominic não estaria disponível até o Ano Novo. Soltando um par de epítetos bem-escolhidos, ele desligou e enfiou a chave na ignição.

Ele deveria ter saído do apartamento de Nicole antes que todo aquele inferno fugisse do controle. Ele ainda podia sentir o sabor celestial da boca dela na sua. Seu corpo pulsava pelo desejo insaciado.

Bastou um olhar para aquela fotografia para liberar os demônios que ele carregava. Mas a imagem também o fez se lembrar de sua moto que ainda estava na garagem da fazenda. Embora tivesse pedido a seu pai que a vendesse havia séculos, o velho insistiu em mantê-la para quando seu filho retornasse, assegurando-lhe que iria ficar em perfeitas condições. Contente por seu pai ter acertado nas previsões, Jean-Jacques foi para seu apartamento, onde ele primeiro trocava de roupa.

À noite, ele precisava do vento soprando seu rosto e muita velocidade para fazê-lo esquecer de tudo, mesmo que apenas por pouco tempo...

E então ele entraria em contato com Dominic e partiria... antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO 7

NICOLE PAIROU perto das portas francesas altas da sala de visitas do século XVIII, desolada porque Jean-Jacques não tinha chegado. A programação de Natal estava prestes a começar. Ela estava com medo de que ele tivesse decidido ficar longe após o que havia acontecido no apartamento dela. Seu pulso acelerou ao ouvir a voz de sua mãe vindo do foyer.

– Jean-Jacques! Como é maravilhoso vê-lo depois de todos esses anos! Por favor, entre.

– *Merci*, Madame Giraud. O prazer é todo meu. Feliz Natal.

– O que é isto?

– Nicole uma vez me revelou que você gostava de colecionar Papais-Noéis. Encontrei esta versão de madeira esculpida em uma pequena loja na cidade. Gostei mais do veludo azul-escuro de sua elegante roupa e gorro.

Ele se lembrou! Nicole não tinha palavras para descrever a emoção de ver a gentileza inesperada que ele teve com sua mãe, Nicole lutou para conseguir manter seus sentimentos sob controle. Quando ela ouviu a mãe gritar de puro prazer, foi atraída para fora de seu esconderijo para se juntar a eles.

Sua mãe a avistou.

– Querida, venha e olhe o que Jean-Jacques nos trouxe. É ou não é um Papai Noel único e sofisticado?

– Ele é maravilhoso – declarou Nicole em voz trêmula. *Você é maravilhoso*, seu coração chorou quando seu olhar procurou o de Jean-Jacques, mas ele se recusou a olhá-la. Se estivessem sozinhos, ela o teria forçado a reagir à sua presença.

– Obrigada, meu filho. – Claramente emocionada, sua mãe levantou-se e o beijou nas duas bochechas. – Como você é nosso convidado de honra desta noite, você faria a gentileza de entregar os presentes para as crianças depois da apresentação? Seus nomes já estão nos pacotes.

Ele assentiu com a cabeça.

– Claro.

– Nicole? Enquanto eu coloco o Papai Noel num lugar especial em cima da lareira, por que você não conduz Jean-Jacques a seu assento?

COM A maior relutância, o olhar dele voltou-se para Nicole. Ela parecia um anjo celestial em um terno de lã branca deslumbrante com um broche em forma de árvore de Natal preso a uma das lapelas. Em volta do pescoço, ela amarrou uma echarpe chiffon branca. Ela parecia parte da magia da noite. Essa era a primeira vez que ele entrava na casa fabulosa dos Giraud, que tinha sido decorada para parecer um paraíso de férias, com árvores enfeitadas, grinaldas de guirlandas e vasos de flores vermelhas frescas por todo lado.

Ele sentiu como se estivesse em um sonho e Nicole fosse uma linda boneca que ganhou vida e saiu de debaixo da árvore de Natal enorme com suas bolas coloridas e luzes brancas e cor de rosa. Evitando os olhos dela, sussurrou ele:

– Depois de você, Nicole.

Seguindo a figura voluptuosa de Nicole, ele se forçou a sorrir e acenar enquanto passavam pelos funcionários e pais de alunos sentados nas cadeiras estilo Luís XV. O grupo tinha montado antes um palco improvisado completo com um estábulo com telhado, uma manjedoura de madeira cheia de palha e um bebê. Por trás da manjedoura, havia várias vacas e ovelhas de papelão em tamanho natural. Com a luz suave, parecia real.

Isso havia sido tudo obra de Nicole. Jean-Jacques estava tão orgulhoso dela que mal conseguia engolir com o nó que se formou em sua garganta. Não existia outra mulher igual. Uma dor dilacerante tomou conta dele, porque pela primeira vez ele estava dentro de seu mundo, mas nunca havia se sentido tão distante dele.

Ao sentar-se em seu lugar na frente, ela acenou para o músico no piano de cauda. Em seguida, os pastores, seguidos pelos três reis magos em trajes feitos à mão, começaram a entrar, cantando, atravessando as grandes portas espelhadas.

Entraram então Maria e José, em seguida, o jovem narrador, que tropeçou em seu cajado antes de tomar o seu lugar ao microfone. Os pais começaram a sussurrar e rir à medida que seus respectivos filhos apareciam e acenavam.

Lágrimas queimavam os olhos de Jean-Jacques, porque ele não conseguia se lembrar de uma época em que ele não quisesse que Nicole fosse a mãe de seus filhos. Isso nunca iria acontecer. Em profunda agonia, ele não estava prestando atenção no que estava acontecendo no palco até que ele ouviu José gritar: “Eu quero segurar o bebê Jesus, também!” De repente, começou um verdadeiro cabo de guerra entre ele e Maria, que estava segurando o bebê com todas as suas forças. A plateia caiu na gargalhada.

Nicole lançou um sinal aflito para Jean-Jacques. Ele saltou da poltrona e correu para onde as crianças estavam. Ajoelhando-se atrás delas, ele murmurou:

– Os dois podem segurá-lo. José, coloque seu braço em volta de Maria. Isso mesmo. Agora, é só ficar assim até que a peça termine.

Quando José finalmente concordou, Jean-Jacques soltou a respiração que estava prendendo e ergueu a cabeça. O olhar cintilante de Nicole fundiu-se com o dele, agradecendo por salvar a noite do desastre. A expressão amorosa dela era demais para suportar.

Jean-Jacques não podia mais esperar que Dominic retornasse seu telefonema. Hoje à noite ele iria apresentar a sua demissão a Auguste Giraud, que estava sentado perto das portas francesas. Seria fácil encontrá-lo.

Amanhã de manhã, Jean-Jacques pretendia estar bem longe da mulher que ele amava...

ENQUANTO JEAN-JACQUES distribuía os presentes para as crianças, que pulavam para cima e para baixo de tanta animação, Nicole falava com as copeiras para se certificar de que a comida e as guloseimas de maçapão estavam prontas na sala de jantar.

Assim que ela se livrou desses detalhes, montou um prato bem farto para Jean-Jacques, em seguida, foi procurá-lo na sala de estar. Nicole tinha planos para eles. Dependendo do resultado, eles nunca mais se perderiam de vista.

Ela procurou por todo lado em meio à multidão, mas não o via em lugar algum. Quando questionou à sua mãe, ela respondeu que ele tinha ido à biblioteca com o pai de Nicole. Inquieta por eles terem desaparecido durante as festividades, entregou o prato para sua mãe e correu para o terraço. Depois de percorrer toda a extensão do terraço e passar pela sala de música, ficou parada do lado de fora do escritório do pai do outro lado da casa.

Ela esperou por alguns minutos, porém quando pareceu que eles estavam demorando muito tempo para sair, ela bateu na porta.

– *Papa?* – chamou ela antes de entrar na sala e ver que seu pai estava sozinho em sua mesa. – Onde está Jean-Jacques?

Ele reclinou-se na cadeira de couro, olhando para ela com as pálpebras semicerradas.

– Depois que terminamos nossa conversa, ele afirmou que tinha um compromisso importante e saiu pelas escadas da varanda.

– Não! – Ela correu para fora e debruçou-se no corrimão de ferro forjado na esperança de detectar algum movimento no jardim abaixo. Mas ela não podia ver ou ouvir nada, exceto o farfalhar suave da brisa da noite.

A essa altura, ele poderia estar em qualquer lugar e se certificaria de que ela não conseguisse encontrá-lo. A dor que ela sentia era como se alguém a tivesse apunhalado repetidamente, deixando-a imobilizada. Um soluço profundo brotou de dentro dela até que ela começou a convulsionar.

– Nicolette. Diga-me o que há de errado.

Seu pai era um homem frio. Fazia muito tempo desde que ele estendera a mão para confortá-la. Pela primeira vez, ele a pegou desprevenida e vulnerável.

Ela virou-se bruscamente, enxugando as lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Esta noite era a festa da empresa. O que havia de tão importante que você tinha de trazê-lo até aqui?

– Ele insistiu para falar comigo em particular. Dominic tem estado indisponível, portanto, Jean-Jacques entregou sua demissão para mim.

– Demissão...

– Sim. Ele não me deu uma razão.

– Ah, Deus! Eu tenho de encontrá-lo!

– Nicole, há algo que você precisa saber. Há cinco anos, ofereci a Jean-Jacques uma bolsa de estudos para ir para Paris estudar química com a condição de que ele trabalhasse para a empresa depois de se formar.

Completamente abalada, ela lançou um olhar de horror para o pai.

– Você deu dinheiro a ele para nos separar? Meu próprio pai?

Mas tudo fazia sentido para ela. Jean-Jacques tinha voltado para casa como novo CEO da empresa, um prêmio mais cobiçado do que o amor de uma mulher. Quem esperava trabalhar

nos campos de flores por toda a vida poderia resistir à tamanha tentação? Então, por que ele se demitiu?

– Não, minha filha. Eu estava agindo sob ordens do seu irmão.

Ela piscou.

– Do que você está falando? Dominic não tem sequer um osso traiçoeiro em todo o seu corpo!

– Eu concordo – falou ele calmamente. – Desde que ele me renegou como seu pai, foi a única vez em que ele me pediu um favor. Pelo amor que sinto por ele, eu obedeci sem questionar os seus motivos.

Nicole não estava conseguindo absorver toda aquela história.

– Dominic queria que meu relacionamento com Jean-Jacques terminasse?

– Se você quer respostas, você terá de perguntar ao seu irmão. Mas, pelo bem de Dominic, assim como por minhas próprias razões egoístas, prefiro que sua mãe não fique sabendo de nada. E, antes que você seja muito dura com ele, apenas lembre-se de que Jean-Jacques não tinha de aceitar a oferta.

Nicole piscou para conter as lágrimas, virou-se e correu toda a distância até sua suíte para ligar para Dominic. Mas, a cada passo, as últimas palavras de seu pai ressoavam como um canto de morte em seu coração. *Apenas lembre-se de que Jean-Jacques não tinha de aceitar a oferta.*

JEAN-JACQUES DEIXOU a catedral com sua irmã e seu marido, embalando o pequeno Paul em seu ombro para caminhar até os carros. Durante a missa da meia-noite, o bebê acabou dormindo em seu colo.

Enquanto abriam caminho através da multidão, ele não estava muito contente com a iminência de ter de entregar o sobrinho à mãe e perder o calor reconfortante que ele emanava. Deus sabia que precisava de algo que o fizesse parar de pensar sobre o que faria agora que não era mais CEO.

Estava aterrorizado por saber que não importava para aonde ele fosse, não importava quantas milhas ele colocasse entre eles, a lembrança de Nicole iria persegui-lo até o fim de sua vida.

Ele sentiu uma cotovelada nas costelas.

– O que é, Brigitte?

– Não olhe agora, mas Nicole não está muito atrás e está se aproximando de nós a cada passo. Por que você não a convida para se juntar à família para o réveillon? Todo mundo adora ela. Você quer que ela venha. Admita.

Jean-Jacques sabia que Nicole iria assistir à missa com sua família. No entanto, ele não esperava que ela saísse à sua procura em meio à multidão. Ele deveria saber que deixar a casa dela sem dizer adeus era a coisa mais errada a fazer.

– Não se meta, Brigitte. Há coisas que você não entende. Diga a *Maman* que encontro todos vocês na fazenda...

CAPÍTULO 8

BRIGITTE LANÇOU um olhar acusador para seu irmão.

– Guarde bem minhas palavras, Jean-Jacques, seu orgulho gaulês estúpido será a sua ruína.

Incapaz de rebater seus comentários porque tocavam fundo suas feridas abertas, ele tirou Paul de seu ombro. No instante em que passou a criança para os braços da mãe, Nicole tinha-os alcançado.

– Feliz Natal para todos. Estes presentes são para sua família. – Ela entregou os pacotes para Claude, beijando-o nas duas bochechas. Em seguida, repetiu o gesto com Brigitte e o bebê.

Quando levantou a cabeça, ela lançou a Jean-Jacques um olhar desprovido de emoção. Seus olhos já não exibiam a sua alegria habitual. A mudança drástica em seu comportamento, especialmente durante esta época de Natal, fez todo o corpo dele se arrepiar.

– Se vocês dois não se importam, eu gostaria de falar com Jean-Jacques por alguns minutos. Prometo que não vou prendê-lo por muito tempo.

– Não tem problema. Nós nos veremos mais tarde. – Brigitte fuzilou Jean-Jacques com um último olhar feroz de reprovação antes de ir embora com o marido e o pequeno Paul.

Assim que eles partiram, ele virou-se para Nicole.

– Suponho que você veio à missa com seus pais. Eu levo você para a casa deles no meu carro. Ele está na parte de trás da catedral.

Ela concordou tacitamente e eles se dirigiram ao carro, misturando-se à multidão de pessoas que dispersavam da praça. Ela não disse nada e manteve-se longe dele. Mesmo sendo uma das noites mais sagradas para os moradores locais e suas famílias, ainda havia jornalistas rondando a área esperando uma chance de fotografá-la em alguma situação inusitada.

Como se tivessem adivinhado, os flashes começaram a pipocar. Meia dúzia de câmeras começaram a segui-los em direção ao carro, gritando com ela para dar uma declaração. Com sua elegância régia habitual, ela os ignorou como se eles não existissem. Ainda assim, foi um alívio quando eles entraram no carro e ele saiu dirigindo.

Ele sabia o quanto ela odiava os *paparazzi*. Aquela exposição era uma prova de sua determinação para falar com ele mesmo tendo de enfrentar o assédio da mídia sem ter Dominic ou seus pais por perto para oferecer-lhe proteção.

Eu sempre fiz você passar por constrangimentos, não é verdade, Nicole? Mas, depois desta noite, nunca mais.

Pelo espelho retrovisor, ele podia ver que os cães da imprensa estavam em uma perseguição frenética. Mas ele sabia que não poderiam seguir seu carro quando eles atravessassem os portões da propriedade dos Giraud. Pisando fundo no acelerador, ele se dirigiu para lá, cantando pneus nas curvas fechadas enquanto subiam o morro. Felizmente, Nicole já tinha andado em alta velocidade em sua moto muitas vezes para ficar nervosa. Na verdade, agora ela parecia alheia a tudo ao redor. Porém, ele sabia o que estava ocorrendo por debaixo de sua maravilhosa pele: a tensão aumentava. Ela estava prestes a explodir, assim como ele. Aquela dor tinha de acabar.

O vigia no portão imediatamente os reconheceu e logo deu passagem para que entrassem. Jean-Jacques passou pelo chafariz e se dirigiu ao extremo oeste da propriedade onde havia um carrinho de árvores de cipreste. Era o único lugar em que eles poderiam ter total privacidade, mas Nicole ainda estaria a salvo dele. Agora ele teria de mentir deslavadamente.

Ele sabia o que ela ia dizer, então ele decidiu poupá-la do trabalho. Sem olhar para ela, ele informou:

– Depois do jeito que eu deixei Vence, sem mencionar a forma como eu tenho me comportado desde que eu voltei, não culpo você por ter vindo atrás de mim reivindicar um pedido de desculpas. Nenhuma pessoa merece mais um pedido de desculpas do que você, então vou ser direto e franco.

“Enquanto morei em Vence, você era sempre uma tentação, mas não o único sentido da minha existência. Depois que me mudei para Paris, descobri outras mulheres que tinham o mesmo efeito sobre mim. Quando Dominic me pediu para voltar e dirigir a empresa, eu estava lisonjeado e pensei que era o que eu queria. Contudo, eu estava errado. Paris tem mais distrações do que eu pensava, então, pedi demissão da empresa.”

– Eu sei. Meu pai me contou. – Para sua surpresa, ele ouviu a porta dela abrir. Ele virou a cabeça a tempo de vê-la sair do carro. Ela se abaixou para que seus olhos se encontrassem. O olhar dela era uma mistura indescritível de dor e raiva. – Eu esperava honestidade de sua parte hoje à noite, mas simplesmente você não é capaz disso. – A voz dela tremeu. – Ele me contou sobre a bolsa de estudos.

O pior pesadelo de Jean-Jacques tinha se tornado realidade. Ele sentiu um mal-estar generalizado.

– Não o culpo por aceitar o que foi oferecido. Você agora tem o que jamais pensou que poderia ser seu. Não se demita por minha causa. Nunca vou chegar perto de você de novo. Mas tenho de lhe informar que, se eu soubesse disso antes de você sair de Vence, eu teria sussurrado: “Cuidado com os gregos que carregam presentes.” Um dia pode haver um preço a pagar. Espero que não. *Adieu.*

– *UN MOMENT!* – gritou Jean-Jacques quando ele jogou o último par de meias dentro de sua mala. As batidas na porta continuaram. Ele tinha se recusado a atender qualquer telefonema. Inconformada, Brigitte deve ter dito a Claude para vir, esperando que seu cunhado pudesse convencê-lo a passar o dia de Natal com eles. Mas ele não estava a fim de companhia, nem mesmo a dele próprio.

Maldito Dominic por ter ido a Paris para convencê-lo a voltar para casa. Ele sabia como Jean-Jacques se sentia em relação a Nicole. Dominic sabia muito mais do que ele deixava transparecer. Isso é o que o tornava tão notável. Até ele ter feito Jean-Jacques acreditar em algo que não era verdade, provavelmente era o homem que, depois de seu pai, ele mais admirava.

Ele ainda não conseguia entender por que Dominic não havia lhe pedido para assumir o cargo em Nova York. Nada disso fazia sentido. Quanto a Nicole, aquele encontro devastador da noite passada decretara o fim da história entre eles. Aquele último adeus fulminante tinha dito tudo.

As batidas persistiam. Desde que fosse Claude, Jean-Jacques não se importava se ele não estava barbeado e vestia apenas uma calça jeans desbotada. Quando abriu a porta, seus olhos se estreitaram. Ele não podia acreditar estar vendo Nicole ali de pé, trajando um terninho, à sombra de jacintos. Ela cheirava como um jardim de rosas sob o sol e estava tão deslumbrante que ele pensou que estava tendo alucinações.

Ele não aguentava mais.

– A menos que seja um caso de vida ou morte, não sei o que traria você aqui.

– É um caso de vida e morte. Acabei de falar com Dominic. Posso entrar, por favor?

Havia algo em sua voz e expressão do rosto que o convenceu de que ela estava falando sério. O coração dele deu um salto violento. Ele deu um passo para o lado. Quando ela passou por ele e viu a bagunça que ele havia feito na sala de estar, com um monte de coisas ainda para serem colocadas dentro da mala, ele a ouviu prender a respiração. As emoções dela vieram à superfície. Algo traumático havia acontecido. Ele rezou para que isso não significasse más notícias. Nicole idolatrava seu irmão. Depois de fechar a porta, ele encostou-se nela e cruzou os braços, não sabendo o que esperar, mas temendo o pior. Ela aproximou-se dele.

– Jean-Jacques...

Ele balançou a cabeça.

– O que, Nicole? Diga-me... – clamou ele em estado de alarme.

Para surpresa dele, ela se ajoelhou e agarrou sua mão esquerda. Olhando para ele com o coração estampado em seus olhos, ela declarou:

– Eu amo você, com toda a minha mente, corpo e alma. Amei você toda a minha vida. Não me lembro de uma época em que eu não o amasse. Esta manhã, Dominic revelou que você me amava. Ele assegurou que é por isso que você foi embora.

Agora que você está de volta, você me daria a honra de se casar comigo? Você é o homem que eu quero que seja o pai dos meus filhos. Você é o homem com quem eu quero caminhar através das flores até o dia em que eu morrer. Por favor, diga sim. Eu já tenho um emprego, e você também, como CEO. Também tenho uma casa que meu querido avô deixou para mim. Você já a viu. Aquela casa linda em Antibes, que é bastante perto de nossos locais de trabalho, está esperando por nós. Eu também tenho este anel de prata do Marrocos que minha avó deu ao meu avô quando eles se casaram. Ele me pediu para dar a meu marido um dia. Ele foi feito para você, e mais ninguém. Você me deixaria colocá-lo em você? Por favor, deixe-me – implorou ela.

– E então me prometa que nunca vai tirá-lo.

Jean-Jacques não podia se mover, não conseguia respirar. Sua visão ficou turva das lágrimas que ele não conseguia reter. Quando sentiu o metal quente na mão dela deslizar pelo seu dedo anelar, parecia que ele havia finalmente tirado um peso enorme das costas.

– Nicole! – exclamou ele, juntando-se a ela no chão, puxando-a por cima dele. – *Mon amour*.

Ele cobriu de beijos seu rosto febril.

– Eu amo você. – Ele beijou sua boca. – Eu adoro você. – Ele beijou-lhe os olhos e o nariz. – Eu amo você. Meu Deus, como eu a amo. Eu amo você. Não sei o que fiz para merecê-la, mas sempre quis você como minha esposa. Sim, eu vou me casar com você. Eu a amo. Juro que vou amá-la até o dia em que eu morrer.

Ela colocou um dedo sobre os lábios dele.

– Nunca mais vamos falar de morte, não quando é hora de se viver. Realmente viver. – Ela beijou sua boca com desejo ardente. – Eu quero me casar assim que pudermos. Diremos ao padre que é uma emergência. Se ele colocar algum empecilho por não querermos esperar correr os proclamas, Dominic vai dar um jeito. Ele sempre dá um jeito em tudo. Ele foi o cérebro por trás da maldita bolsa que tirou você de mim. – Sua voz vibrava. – Mas vou perdoá-lo porque ele trouxe você de volta para mim.

– Quando eu estava a caminho de Paris, percebi que ele tinha orquestrado tudo – sussurrou ele ao pé de seu ouvido, onde o cheiro dela era mais doce. – Ele sabia que, se eu ainda não tinha pedido você em casamento quando completei 25 anos, eu não estava atrás do seu dinheiro. Ele também ouviu dizer que eu estava saindo de Vence para fazer faculdade em Lyon.

Ela engasgou.

– Você nunca me contou nada.

– Eu tinha medo de confessar qualquer coisa, meu amor. Seu poder sobre mim era muito grande. Se você me implorasse para não partir, eu provavelmente não teria ido. Mas, sem uma boa formação, eu nunca teria criado coragem suficiente para pedir Nicole Giraud, de todas as mulheres, em casamento.

– Dominic me entendeu melhor do que eu mesmo. Quando ele ouviu através de fofocas sobre meus planos, ele elaborou um plano próprio para me mandar para Paris. Eu topei porque Paris era mais longe de casa. Eu não ficaria tentado a voltar nos fins de semana para estar com você.

– Se ao menos eu soubesse – gemeu ela. – Eu teria arrumado um emprego de professora em Paris para que pudéssemos estar juntos o tempo todo!

– Eu não teria deixado você fazer isso, *mon amour*. Meu plano era pagar de volta cada centavo que seu pai me deu. E então eu não estaria em dívida com sua família. Quando isso se concretizasse, e se você ainda estivesse livre, eu esperava encontrar um emprego em outro lugar e pedir para você se casar comigo. Então vi aquela foto no jornal e pensei que você estava se casando. Meu coração morreu naquele dia, Nicole. Foi a única razão por que eu disse sim quando Dominic me ofereceu o trabalho aqui em Vence. Se eu não podia ter você, eu poderia, pelo menos, voltar para casa.

– Agradeço a ele por enganar você. – Ela lhe deu outro beijo apaixonado. – Ele sabia o tempo todo que o nosso casamento acabaria acontecendo. Você sabia que vou me casar com o francês mais excitante do planeta?

– Isso é bem verdade, querida – falou ele muito sério para provocar uma reação. Ela não o decepcionou.

– Você é terrível – brincou ela, antes de os dois rirem. – Jure que você não vai mudar nunca. Sempre será meu Jean-Jacques – implorou ela antes que eles perdessem todo o senso de tempo e lugar nos braços um do outro.

– Eu sou um homem terrível – admitiu ele algum tempo mais tarde, depois de, a contragosto, desgrudar de sua boca para que ela pudesse respirar. – Nunca deixarei outro cara chegar perto

de você. Eu era muito possessivo. Esses cinco anos longe de você foram parte de minha penitência por todos os meus pecados.

“A outra parte você vai ter de pagar ficando sempre perto de mim, sem nunca me perder de vista. Aliás, Dominic temporariamente me nomeou CEO até que você retirasse o seu pedido de demissão. Como oficialmente ainda sou a chefe da empresa, eu o ordeno a tirar uma longa licença de lua de mel.”

Ele riu baixinho enquanto invertia suas posições.

– Ele é um homem de bom coração. Para onde minha deslumbrante futura noiva deseja ir? –

Olhando para ela, ele poderia se afogar em seus lindos olhos castanhos.

– Para qualquer lugar onde você esteja. Feliz Natal, meu amor.

Após respirar fundo, ele a puxou e a ficou agarrando.

– Eu acho que estou muito feliz, Nicole.

– Você apenas acha? Isso soa como um verdadeiro químico falando – murmurou ela em seu pescoço. – Acho que isso significa que vamos ter de passar por centenas de experimentos para testar sua teoria.

A mente dela estava tão excitada quanto o seu corpo, que exercia um poderoso efeito sobre ele. Ele ainda não podia acreditar que a mulher de seus sonhos ia ser sua esposa!

– Talvez milhares e milhares. Chegue mais perto porque vamos começar logo a fazer o nosso primeiro teste..

SALVA PELA SEDUÇÃO

Jane Porter

Deu tudo errado.

Ciente de que Jemma o observava, pacientemente esperando para saber o seu futuro, Mikael finalmente olhou-a.

As sombras dançavam pelas paredes, estendendo-se longamente sobre o piso de azulejo. Não gostava dela, não a admirava. Não via nada de bom nela.

Mas, mesmo sob luz baixa, era possível notar sua beleza.

Não era apenas bonita, era estonteante. O rosto era encantador, em plena simetria com a sobancelha elegante, maçãs do rosto proeminentes e um queixo firme sob lábios encantadores.

Estava pálida de medo e de cansaço, o que destacava os olhos verdes, brilhantes como esmeraldas em contraste com a brancura da pele.

Sentando bastante próximo a ela, pôde sentir seu cansaço. Ficou claro que Jemma estava um caco, talvez prestes a desabar.

Garantiu a si mesmo que não ligava, mas sua beleza o comovia. A mãe dela também era bonita, assim como as duas últimas esposas de seu pai. Um rei podia ter a mulher que desejasse. Por que não seria uma joia rara?

Jemma era uma joia rara.

Mas com um invólucro manchado, maculado.

A decisão era dele. Resgatar a joia ou jogá-la fora? O sheik Azizzi deixara a escolha em suas mãos.

– E aí? – inquiriu Jemma, interrompendo o silêncio tenso. – O que ele sentenciou?

Mikael continuou analisando-a, com o pensamento disperso. Não precisava dela. Não gostava dela. Nunca a amaria.

Mas a desejava.

Não seria difícil levá-la para a cama.

Ficou pensando como seria. Se ela seria doce e ardente ou fria e frígida.

Algo lhe dizia que era doce e ardente. Mas primeiro precisava superar a mágoa que sentia pelos Copeland.

– A decisão cabe a mim. Deram-me duas opções de sentença, preciso escolher uma.

– Por quê?

– Porque o sheik Azizzi me conhece, sabe que quero fazer o que é certo, o que nem sempre é sinônimo de popularidade.

– Não entendi.

– Devo decidir entre a lei antiga, os costumes tribais, e uma punição moderna.

– E você já decidiu?

– Não.

– Quais são as opções?

– Sete anos de prisão domiciliar aqui em Haslam...

– Sete anos?

– Ou me caso com você.

– Isso é piada? Não teve graça nenhuma.

– Não é piada. É uma das opções. Casar com você ou deixá-la aqui, cumprindo prisão domiciliar. – Percebeu-a se encolhendo, o rosto ficando branco. – Eu mencionei que ele não seria leniente. Ele também não é fã dos Copeland. Sabe o que seu pai fez à minha mãe e queria mandar um recado: a Saidia não tolera crimes e imoralidades.

– Mas... Sete anos! – Apoiou-se à borda da mesa. – É... é... muito tempo!

– Sete anos ou casamento – corrigiu ele.

– Não, não, casamento não é uma possibilidade. Não vou casar com você. Jamais. Não poderia...

– Prefere passar sete anos encarcerada?

– Prefiro. Sem dúvidas.

Mikael inclinou-se para trás, analisando o rosto pálido e os olhos dela. Jemma estava mordendo os lábios.

– Não acredito em você.

– Problema seu.

– Eu sou o rei. Posso oferecer uma vida boa para você.

– Não ligo. – Queimou-o com os olhos. – Sete anos presa em casa é infinitamente melhor do que uma vida inteira com você.

Ele deveria ter se ofendido com a resposta. Mas sentiu-se ligeiramente encantado. As mulheres buscavam a atenção dele. Brigavam por ele. Desde que deixara a universidade, tivera uma boa quantidade de amantes, que acabaram virando namoradas.

Adorava as mulheres. Sentia-se bem com elas. Mas não gostava da ideia de casar-se, embora fosse rei e precisasse de herdeiros.

Estava muito ciente de que o sheik Azizzi sabia disso. Mas o sheik, como a maioria da Saidia, queria que o rei se casasse o quanto antes.

O sheik Azizzi também sabia que nada atingiria mais a família Copeland do que ver sua caçula sendo obrigada a se casar.

Era uma punição adequada para uma família que julgava-se acima da lei.

Mas Mikael não queria esposa, relacionamento ou filhos. Para isso tinha amantes. Oferecia presentes e, em troca, elas estariam sempre disponíveis, sem cobranças. Mikael estava dividido entre o dever e seus desejos.

460 – DILEMA DA PAIXÃO – KATE WALKER

Dario Olivero queria vingança. Alyse Gregory precisava de ajuda para se reerguer. Um casamento de conveniência era a solução para ambos. Contudo, eles não esperavam que seriam dominados por um desejo avassalador.

461 – SALVA PELA PAIXÃO – JANE PORTER

Morgan Copeland era a queridinha da América, até cair em desgraça por causa de um escândalo familiar. Para se reerguer, precisará usar todos os artifícios para convencer o impiedoso Drakon Xanthis, seu marido, a ajudá-la.

463 – SALVA PELA SEDUÇÃO – JANE PORTER

Quando a famosa modelo Jemma Copeland exhibe as curvas em um ensaio, quebra as leis de Saidia. E o sheik Mikael irá aproveitar a oportunidade para executar o seu plano de vingança. Por isso, dá a ela apenas duas opções: casamento ou prisão.

Últimos lançamentos:

459 – SEM DEFESAS – CAITLIN CREWS

Próximos lançamentos:

464 – O SEGREDO DO SEU TOQUE – CATHY WILLIAMS

465 – O ÚLTIMO PRÍNCIPE DE DAHAAR – TARA PAMMI

466 – ACORDO ULTRAJANTE – SHARON KENDRICK

467 – O REI LEGÍTIMO DE DAHAAR – TARA PAMMI

468 – ALIANÇA DE TENTAÇÃO – CHANTELLE SHAW

G769s

Graham, Lynne
Segredos de amante [recurso eletrônico] / Lynne Graham; tradução Marie Olivier. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital

Tradução de: The secret his mistress carried
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-2007-8 (recurso eletrônico)

1. Romance irlandês. 2. Livros eletrônicos. I. Olivier, Marie. II. Título.

15-24830
CDD: 828.99153
CDU: 821.111(415)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE SECRET HIS MISTRESS CARRIED
Copyright © 2015 by Lynne Graham
Originalmente publicado em 2015 por Mills & Boon Modern Romance

Título original: BACHELOR AT RISK
Copyright © 2000 by Harlequin Books S.A.
Originalmente publicado em 2000 por Mills & Boon Internet Titles

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br